



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Raissa Cruz Falcade

**PEDAGOGIA DAS ATIVIDADES CIRCENSES: O ENSINO DO TECIDO
“ACROBÁTICO” NO ÂMBITO ESCOLAR.**

Campinas – SP
2024

Raissa Cruz Falcade

**PEDAGOGIA DAS ATIVIDADES CIRCENSES: O ENSINO DO TECIDO
“ACROBÁTICO” NO ÂMBITO ESCOLAR.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física na área de Educação Física e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA RAISSA
CRUZ FALCADE, E ORIENTADA PELO PROF. DR.
MARCO ANTONIO COELHO BORTOLETO.

Campinas – SP
2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

F181p Falcade, Raissa Cruz, 1991-
Pedagogia das atividades circenses : o ensino do tecido "acrobático" no âmbito escolar / Raissa Cruz Falcade. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Circo. 2. Educação básica. 3. Professores. 4. Acrobacias. 5. Aprendizagem. I. Bortoleto, Marco Antonio Coelho. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Pedagogy of circus activities : teaching aerial silk in the school environment

Palavras-chave em inglês:

Circus

Basic education

Teachers

Stunts

Learning

Área de concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Mestra em Educação Física

Banca examinadora:

Marco Antonio Coelho Bortoleto [Orientador]

Fernanda Rossi

Rita de Cassia Fernandes Miranda

Data de defesa: 14-03-2024

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0009-2369-3077>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/9380290833970809>

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto
Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas
FEF-UNICAMP

Profa. Dra. Rita de Cassia Fernandes Miranda
Universidade Federal de Uberlândia
UFU

Profa. Dra. Fernanda Rossi
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNESP- Bauru

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus e aos caminhos percorridos até aqui. Muitas vezes, nos deparamos com situações que não compreendemos completamente. Resistimos, lutamos contra tudo e todos, apenas para, ao longo do tempo, olharmos para trás e percebermos que não existem coincidências. Tudo acontece no momento certo e de maneira exata. Hoje, expresso minha gratidão a Deus pelo obstáculo que me levou a interromper a minha carreira como atleta na ginástica artística, pois através desse “acidente”, tive a oportunidade de entrar em contato com o circo, algo que, sem dúvida, mudou literalmente a minha vida.

Agradeço de todo o coração à minha família. Aos meus pais, que sempre me incentivaram e apoiaram. Ao meu irmão, cuja tranquilidade me ensinou a ter calma, especialmente na hora de escrever esta dissertação. À minha irmã, sem a qual nada disso seria possível. Ela não apenas supriu minha ausência em nossa academia, mas também deu continuidade ao nosso trabalho, estando ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Não posso deixar de expressar minha gratidão a uma pessoa que já não está mais entre nós, mas que foi fundamental para realizar o sonho de cursar o mestrado na Unicamp. Ele me apoiava muito, e apesar de sua breve passagem, ensinou-me que devemos aproveitar cada momento e fazer com que nossa vida valha a pena.

É de extrema importância agradecer a todos os mestres que me guiaram até aqui, às pessoas que passaram pela minha vida e deixaram um pouco de si. Aos técnicos de ginástica, aos mestres da faculdade, especialmente ao Professor Adriano Celante, que, por meio do Professor Marco A. C. Bortoleto, apresentou-me o circo como uma possibilidade de trabalho. Agradeço à Funarte e à Escola Nacional de Circo por possibilitarem meu aprofundamento nesse mundo mágico durante a minha formação profissionalizante. A todos os professores e mestres que tiveram a gentileza e paciência de transmitir seus saberes circenses, em especial a Teco, Ângela Cericola, Latur Azevedo, Aberaldo, Silva, Jamelão, Marcelintom, Patricia e Antonio, e a todos os colegas da primeira turma de bolsistas da ENC, que tornaram minha passagem por lá mais gratificante.

Sou grata aos amigos do Grupo de Pesquisa em Circo (Circus), especialmente ao Gilson Rodrigues e à Fernanda Menegaldo, por esclarecerem dúvidas, incentivarem e apoiarem em cada momento. Aos colaboradores da extensão, que me fizeram refletir sobre minha prática pedagógica, à Luiza, minha companheira nessa jornada, e aos alunos que acreditaram em nosso trabalho. À professora Dra. Laurita Schiavon, que transmitiu seus conhecimentos e práticas pedagógicas, orientando-me no estágio docente e aos meus colegas de turma que juntos

construímos uma evolução e um crescimento de todos. E a todos os professores/as voluntários que participaram de nossa pesquisa, sem os quais, não seria possível.

Expresso minha gratidão ao CNPq pela bolsa concedida durante 14 meses (processo número:130745/2022-7), viabilizando todo o processo para a realização deste sonho. E aos membros da banca examinadora, em especial à Professora Dra. Rita de Cássia Fernandes Miranda e a Professora Dra. Fernanda Rossi, onde suas contribuições e sugestões foram de fundamental importância para o aprimoramento do meu trabalho.

Por fim, primordialmente ao meu mentor em toda essa jornada, agradeço imensamente ao meu Orientador Professor Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto, o responsável por tudo isso, proporcionando-me não apenas entrar no mundo das atividades circenses, mas colaborando em todos os processos e caminhos, me guiando, direcionando e aconselhando para o meu aprimoramento profissional e pessoal. O mestre que mudou literalmente a minha vida.

RESUMO

Esta dissertação analisou o ensino das atividades circenses, com especial atenção ao tecido acrobático, em escolas de educação básica brasileiras, concentrando-se nas características das escolas, nos professores e em suas abordagens educativas. A pesquisa utiliza uma combinação de elementos do método quantitativo e qualitativo, que contou com a participação de 82 professores de todas as regiões do Brasil, foi conduzida por meio de um questionário online, utilizando o método "bola de neve" e busca ativa de participantes. Os resultados evidenciam que o ensino das atividades circenses é mais predominante nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo integrado à disciplina de Educação Física, principalmente em escolas públicas, e adotado como atividade extracurricular nas escolas privadas. As modalidades mais comumente abordadas são a manipulação de objetos e acrobacias de solo. Observamos que as modalidades aéreas e de ator de circo (palhaço) estão sendo desenvolvidas com menor ênfase, embora apresentem maior presença em comparação com estudos anteriores. Após uma análise inicial, realizamos entrevistas semiestruturadas online com quatro professores especialistas no ensino do tecido acrobático na escola investigando seus perfis, as características das escolas e os processos pedagógicos, incluindo planejamento, métodos e avaliações. Encontramos possibilidades e estratégias que podem viabilizar e facilitar o ensino do tecido acrobático na escola. Verificamos que cada docente desenvolve a modalidade levando em consideração suas experiências, contudo, são utilizados jogos, brincadeiras, circuitos, atividades individuais e em grupo, principalmente com o tecido de forma adaptada, em trança ou em gota. Notamos que o envolvimento dos alunos é vital para o sucesso do ensino do tecido, no entanto, incentivar a participação ativa dos alunos como auxiliares e propor desafios que estimulem o desenvolvimento das habilidades acrobáticas são estratégias que fomentam o engajamento e o progresso individual dos estudantes, além disso, implementar fichas autoavaliativas contribui para uma experiência educacional enriquecedora e segura. Por fim, concluímos a nossa pesquisa compartilhando alguns princípios pedagógicos e atividades que podem apoiar os educadores na incorporação dessa modalidade em suas aulas. Assim sendo, a pesquisa reforça um processo crescente de ampliação do ensino das atividades circenses no ambiente escolar e indica a necessidade de maior formação e suporte aos professores que desejam explorar esse campo de ensino.

Palavras-chave: circo, educação básica, professores, acrobacias, aprendizagem.

ABSTRACT

This dissertation analyzed the teaching of circus activities, with special attention to the aerial silk, in Brazilian basic education schools, focusing on the characteristics of the schools, the teachers and their educational approaches. The research uses a combination of elements of the quantitative and qualitative method, with the participation of 82 teachers from all regions of Brazil, it was conducted through an online questionnaire, using the "snowball" method and active search for participants . The results show that the teaching of circus activities is more prevalent in the early years of Elementary School, being integrated into the Physical Education discipline, mainly in public schools, and adopted as an extracurricular activity in private schools. The most commonly covered modalities are object manipulation and ground acrobatics. We observed that the aerial and circus actor (clown) modalities are being developed with less emphasis, although they present a greater presence compared to previous studies. After an initial analysis, we carried out semi-structured online interviews with four teachers specializing in teaching acrobatic fabric at school, investigating their profiles, the characteristics of the schools and the pedagogical processes, including planning, methods and evaluations. We found possibilities and strategies that can enable and facilitate the teaching of aerial silks at school. We found that each teacher develops the modality taking into account their experiences, however, games, circuits, individual and group activities are used, mainly with the aerial silks in an adapted form, in braids or in drops. We note that student involvement is vital to the success of teaching weaving, however, encouraging the active participation of students as assistants and proposing challenges that stimulate the development of acrobatic skills are strategies that encourage student engagement and individual progress, Furthermore, implementing self-assessment sheets contributes to an enriching and safe educational experience. Finally, we conclude our research by sharing some pedagogical principles and activities that can support educators in incorporating this modality into their classes. Therefore, the research reinforces a growing process of expanding the teaching of circus activities in the school environment and indicates the need for greater training and support for teachers who wish to explore this field of teaching.

Keywords: circus, basic education, teachers, stunts, learning.

RESUMEN

Esta disertación analizó la enseñanza de las actividades circenses, con especial atención al tejido acrobático, en las escuelas de educación básica brasileñas, centrándose en las características de las escuelas, los profesores y sus enfoques educativos. La investigación utiliza una combinación de elementos del método cuantitativo y cualitativo, con la participación de 82 docentes de todas las regiones de Brasil, fue realizada a través de un cuestionario en línea, utilizando el método "bola de nieve" y búsqueda activa de participantes. Los resultados muestran que la enseñanza de actividades circenses tiene mayor prevalencia en los primeros años de la Escuela Primaria, integrándose a la disciplina de Educación Física, principalmente en las escuelas públicas, y adoptada como actividad extraescolar en las escuelas privadas. Las modalidades más comúnmente cubiertas son la manipulación de objetos y las acrobacias en el suelo. Observamos que las modalidades de actor aéreo y circense (payaso) se están desarrollando con menor énfasis, aunque presentan una mayor presencia respecto a estudios anteriores. Después de un análisis inicial, realizamos entrevistas online semiestructuradas con cuatro profesores especializados en la enseñanza del tejido acrobático en la escuela, investigando sus perfiles, las características de las escuelas y los procesos pedagógicos, incluyendo planificación, métodos y evaluaciones. Encontramos posibilidades y estrategias que pueden posibilitar y facilitar la enseñanza del tejido acrobático en la escuela. Encontramos que cada docente desarrolla la modalidad teniendo en cuenta sus experiencias, sin embargo, se utilizan juegos, juegos, circuitos, actividades individuales y grupales, principalmente con la tela en forma adaptada, en trenzas o en gotas. Observamos que la participación de los estudiantes es vital para el éxito de la enseñanza del tejido, sin embargo, fomentar la participación activa de los estudiantes como asistentes y proponer desafíos que estimulen el desarrollo de habilidades acrobáticas son estrategias que fomentan el compromiso de los estudiantes y el progreso individual, además, implementar la autoevaluación. Sheets contribuye a una experiencia educativa enriquecedora y segura. Finalmente, concluimos nuestra investigación compartiendo algunos principios y actividades pedagógicos que pueden ayudar a los educadores a incorporar esta modalidad en sus clases. Por tanto, la investigación refuerza un creciente proceso de ampliación de la enseñanza de las actividades circenses en el ámbito escolar e indica la necesidad de una mayor formación y apoyo a los profesores que deseen explorar este campo de la enseñanza.

Palabras clave: circo, educación básica, docentes, acrobacias, aprendizaje.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quando tudo começou: Eu e minha irmã, quando iniciamos os treinos de ginástica Artística	17
Figura 2: Trabalhos com o tecido acrobático: Academia Dupla Arte e Escola Particular do interior de São Paulo.	18
Figura 3: Aula de Tecido ministrada na Disciplina EF962A- Atividades Circenses e Educação Física- Programa de Estágio Docente (PED- 2022)	18
Figura 4 : Etapas dos procedimentos metodológicos	32
Figura 5: Última competição de Ginástica Artística 2008	34
Figura 6 : Projeto de Extensão de Circo- ESEF	35
Figura 7: ENC-RJ, 2011	36
Figura 8: Monitora do Projeto Circo Oficina	37
Figura 9: Primeira turma de tecido acrobático em academia	38
Figura 10: Aula de tecido na escola.....	39
Figura 11: Monitora do Projeto de Extensão de tecido acrobático na Unicamp	40
Figura 12 - Principais desafios enfrentados pelos professores:.....	52
Figura 13: Soluções e ideias pedagógicas utilizadas pelos docentes:	53
Figura 14: Tecido em gota.....	56
Figura 15: Sala utilizada para a aula de atividades circenses no colégio da região metropolitana de São Paulo em 2015.	67
Figura 16 : Sala utilizada para as aulas de atividades extracurriculares no colégio do interior de São Paulo	67
Figura 17: Tecido em trança.....	88
Figura 18: Homem aranha na trança.....	89
Figura 19 : Subida simples (escalada) na aula de tecido	89
Figura 20: Estratégias para o ensino do tecido no âmbito escolar.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Divulgação do questionário online.....	32
Quadro 2: Localidade de atuação dos participantes	42
Quadro 3 – Instituição de formação inicial	46
Quadro 4: Modalidades ensinadas	51
Quadro 5: Resultados da seleção para a entrevista.....	60
Quadro 6: Aspectos gerais dos docentes em suas aulas de tecido.....	72
Quadro 8- Mãe da rua.....	99
Quadro 9: Trenzinho.....	100
Quadro 10: Queimada.....	100
Quadro 11: Gato mia	101
Quadro 12: Quem consegue ficar mais tempo?.....	101
Quadro 13: Tarzan	102
Quadro 14: Balanço	102
Quadro 15: Casulo	103
Quadro 16: Balezinho	103
Quadro 17: Homem aranha.....	104
Quadro 18: Anjinho	104
Quadro 19: Abertura com bota	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade dos participantes do questionário.	42
Gráfico 2: Grau de instrução	43
Gráfico 3: Formação inicial.....	44
Gráfico 4: Tempo como professor na escola que atua com o circo.....	48
Gráfico 5: Característica da escola	49
Gráfico 6: Segmento escolar.....	49
Gráfico 7: Onde a aula de atividades circenses está inserida.	50
Gráfico 8: Quantidade de alunos por turmas nas aulas de atividades circenses.....	51
Gráfico 9- Auxílio nas aulas de atividades circenses	52
Gráfico 10- Docentes que ensinam tecido em suas aulas	53
Gráfico 11: Razão de não ensinar a modalidade de tecido acrobático	54
Gráfico 12: Quantidade de alunos nas aulas de tecido.	55
Gráfico 13: Quantidade de aulas de tecido mensal.....	56
Gráfico 14: Auxílio nas aulas de tecido.....	57
Gráfico 15: Apresentação de tecido na escola.....	57

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

ESEF- Jundiaí – Escola Superior de Educação Física

ENC- Escola Nacional de Circo- Rio de Janeiro

EJA- Educação de Jovens e Adulto

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CIRCUS- Grupo de Pesquisa em Circo

TCLE- Termo de Consentimento Livre e esclarecido

AABB- Associação Atlética Banco do Brasil

LEPACC - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Arte e Cultura Circense

FUNARTE- Fundação Nacional de Artes

UNICAMP- Universidade Estadual e Campinas

ProfArtes/UFPB- Programa de mestrado profissional em artes em rede nacional-
Universidade Federal da Paraíba

SESC- Serviço Social do Comércio

FEF- Unicamp- Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Campinas

UNIANDRADE - Centro Universitário Campos de Andrade

ESEF-UFPeI- Escola Superior de Educação Física de Pelotas

ESMAC- Escola Superior Madre Celeste

FAG- Faculdade Assis Gurgacz

FACEL- CTBA - Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras

FAEFIJA - Faculdade Estadual de Educação Física de Jacarezinho

PR- Paraná

FUNEC- Faculdade Integrada de Santa Fé do Sul

FMU- Faculdades Metropolitanas Unidas-

FESC- Fundação Educacional São Carlos

PUC- Pontifícia Universidade Católica de Campinas

PUC PR- Pontifícia Universidade Católica do Paraná

USP- Universidade de São Paulo

UEG- Universidade Estadual de Goiás

UEL- Universidade Estadual de Londrina

UEPG- Universidade Estadual de Ponta Grossa

UEM- Universidade Estadual do Maringá

UNESPAR- Universidade Estadual do Paraná-

UNESP - Presidente Prudente- Universidade Estadual Paulista

UNESP – Araraquara- Universidade Estadual Paulista

UNESP - Rio Claro- Universidade Estadual Paulista

UNESP- Bauru- Universidade Estadual Paulista

UFPB- Universidade Federal da Paraíba

UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

UFSCar- Universidade Federal de São Carlos

UFPR- Universidade Federal do Paraná

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNOPAR- Universidade Norte Paraná

UNIP- Universidade Paulista

UTP- Universidade Tuiuti do Paraná

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	20
1.1 Contexto e justificativas	25
Capítulo 2. MÉTODO	28
Capítulo 3. RELATO AUTOBIOGRÁFICO SOBRE ENSINAR E PESQUISAR O CIRCO NA ESCOLA.....	34
3.1. O processo que me levou onde estou; primeiro contato com o circo em seus diversos âmbitos.....	34
Capítulo 4. ESTUDO DE CAMPO: ESCOLAS E PROFESSORES DE CIRCO	40
4.1. Questionário para levantamento preliminar.....	41
4.2 Professores selecionados para a entrevista	59
Capítulo 5. O ENSINO DO TECIDO ACROBÁTICO NA ESCOLA	62
5.1 O que fazem os docentes experientes	62
5.2 O perfil das escolas e o processo de implementação.	64
5.3 Infraestrutura e segurança para as atividades	66
5.4 Sobre as aulas de tecido.....	72
Estrutura de Aula	72
Participação de auxiliares	75
Planejamento das aulas	76
Conteúdo das aulas	82
Processos pedagógicos e metodologias	85
Processo de avaliação	91
Desafios pedagógicos observados	95
Capítulo 6. Possibilidades pedagógicas.....	97
6.1 Estratégias para o ensino do tecido acrobático na escola	98
6.2 Sobre o desenvolvimento do tecido acrobático na escola	99
Capítulo 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICES	118
APÊNDICE A – Convite do Questionário online	118
APÊNDICE B- Questionário online.....	119
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para questionário	

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a entrevista semiestruturada online	132
APÊNDICE E - Roteiros de Entrevistas.....	136
APÊNDICE F - Transcrição das entrevistas.....	144
ANEXOS.....	177
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Aprovado.....	178
ANEXO B: Carta convite	180

APRESENTAÇÃO

Costumo me apresentar como ex-atleta de ginástica artística, formada em bacharelado e licenciatura em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física, ESEF-Jundiaí- SP e formada pela Escola Nacional de Circo - ENC-RJ. Mas entendo que é preciso explicar com maior detalhamento.

De uma forma inesperada o circo entrou na minha vida, após uma lesão no joelho adquirida por uma queda na ginástica artística, fui impedida de voltar aos treinos e através de um projeto de extensão da faculdade, me deparei com o circo, onde, encontrei uma “porta” para uma nova atividade física.

Atualmente, posso dizer que não vivo sem “ele”. Hoje, sou professora de circo de colégios particulares e tenho a minha própria academia dedicada ao ensino do circo, e mais precisamente, das modalidades aéreas. Vivi intensamente essa prática em diversos ambientes, como academias, projetos sociais e escolas, também tive a oportunidade de vivenciar o circo em suas diversas maneiras, tais como: artista, aluna, monitora e professora. Desse modo, foi possível adquirir uma experiência significativa com as atividades circenses.

Depois de alguns anos com a modalidade na escola, refleti que deveria ir em busca de novos conhecimentos e foi neste momento que me aproximei do Grupo de Pesquisa em circo, Circus, onde pude verificar que seria possível estar me aprofundando nesse tema, com o apoio do Grupo e com o Mestrado na Unicamp.

Figura 1: Quando tudo começou: Eu e minha irmã, quando iniciamos os treinos de ginástica Artística.



Fonte: Arquivo pessoal (1996).

Figura 2: Trabalhos com o tecido acrobático: Academia Dupla Arte e Escola Particular do interior de São Paulo.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Figura 3: Aula de Tecido ministrada na Disciplina EF962A- Atividades Circenses e Educação Física- Programa de Estágio Docente (PED- 2022)



Fonte: Arquivo pessoal. (2023).

Outra experiência que não posso deixar de comentar é de estar realizando o meu sonho de fazer Mestrado na Unicamp, pude desfrutar da Unicamp em seus diversos âmbitos; na pesquisa com o Grupo de Pesquisa em circo, Circus, nas disciplinas, nas comissões de organização de eventos, nos projetos de extensão de tecido para iniciante e intermediário, e sem dúvida umas das melhores oportunidades que tive, foi realizar o estágio docente acompanhando o Prof. Dr. Marco A. C. Bortoleto na disciplina EF962 - Atividades Circenses e Educação Física e a Prof. Dra. Laurita Schiavon com a disciplina EF305- Ginástica Artística, sendo assim, tive a oportunidade de ter várias vivências importantíssimas, com professores, colegas e pesquisadores.

Vários momentos da minha trajetória profissional foram marcados por determinados comportamentos que precisei rever, refletir e repensar sobre o ato de ensinar circo, principalmente as modalidades aéreas. Diferentes aspectos me levaram a determinados procedimentos que me auxiliaram no desenvolvimento do tecido na escola, porém ainda possuo algumas dificuldades, portanto, conhecer, entender e divulgar como outros professores estão ensinando essa modalidade auxiliará no desenvolvimento das minhas aulas e incremento cada vez maior do tecido no âmbito escolar.

1. INTRODUÇÃO

A presença do circo nos mais diversos lugares e o contato de todas as classes sociais com essa linguagem artística vêm ampliando exponencialmente a prática sob os mais distintos anseios: condicionamento físico, terapêutico, lazer, educacional e artístico (COSTA et.al., 2008; DUPRAT, 2014). De modo gradual a educação básica oferecida pelas instituições escolares se tornou um destes espaços de prática, mas falaremos disso mais adiante.

De modo particular, “O circo só se perpetuou graças a dois aspectos: a transmissão do saber de pai para filho e o ensino proporcionado por uma escola” (SILVA, ABREU, 2009, p. 25). Antigamente a prática do circo era somente para os filhos de circenses, repassado de geração para geração, ou para aqueles que fugiam com o circo (DUPRAT, 2007). Silva e Abreu (2009) ressaltam que no decorrer do tempo as famílias tradicionais passaram por muitas transformações, assim, houve a necessidade de ensinar circo para fora da lona, surgindo, então, as escolas de circo

Para Costa et. al. (2008), no decorrer do século XIX, a estrutura do circo brasileiro também sofreu algumas mudanças estruturais, onde os artistas começaram a sair da rua para apresentar-se em lugares fechados, se instalando na periferia de grandes cidades, possibilitando as cobranças de ingresso. O autor ainda salienta que no final do século XX os circos fixos fecham as portas e há um retorno ao circo ambulante. Duprat (2007) refere-se que esta decadência pode estar relacionada aos pequenos investimentos que o governo fazia e a alta concorrência com o cinema, o teatro e a televisão, porém, o circo sempre se transformou, o surgimento das escolas de circo na década de 1980, caracterizaram a tendência do “circo contemporâneo”:

Mas, então, não existe o novo? É claro que sim, mas não onde é apontado: na estética, no espaço onde ele trabalha (seja no picadeiro, no palco, na rua, na praça, no ginásio, no galpão etc.), pois a produção circense sempre foi e deve ser um diálogo tenso e constante com as múltiplas linguagens artísticas de seu tempo. É no processo de ensino/aprendizagem e no modo de organização do trabalho que se passam as transformações. (Silva, 2011.p.13).

Conseqüentemente, as primeiras implantações das escolas de circo no Brasil datam das últimas décadas do século XX. Mais especificamente, a primeira escola a ser fundada foi em 1978 em São Paulo, a Academia Piolin de Artes Circenses, porém, segundo Silva e Abreu (2009) esta escola permaneceu funcionando por apenas quatro anos, de modo que em 1983 já havia fechado. Em 1982, foi criada pelo Governo Federal a Escola Nacional de Circo (ENC), no Rio de Janeiro; em 1984 o Circo Escola Picadeiro em São Paulo e a Escola Picolino de Circo

em Salvador no ano de 1985. (DUPRAT, 2007; KRONBAUER, NASCIMENTO, 2019; MATHEUS, 2016; RAMOS, 2003). Essa movimentação se ampliou consideravelmente e, atualmente, o Brasil possui centenas de espaços formativos em atividades circenses (BARRETO, DUPRAT, BORTOLETO, 2021).

No entanto, o circo deixou de ser uma atividade unicamente profissional, como já mencionado anteriormente, ressurgiu em diferentes ambientes e contextos. Desse modo, viabilizar as práticas circenses nas escolas de ensino básico regular também é um meio para resgatar e incluir a diversidade e a cultura, possibilitando o circo como um instrumento de inovação como temas e conteúdo a serem trabalhados nas escolas, principalmente nas aulas de educação física, visto que é uma atividade que motiva, e que pode instigar mais as crianças, além de trazer muitos benefícios em diversos aspectos (BORTOLETO, 2011; DUPRAT, BORTOLETO, 2007; ONTAÑÓN, 2016, RIBEIRO, et al, 2021). De acordo com Ontañón, Duprat e Bortoleto (2012) concluíram que a partir de 1990 as publicações, artigos, livros, referentes as atividades circenses no âmbito escolar começaram a surgir em maior número, no entanto só no ano de 2000 houve um significativo crescimento na dimensão educativa da arte circense em trabalhos da área de Educação Física. (BORTOLETO, 2023; ONTAÑÓN, DUPRAT, BORTOLETO, 2012).

Vários autores defendem a atividade circense na aula de educação física, por justificarem que esta arte faz parte da cultura humana. O circo é uma manifestação cultural elaborada pela humanidade ao longo de sua história e por isso merece estar entre os conteúdos abordados (BORTOLETO, 2014; DUPRAT, BORTOLETO, 2007; SANTOS RODRIGUES, 2018; RIBEIRO et.al., 2021). Para Zaim-de-Melo et. al., (2020) a atividade circense permite com que o aluno explore novas habilidades, sendo estes movimentos além dos habituais, dessa forma é de fundamental importância ter o circo nas aulas de educação física para auxiliar no desenvolvimento integral da criança (BORTOLETO, MACHADO, 2003; BORTOLETO et al., 2020; DUPRAT, PÉREZ GALLARDO, 2010; HOTIER, 2003; INVERNÓ, 2003; FOUCHET, 2006; RIBEIRO, et al, 2021).

Conforme Santos Rodrigues et al. (2021), as atividades circenses estão presentes na escola básica desde a Educação Infantil até na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Porém, o estudo aponta um aumento no relato de ensino das atividades circenses na Educação Infantil, um crescimento no Ensino Fundamental I e II, poucos relatos no Ensino Médio e pouquíssimos relatos de ensino do Circo na EJA (BORTOLETO et al., 2020; CARDANI et al., 2017; CHIODA, 2018; RIBEIRO et al., 2021). Assim, podemos dizer que as atividades circenses nas escolas já são uma realidade brasileira (MUNHOZ, RAMOS, 2008; RIBEIRO et. al., 2021,

SANTOS RODRIGUES et al., 2021) temos como exemplo desse reconhecimento, a cartilha de capacitação profissional do Programa Segundo Tempo (GOYAZ, 2005), a proposta curricular do estado do Paraná (2006; 2008) e do Rio Grande do Sul (2009). Nesse sentido, de acordo com Santos Rodrigues (2018), encontramos o circo nas escolas básicas brasileiras sob diversas maneiras, tais como; apresentações artísticas, cursos, oficinas, palestras, projetos extracurriculares, disciplina curricular, conteúdo de uma disciplina e projetos escolares interdisciplinares ou transdisciplinares.

Não obstante, pesquisas indicam que a presença do Circo na escola e na Educação Física escolar na maioria dos casos acontecem por intermédio e iniciativa dos próprios docentes (BORTOLETO et al., 2011; BORTOLETO et al., 2020; ONTAÑÓN, BORTOLETO, 2014; ONTAÑÓN, 2016; ONTAÑÓN et al., 2016; RIBEIRO et al., 2021). No entanto, conforme comenta Santos Rodrigues et. al. (2021, p. 171.), “ainda há empecilhos que afasta o ensino das atividades circenses das escolas e, assim, dirime o potencial de uma educação corporal, artística e estética.”

De acordo com Ontañón, Duprat e Bortoleto (2012); Duprat (2014) e Tucunduva (2015) uma das principais limitações ainda presentes na realidade nacional é a falta desse conteúdo na formação específica em circo para os professores de educação física. Ontañón, Duprat e Bortoleto (2012) apontam limitações teóricas, procedimentais e de segurança Santos Rodrigues et al. (2021) assentam que o processo de avaliação didático-pedagógico é outro fator que pode ser um obstáculo para a inserção das atividades circenses na escola, já que há poucos documentos que relatam detalhadamente como foi avaliado o conhecimento e a partir de quais critérios chegou-se a determinados conceitos.

Por outro lado, questões relacionadas à dinâmica das classes/turmas; a agitação dos alunos, desmotivação e desinteresse, entretanto, esses contratempos não são encontrados unicamente nas aulas de atividades circenses e sim no cotidiano das escolas (SOUSA, et al., 2019).

Bortoleto e Machado (2003); Duprat e Bortoleto (2007); Zanotto e Souza Júnior (2016) ressaltam que algumas modalidades, tais como; malabares de objetos, acrobacias de solo e equilíbrio predominam na prática, estas geralmente consideradas de pequeno porte, pois necessitam de materiais pequenos ou somente o corpo, assim sendo de mais fácil aplicabilidade na escola (TEGAN; BORTOLETO, 2021). Desse modo, percebe-se que o ensino das modalidades aéreas no âmbito escolar requer maior atenção, embora, como veremos neste estudo, já existam múltiplas experiências em escolas brasileiras.

Dentre as diversas modalidades aéreas circenses temos como os mais tradicionais; trapézio e suas variações, lira, corda indiana, argola olímpica e o tecido (BORTOLETO; CALÇA, 2007). O presente estudo destaca o tecido acrobático¹, no qual é uma modalidade que está crescendo na sociedade contemporânea, cada vez mais pessoas procuram a prática dessa modalidade com diversos intuitos (BATISTA, 2003; BORTOLETO, SOARES, 2011). Dentro dos aéreos podemos dizer que o tecido acrobático é uma das modalidades de mais fácil aprendizagem, e menos dolorido, pois o material se molda ao corpo. (CALÇA; BORTOLETO, 2007).

De modo particular, a prática das modalidades aéreas, incluindo o tecido, necessita o uso de materiais de médio e grande porte, entre eles estruturas (traves) para ancoragem e colchões. Uma atividade que requer cuidados específicos de segurança (FERREIRA, BORTOLETO, SILVA, 2015) da montagem ao processo pedagógico. Nesse sentido, Santos Rodrigues (2018, p.28), enfatiza que “é preciso conhecer melhor o cotidiano das unidades escolares e relatar como o processo de incorporação da temática circense na Educação Física escolar vem ocorrendo”. Em consonância com o autor, Santos Rodrigues e Bortoleto (2022), acreditam que se essas experiências dos docentes que atuam com as atividades circenses forem compartilhadas (através de conversas, relatos, narrativas e produções científicas) com outros professores, podem ajudar na construção e no embasamento de sua atuação, de forma que possa vir assessorar em uma pedagogia adaptada à diferentes realidades e estratégias didático-pedagógica, colaborar na formação dos professores, promover e incentivar a cultura de segurança das modalidades circenses, contribuir na contextualização histórico-cultural dos saberes e práticas circenses, podendo incentivar a inserção de diversas modalidades em espaços educativos (ONTAÑÓN, BORTOLETO, SILVA, 2013; ONTAÑÓN, BORTOLETO, 2016; SANTOS RODRIGUES et al., 2020).

Considerando o exposto, o objetivo do presente estudo consiste em analisar o ensino do tecido no âmbito escolar combinando a experiência da autora com a de outros professores e professoras especialistas², fundamentada no questionamento: Como é ensinada a modalidade aérea de circo, o tecido, no âmbito escolar?

A partir desse questionamento, temos como objetivos específicos; a) Identificar na literatura os argumentos que sustentam o ensino do circo no ambiente escolar seja como

¹ Utilizamos o termo tecido acrobático, porém também pode ser conhecido como sedas aéreas, tecido liso, tecido aéreo, dança aérea, ou apenas tecido (CALÇA; BORTOLETO, 2007).

² Para este estudo consideramos especialistas professores que ensinam tecido acrobático há mais de um ano nas escolas de ensino básico.

conteúdo de uma disciplina, projetos extracurriculares, disciplina escolar do período integral; b) Descrever e analisar a experiência da pesquisadora em uma escola privada do Estado de São Paulo com o ensino do “tecido acrobático” como atividade curricular do período integral e extracurricular; c) Identificar e pesquisar professores/as de diferentes áreas que ensinam tecido na escola, destacando as suas dificuldades enfrentadas bem como as soluções pedagógicas desenvolvidas; d) Verificar os conteúdos desenvolvidos em aula e suas metodologias, observando os processos de ensino – aprendizagem, os procedimentos e critérios avaliativos utilizados, apontando possíveis princípios pedagógicos que viabilizem o ensino do tecido de forma participativa, fluida e adequada às características do ensino escolar.

Assim sendo, embora diferentes problemáticas tenham sido identificadas quanto ao ensino do tecido no contexto escolar (BORTOLETO, SILVA, 2015; CARDANI, 2018; DUPRAT, 2007; FERREIRA, MELO, 2020; ONTAÑÓN, 2016; SANTOS RODRIGUES, 2018; ZAIM-DE-MELO et al., 2020), o presente estudo parte da hipótese de que é possível o ensino, com estratégias que viabilizem a participação dos/as alunos quer seja em aulas curriculares de educação física, bem como em projetos extracurriculares.

Desse modo, a dissertação foi organizada em seis capítulos, cada um dedicado a aspectos específicos da pesquisa. Na introdução oferecemos uma visão geral sobre as atividades circenses, destacando a importância e a relevância do problema de pesquisa, onde identificamos algumas lacunas na literatura existente e demonstramos a nossa justificativa para o estudo em questão.

No segundo capítulo, detalhamos a metodologia utilizada na pesquisa, explicando as escolhas metodológicas, os procedimentos de coleta de dados, e a análise empregada para responder às questões de pesquisa.

O terceiro capítulo, combina um relato autobiográfico e uma revisão da literatura sobre o tema, delimitando o referencial que foi empregado como base para a abordagem adotada na pesquisa de campo.

Apresentamos, no quarto capítulo, os resultados da fase inicial da pesquisa realizada por meio de um questionário online, discutindo criticamente à luz da literatura disponível.

O quinto capítulo traz aspectos importantes do ensino do tecido acrobático no âmbito escolar, a partir das análises das entrevistas com docentes especialistas, debatido com base na experiência da pesquisadora-docente.

No último capítulo, o sexto, resumimos os principais achados da pesquisa e apontamos possíveis estratégias e atividades para o desenvolvimento do tecido acrobático na escola, de modo a vir subsidiar os docentes que queiram introduzir essa modalidade em suas aulas.

Finalizamos a dissertação, com algumas considerações finais, destacando as contribuições para o campo de estudo, além de argumentar as limitações da pesquisa, sugerimos direções para futuras pesquisas e oferecemos reflexões finais sobre o trabalho desenvolvido.

1.1 Contexto e justificativas

Nos últimos 50 anos notamos uma maior presença do circo, incluindo nos meios de comunicação, principalmente devido a uma mudança no modo de formação dos artistas, passando de uma formação familiar para distintas oportunidades em centros especializados de ensino (escolas de circo) (DUPRAT, 2014; TORRES, 1998; DUPRAT, 2014). Assim sendo, a transmissão oral dos saberes entre gerações, vem sendo acompanhada pelo ensino institucionalizado, tornando a formação de artistas e também de formadores, mais acessível.

Consequentemente, percebemos o circo cada vez mais presente em diferentes espaços, atendendo o que Bortoleto e Machado (2003) classificam como diferentes âmbitos, ou seja, artístico-profissional, recreativo e educacional. Embora todas as manifestações e experiências circenses contribuam de algum modo com os processos educacionais e, portanto, valorizam o circo como parte integrante e relevante da cultura corporal, devemos destacar que o circo como atividade profissional enfoca a performance (o espetáculo), assim como a prática recreativa busca o envolvimento lúdico e o circo no âmbito educacional, que pretende contribuir ativamente com processos educacionais, no desenvolvimento integral do aluno (BORTOLETO, ONTAÑÓN, SILVA, 2016; HOTIER, 2003; RIBEIRO et al., 2021).

Em consequência, é cada vez mais importante o ensino do circo em programas educacionais, incluindo aqueles realizados nas escolas, curricular ou extracurricularmente/complementares³ (BORTOLETO et al., 2020; CARDANI, 2018; MELO, 2020; ONTAÑÓN, 2016). Ademais, é notório a implementação do ensino do circo no campo específico da educação física escolar, buscando apresentar essa linguagem artística, proporcionar a vivência e a aproximação com essa cultura (SANTOS RODRIGUES, 2018), e, finalmente, incluir o circo como saber/conteúdo regular da educação física (DUPRAT, BORTOLETO, 2007). Como complementa Bortoleto (2011, p.49) “somente com um

³ Atividade extracurricular ou complementar refere-se às atividades realizadas fora do currículo regular obrigatório nas escolas de educação básica. Essas atividades são consideradas complementares ao ensino tradicional em sala de aula e são projetadas para oferecer aos alunos oportunidades adicionais de aprendizado e desenvolvimento (MELO, 2020).

comprometimento sério, que inclua o estudo e a pesquisa, é que poderemos, num futuro não tão longínquo, garantir aulas de qualidade”.

Em síntese, como defendem Ribeiro et al. (2021), há duas grandes justificativas para a inserção das atividades circenses na escola. Uma é em relação à arte do circo, como história da nossa cultura, e a outra se diz respeito ao potencial educativo de desenvolvimento do indivíduo que ultrapassa a perspectiva motora. Invernó (2003) e Fouchet (2006), afirmam que a prática do circo reúne uma série de características, que podem contribuir para a educação integral do aluno, nas diferentes dimensões da experiência: afetiva, social, cognitiva e motora.

Outros diversos estudos ressaltam que a prática da atividade circense no contexto escolar (BORTOLETO, 2014) pode contribuir com os diferentes objetivos da Educação Física (DUPRAT, PÉREZ GALLARDO, 2010; INVERNÓ, 2003) como disciplina curricular. Dentre eles, destacam-se o desenvolvimento comunicativo, a sensibilidade, o trabalho em cooperação, o desenvolvimento da criatividade, autossuperação, autoconhecimento, a melhora da autoestima (BORTOLETO et al., 2020; BORTOLETO, MACHADO, 2003; DUPRAT, PÉREZ GALLARDO, 2010; HOTIER, 2003). Entre outros aspectos, Dear et. al. (2020) comprova o desenvolvimento físico em crianças com maior igualdade de gênero. Nesse sentido, Bortoleto et al. (2020) identifica que as atividades circenses podem proporcionar um maior aumento nas participações das aulas curriculares e extracurriculares, já que envolve crianças de todos os gêneros. Com isso, a Educação Física pode ser considerada uma das “portas de entrada” para o circo na escola (CARDANI et al., 2017; RIBEIRO et al., 2021).

Porém, temos evidências que as modalidades aéreas são menos ensinadas no ambiente escolar, pois exigem mais infraestrutura, além de precisar mais tempo, pois consideramos uma modalidade individual, dessa maneira apenas uma pessoa ocupa o tecido por vez, também temos que citar a falta de subsídios que os professores possuem, tanto como um referencial teórico e prático, ou pela própria insegurança em trabalhar com uma modalidade dita arriscada. (CARDANI, 2018; DUPRAT, 2007; FERREIRA, BORTOLETO, SILVA, 2015; MELO, 2020; MUNHOZ, RAMOS, 2008; ONTAÑÓN, 2016; SANTOS RODRIGUES, 2018; ZAIM-DE-MELO et al., 2020). Isso porque as modalidades aéreas são consideradas qualquer prática circense em que o praticante utiliza aparelhos específicos suspensos de modo que seus truques aconteçam sem o contato com o chão (BORTOLETO, CALÇA, 2007).

Para compreendermos melhor a dinâmica e os desafios do ambiente escolar, alguns conceitos são fundamentais. Compreendemos que a escola é uma instituição dedicada à educação e ao ensino, e assim entendemos que as concepções da escola podem variar dependendo do contexto histórico, cultural e filosófico, também envolve discutir as ideias e

princípios que fundamentam sua organização e propósito. Isso pode abranger questões como a visão de educação, os valores, os objetivos educacionais, as metodologias de ensino e aprendizagem, entre outros aspectos.

É importante ressaltar que essas concepções podem ser adaptadas e contextualizadas de acordo com as políticas educacionais, e as características dos participantes. Cada escola pode ter suas particularidades, mas esses princípios fundamentais norteiam a organização e o propósito educacional. No caso do Brasil, temos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que é um documento que estabelece os conhecimentos, competências e habilidades que todos os estudantes devem desenvolver ao longo da educação básica no Brasil. Embora a BNCC não defina explicitamente a visão de educação e valores, ela apresenta diretrizes que refletem certas perspectivas educacionais e princípios.

Para Macari (2021) a BNCC enfatiza uma visão de educação que busca promover o desenvolvimento integral dos estudantes contemplando aspectos cognitivos, socioemocionais, éticos e cidadãos. Ela reconhece a importância de uma educação que promova o pensamento crítico, a criatividade, a colaboração, a autonomia e a formação de sujeitos capazes de lidar com os desafios da vida pessoal, social e profissional. Neste sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece os objetivos educacionais que devem ser buscados pela escola ao longo da educação básica no Brasil. Esses objetivos são definidos para cada etapa de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

Porém ainda existem algumas lacunas, ressaltamos que há apenas duas menções relacionado ao circo na BNCC (BRASIL, 2018), primeiramente referindo-se sobre a importância que o ensino de Arte leve em conta a interação entre diferentes formas de expressão artística e que permita a exploração e reflexão sobre formas de arte híbridas, como as artes circenses, o cinema e a performance e quando se diz respeito à Educação física na Unidade temática de Ginástica, a possibilidade de trabalhar o aparelho trapézio e os jogos de malabar ou malabarismo.

Desse modo, entendemos que a inserção das atividades circenses ainda requer esforços significativos para a sua implementação e manutenção nas escolas e portanto compreendemos que a experiência produzida por professores/as neste contexto é um dos caminhos para ampliarmos os conhecimentos, aumentar o intercâmbio e, com isso, adensar a nossa compreensão sobre as distintas estratégias que podemos empregar para ensinar o circo, mais precisamente o tecido acrobático na escola com segurança e em harmonia com os objetivos e as condições escolares gerando não somente a prevenção ou a promoção da saúde, mas facilitando o acesso a essa cultura. Por essa razão, a presente pesquisa combina a experiência

da pesquisadora, que atua há anos diretamente com o ensino do circo na escola, inclusive, com a modalidade de tecido, juntamente com a de outros docentes especialistas, visando discutir as possibilidades e dificuldades enfrentadas no âmbito da escola.

Capítulo 2. MÉTODO

O presente estudo consiste numa pesquisa mista, combinando elementos qualitativos e quantitativos, portanto, de natureza exploratória e descritiva (MARCONI, LAKATOS, 2003; THOMAS, NELSON, SILVERMAN, 2012). O estudo tem início por uma narrativa autobiográfica ou narrativa de vida autobiografia (JOSSO, 2010), se concentrando na investigação e análise da vida da pesquisadora, focando nas experiências pessoais e profissionais com as atividades circenses, mais especificamente na vivência do trabalho realizado pela pesquisadora junto às escolas de educação básica. Pretendíamos, nessa etapa, construir as bases para a pesquisa de campo, cujo conhecimento e experiência se põem em ação, conformando-se numa oportunidade de a pesquisadora ser sujeito e objeto da sua pesquisa, e a partir dela, produzir novos saberes e fazeres (VENTURA, CRUZ, 2019).

De acordo com Santos e Garms (2014), autobiografia é uma pesquisa que por meio das histórias de vida, procura descrever e analisar a vivência pessoal a fim de poder descobrir o que os professores conhecem sobre o ensino, como estão organizando seu conhecimento e como ele se transforma a partir da experiência. Segundo os autores há dois tipos de materiais para a autobiografia, a narrativa e os materiais de espécie, como fotos, documentos oficiais, processos verbais, recortes de jornal etc. Portanto, ambos serão utilizados.

A pesquisa tem início com um relato autobiográfico, por meio do qual a pesquisadora expõe as suas vivências e pormenores da prática pedagógica desenvolvida durante anos de experiência. Ao refletir sobre esse processo, cria-se a oportunidade de descrever o que vem sendo vivido, a aprendizagem bem como o processo de formação da mesma como docente e pesquisadora (JOSSO, 2010). Portanto, teremos como base a experiência da pesquisadora como aluna de atividades circenses, monitora e professora em diversos âmbitos. Ressaltamos que demos enfoque a partir de 2015, pois foi neste período em que a pesquisadora deu início a sua jornada na escola, sendo assim, destacamos todos os procedimentos, desde a implementação dos projetos, estrutura das escolas, das aulas e os processos pedagógicos adotados; a fim de apontar as dificuldades enfrentadas e as soluções pedagógicas desenvolvidas, e, assim, nortear as fases seguintes da pesquisa.

Dessa forma, após o relato autobiográfico, iniciamos a próxima etapa, constituída por uma pesquisa de campo – questionário - com o método de amostragem “bola de neve virtual” (VINUTO, 2014). Nesta etapa da pesquisa, o objetivo foi identificar, contatar, selecionar professores/as que ensinam circo na escola.

Após a elaboração do questionário piloto com a colaboração de 5 pesquisadores do Grupo de Pesquisa em circo (Circus), o questionário começou a ser divulgado publicamente no dia 20 de novembro de 2022, ficando disponível para respostas até dia 31 de dezembro de 2022.

Para este processo de “bola de neve” os convites (ANEXO 6) foram disparados nas Mídias sociais para professores que trabalham com o circo no contexto escolar, neste convite constou o link de acesso ao Termo de Consentimento Livre e esclarecido - TCLE (ANEXO 4), onde todas as dúvidas sobre a pesquisa foram esclarecidas, sendo necessário assinalar no formulário online se estava de acordo com os termos descritos. Desse modo, o consentimento foi obtido apenas com o ato do preenchimento do formulário Google Forms. Ao aceitar, o participante foi direcionado ao questionário, composto por 30 perguntas, fechadas e abertas, estimou-se que o preenchimento do questionário necessitou uma dedicação de 15-30 minutos (ANEXO 1). Se o(a) voluntário(a) trabalhasse com tecido na escola e quisesse participar da etapa de entrevista online, ele(a) poderia deixar um e-mail para contato.

Como explica Vinuto (2014), o método bola de neve citado trata-se de uma forma de ampliar o número de participantes da pesquisa através de indicações realizadas pelas pessoas que já responderam ao questionário, chamadas de “sementes”. Ao final do mesmo, constou uma orientação para colocar o nome de alguém que correspondesse aos critérios de inclusão do estudo, caso houvesse.

De acordo com Costa (2018), o método “bola de neve virtual” é mais efetivo como uma etapa e instrumento de pesquisa acompanhada de outras etapas e instrumentos para complementar o levantamento de informações. Assim sendo, após o questionário online foi feito uma avaliação dos perfis e características dos informantes, visando selecionar “pessoas-chave” para a realização de entrevistas.

Os critérios de seleção dos participantes do questionário, restringiu aos professores/as que ensinam circo em escolas, e que ensinam tecido acrobático com tempo mínimo de 1 ano (12 meses de atuação na mesma escola), sendo eles adultos, regularmente vinculados a instituições educacionais (escolas), públicas ou privadas no Brasil. Para a participação nas entrevistas os/as professores/as foram selecionados em função da combinação de critérios, buscando a maior diversidade possível: Tempo de experiência ensinando tecido, experiência de ensino curricular e extracurricular, tipo da instituição escolar (privada, pública, municipal,

estadual, federal), tipo do vínculo (professor efetivo, temporário, terceirizado, gênero (declarado) e localidade (cidade/estado).

Nos questionários utilizamos primeiramente a análise descritiva para organizar, resumir e descrever alguns aspectos importantes, tais como; características dos professores, das escolas em que estão inseridos e de suas aulas. No qual envolvemos o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, além do questionário e observação sistemática, assumimos uma forma de levantamento (SILVA, MENEZES, 2000). Como ferramenta usufruímos de gráficos, tabelas e porcentagens (SANTOS, GARMS, 2014).

Para selecionarmos os participantes da etapa de entrevista, escolhemos a amostragem por critério, como revela Yin (2001) é uma técnica que se baseia em critérios específicos e predefinidos relacionados ao objeto de estudo. Conforme o autor, essa abordagem é válida quando o pesquisador deseja escolher casos específicos com base em critérios relevantes para responder às questões de pesquisa, sendo interessante utilizá-la para obter informações de grupos específicos ou pessoas com experiências particulares. Desse modo, definimos os critérios de seleção, identificamos potenciais professores, selecionamos os casos e justificamos a seleção. Portanto os critérios de seleção foram:

a) Geográfico, um docente de cada região do Brasil. Acreditamos que a região também pode interferir no ensino aprendizagem do tecido acrobático;

b) Diferente tipologia/regime escolar: Privado ou Público (Municipal, Estadual e Federal);

c) Gênero ou sexo;

d) Área de formação;

e) Forma de ensino do tecido acrobático (curricular ou extracurricular). Foram selecionados docentes que ministram aulas extracurriculares, projeto interdisciplinar, conteúdo de uma disciplina e que pertence a grade curricular da escola;

f) Segmento escolar; Ensino Infantil, Fundamental Anos Iniciais, Fundamental Anos-Finais e Ensino Médio.

Aos selecionados para a entrevista, foi feito o convite via e-mail, (individualmente, apenas um remetente; o pesquisador proponente, e um destinatário, de modo a preservar as identidades dos participantes) os voluntários receberam um email contendo as principais informações (ANEXO 7) e o TCLE (ANEXO 4). Ao reenviarem o TCLE assinado, entramos em contato para o agendamento da entrevista online, as datas e horários que foram convenientes para cada um dos participantes, além de escolherem o aplicativo de videoconferência que achar

mais adequado, dentre as seguintes opções: Google Meet, Whatsapp, Skype, Zoom ou Microsoft Teams.

Para Martins e Bicudo (1994) uma entrevista é um encontro social mediado pela conversação entre duas ou mais pessoas em que o pesquisador busca compreender, por meio da empatia e intuição as experiências, os significados que organizam as vivências e os sentidos atribuídos às realidades sociais dos entrevistados. Por isso, consideramos de suma importância esta fase da pesquisa, já que acreditamos que os professores/as que trabalham com as modalidades aéreas na escola possuem um entendimento nesse assunto através de suas experiências diante da realidade vivida, onde são capazes de reconstituir as experiências pedagógicas e as dificuldades enfrentadas, de modo a auxiliarem em nossas discussões ampliando as nossas informações e trazendo possíveis soluções para os nossos obstáculos.

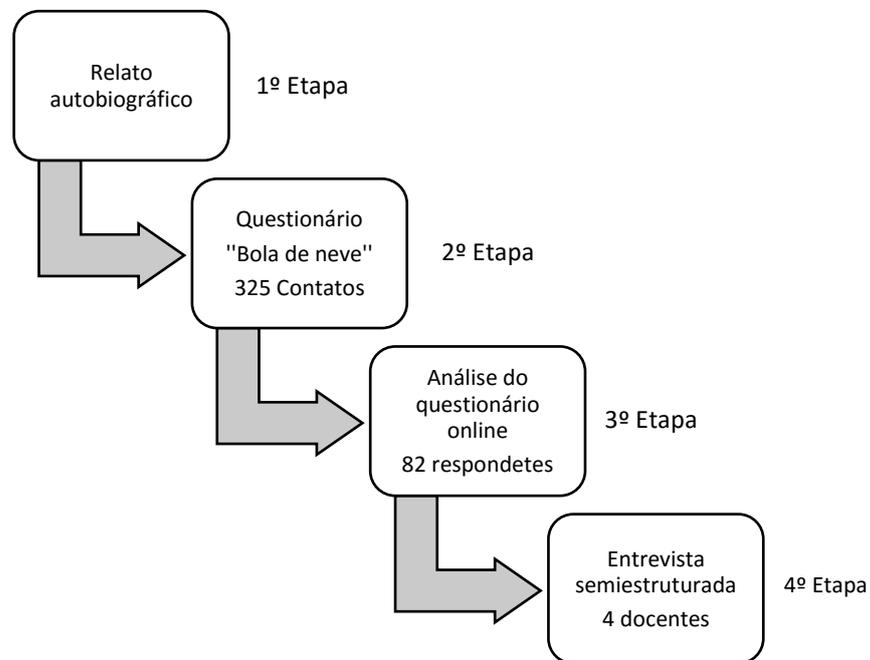
Na entrevista semiestruturada a interação foi fundamental, pois outros questionamentos, ideias e esclarecimentos surgiram no decorrer destas. Bauer e Gaskell (2008) defendem que se construa um “tópico guia”, que é um bloco de anotações para ajudar o pesquisador a lembrar e organizar uma progressão lógica das ideias visando salvaguardar contra perguntas inadequadas, esquecimentos e a controlar o tempo (ANEXO 2). As entrevistas tiveram uma duração de 30 a 60 minutos. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas em texto (doc), conforme indicações de Yin (2001). Os documentos foram gravados no computador pessoal da pesquisadora e em um HD externo portátil sem acesso à internet e disponível tão-somente aos pesquisadores, onde serão utilizados unicamente para efeito deste estudo.

Utilizamos como técnica de sistematização dos dados, a análise de conteúdo (BARDIN, 2015). Para Rosa e Mackedanz (2021), essa técnica atua tanto na reflexão da realidade quanto na exploração de situações. Em outros termos, podemos encontrar respostas para as questões formuladas, confirmando ou não as informações já estabelecidas; como também podemos encontrar novas realidades. Segundo Bardin (2015), a organização dos dados pode ser realizada nas seguintes fases: 1) Pré-análise, 2) Exploração de Material e 3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na etapa de pré-análise, realizamos a transcrição das entrevistas e conseqüentemente uma leitura, onde tivemos uma familiarização com os temas abordados. No segundo momento, nos aprofundamos na identificação das unidades de registro, estas, que foram elementos resultantes da decomposição do conjunto da mensagem analisadas e passamos a organizá-las em categorias. As categorias foram desenvolvidas a partir dos desafios e obstáculos encontrados no relato autobiográfico da autora/pesquisadora. Para Minayo (2009), trabalhar com categorias significa agrupar elementos, ideias ou expressões com características comuns em torno de um

conceito capaz de representá-las, permitindo a percepção de aspectos não notáveis antes da organização. E assim as categorias foram: O perfil das escolas e o processo de implementação, infraestrutura e segurança para as atividades aéreas e Aulas de tecido onde tivemos como subcategorias: estrutura de aula, participação de auxiliares, planejamento das aulas, processos pedagógicos e metodológicos, conteúdos das aulas, processo de avaliação, desafios e soluções pedagógicas. Posteriormente, apresentaremos e discutiremos os resultados de forma textual/narrativa, visando apontar possíveis soluções e ferramentas pedagógicas que possam ser utilizadas em outros espaços educacionais, com base nos objetivos elencados anteriormente.

Figura 4 : Etapas dos procedimentos metodológicos



Fonte: autoria própria.

Quadro 1: Divulgação do questionário online

DIVULGAÇÃO	AÇÃO	DIVULGAÇÃO (MÍDIAS)
1ª Semana (20/ nov/2022)	Envio do convite com hiperlink do questionário para "pessoas-chaves": círculo de afinidades e membros dos grupos CIRCUS/FEF/UNICAMP	Mensagens via e-mail e WhatsApp, Facebook e Instagram

2º Semana	Publicação do convite com hiperlink em grupos restritos de professores/as nas redes sociais virtuais	Instagram e WhatsApp
3º Semana	Envio do convite com hiperlink para os indicados dos respondentes “bola de neve”	Email, WhatsApp, Instagram
4º Semana	Envio do convite com hiperlink para as escolas que possuem aula de circo.	Email e sites institucionais
5º Semana	Republicação do hiperlink em grupos de professores.	Facebook, WhatsApp e Instagram

Fonte: Autoria própria

A construção deste texto foi conduzida através de uma análise de dados, levando em consideração os pressupostos encontrados na revisão bibliográfica e no relato autobiográfico da pesquisadora. Como será evidenciado nas observações subsequentes, optamos por estruturar cada fase da pesquisa em capítulos distintos, para, posteriormente, realizar nossas considerações finais.

Capítulo 3. RELATO AUTOBIOGRÁFICO SOBRE ENSINAR E PESQUISAR O CIRCO NA ESCOLA

Para Josso (2010) a trajetória de vida de um indivíduo, com suas experiências, escolhas, desafios e transformações, é fundamental para sua formação pessoal e profissional. A autora argumenta que a autobiografia traz reflexões sobre essas experiências vividas, promovendo o autoconhecimento, a aprendizagem significativa e o desenvolvimento pessoal e profissional, assim, reconhece que o processo de aprendizagem não se limita aos espaços formais de ensino, mas ocorre de forma contínua ao longo da vida e em diferentes contextos. Ela enfatiza a importância de reconhecer e valorizar as experiências de vida como fontes de aprendizagem e desenvolvimento. Logo, nesta etapa da pesquisa daremos início ao relato autobiográfico onde poderão ver o meu início nas atividades circenses, minhas experiências e os caminhos percorridos até o momento

3.1. O processo que me levou onde estou; primeiro contato com o circo em seus diversos âmbitos.

O meu envolvimento com o esporte e o circo remota a minha infância, fui atleta de ginástica artística por muitos anos, competi por Jundiaí, Vinhedo e pelo clube AABB (Associação Atlética Banco do Brasil). Infelizmente durante um treino sofri uma queda da trave de equilíbrio, onde tive uma lesão muito grave no joelho, no qual rompi todos os ligamentos, a primeira notícia que recebi dos médicos foi: “Você nunca mais poderá treinar ginástica”, foi um susto, claro. Mas naquele momento, mal conseguia andar, não tinha o que fazer a não ser trabalhar na minha recuperação.

Figura 5: Última competição de Ginástica Artística 2008



Fonte: Arquivo pessoal (2008)

Neste mesmo período estava iniciando a faculdade de Educação Física, na ESEF-Jundiaí. Desde quando comecei a treinar ginástica já sabia que era com isso que gostaria de trabalhar, portanto não tive dúvidas de qual faculdade cursar.

Impossibilitada de treinar ginástica e ainda em fase de fisioterapia me deparei com um projeto de Extensão de Circo que a própria faculdade oferecia para os seus alunos, juntamente com o Grupo de pesquisa LEPACC (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Arte e Cultura Circense), encontrei ali uma brecha, os médicos não disseram que eu não poderia praticar o Circo.

Figura 6 : Projeto de Extensão de Circo- ESEF



Fonte: Arquivo pessoal (01/04/2009).

De início comecei com os malabares e aos poucos fui conhecendo as outras modalidades, até que o Professor Dr. Adriano Celante, coordenador do projeto me encaminhou um e-mail que dizia: “Quem quer fugir com o circo?” Nele constavam as informações do primeiro edital de Bolsa FUNARTE para formação em Artes Circenses (2010) para a Escola Nacional de Circo - ENC. Dentre as 15 bolsas disponibilizadas para todo o Brasil, fui selecionada, assim um novo desafio estava a caminho.

Em agosto de 2010, iniciou as minhas aulas na ENC, e foi muito gratificante e prazeroso fazer parte daquele grupo, eu era do mundo da ginástica, não conhecia muitas coisas do circo, mas ali, tive a oportunidade de conviver com vários artistas e professores de gerações de circo, uma troca de experiência e saberes riquíssimos, que mudou literalmente a minha vida.

Figura 7: ENC-RJ, 2011



Fonte: Arquivo pessoal (2011).

Tentei me dedicar o máximo possível e aproveitar todas as oportunidades oferecidas pela ENC, fazendo cursos no Crescer e Viver⁴ e na Up Leon⁵, por exemplo, unindo-me à trupe

⁴ <https://circocrescereviver.org.br/>

⁵ <http://www.upleon.com.br/>

da escola que apresentava, estágio no Instituto Unicirco⁶ entre outros. Por fim, experimentei e vivenciei as diversas modalidades que ali tinha. Após os dez meses de curso, tínhamos a opção de continuarmos na escola por conta própria, mas desde o momento que cheguei na escola, o meu intuito era aprender tudo o que poderia para voltar a Jundiaí (minha cidade de origem) trazendo na bagagem esses conhecimentos para transferir a outras pessoas toda a experiência que adquiri. Voltei com o propósito de ensinar um pouco do que aprendi na ENC.

Após retornar a minha cidade e a faculdade em agosto de 2011, o Professor Dr. Adriano Celante conseguiu uma parceria da Faculdade com a Prefeitura de Municipal de Jundiaí para desenvolver o Projeto Circo Oficina, no qual os alunos da rede municipal (alunos do Infantil e Fundamental- Anos iniciais) vivenciavam algumas atividades de circo, na lona fixada próximo a faculdade.

Tive a oportunidade de ser monitora do projeto e esse foi o meu primeiro contato efetivamente com as atividades circenses e crianças, onde ministrei aulas de acrobacias de solo, malabares, equilíbrio e ator de circo, por questões de estrutura não havia as acrobacias aéreas. Foi uma experiência profissional importantíssima, onde junto com os outros monitores conseguimos elaborar estratégias para as aulas acontecerem da melhor forma possível, visto que a cada dia recebíamos por volta de 50 crianças. Por semana recebíamos aproximadamente 500 alunos (período manhã e tarde). O projeto teve duração de um ano.

Figura 8: Monitora do Projeto Circo Oficina



Fonte: Arquivo pessoal (15/05/2012- Jundiaí- SP).

⁶ <https://institutounicirco.com.br/>

Concomitantemente comecei a praticar a modalidade de tecido⁷ como aluna em algumas academias, para verificar a estrutura das aulas, as abordagens utilizadas e manter o condicionamento físico.

Em 2014, propus uma parceria com uma pequena academia para incluirmos a aula de tecido em suas aulas ofertadas e deu certo. No início, não havia muitos alunos, o que particularmente foi bom, pois era a minha primeira experiência no ato de ensinar a modalidade de tecido e para a minha surpresa a maioria dos alunos eram adultos. Precisei adaptar e elaborar diversas estratégias para ensinar a modalidade, este foi o meu momento de transição de aluna/artista para professora, no qual tive muitas dificuldades, inclusive a insegurança em trabalhar com essa modalidade, dita arriscada.

Figura 9: Primeira turma de tecido acrobático em academia



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

O meu segundo obstáculo a ser enfrentado foi quebrar esse paradigma de achar que alguns movimentos são fáceis para todos, eu só havia trabalhado, ou melhor entrado em contato com pessoas que já tinham uma ampla bagagem motora, o que facilitava o ensino de muitas atividades. No momento que comecei a dar aula, me deparei com pessoas sedentárias, que não tinham muita força, coordenação motora e outras capacidades físicas que são importantes para a prática dos aéreos. Portanto, mais uma vez, precisei refletir na pedagogia da iniciação de cada movimento.

⁷ Bortoleto e Calça, 2007a, acreditam que a modalidade é uma extensão da corda lisa, porém não se sabe ao certo quando foi criada. Geralmente é utilizado uma liganete fixada acima de 4m ou mais de altura, sua forma de fixação pode variar, interferindo na sua prática. Diferente de algumas modalidades, o tecido circense apresentou seu desenvolvimento nos últimos anos.

Dois anos depois, a academia de musculação mudou de lugar e as aulas de tecido também precisaram acontecer em outro espaço, surge neste momento a Dupla Arte⁸, o meu próprio espaço de ensino de aéreos, juntamente com a minha irmã gêmea. Ressalto que algumas alunas dessa primeira turma ainda estão praticando a modalidade na minha academia, que completou sete anos em 2023.

Durante esses anos realizei alguns cursos, workshops voltados para as modalidades aéreas, não posso deixar de citar o Curso Intensivo de Formação de Instrutores de Tecido Acrobático ministrado pela Professora Luiza Rodrigues, que naquela época era docente no espaço Aerius Movimento e Arte de Campinas- SP. O curso foi praticamente individualizado, era somente eu e minha irmã, então conseguimos aproveitar muito, tirar várias dúvidas e entender como eles trabalhavam. Logo após o término do curso catalogamos todos exercícios de tecido e lira que conhecíamos e aos poucos fomos elaborando as nossas aulas.

Em 2015, tive o meu primeiro contato com o ensino do circo na escola, em um colégio da região metropolitana de São Paulo e através dessa bagagem surgiram alguns questionamentos, onde foi de fundamental importância para as pesquisas de campo.

De 2017 a 2018 passei por uma fase pessoal um pouco complicada, no entanto continuei com as aulas na minha academia e para começar novos desafios e uma nova jornada em 2018 comecei a fazer parte do Grupo de Pesquisa em Circo (Circus), no qual me motivou a ir em busca de novos conhecimentos e retomar o meu sonho de fazer o mestrado na Unicamp. Em 2019 propus um projeto para iniciar com as atividades circenses em uma escola do interior de São Paulo, no qual estou até o momento.

Figura 10: Aula de tecido na escola



Fonte: Arquivo pessoal (10/03/2019).

⁸ <https://www.instagram.com/duplaarte/>

Infelizmente com a pandemia de 2020 precisei parar com todas as atividades, desde as aulas da escola até as aulas na minha academia, nesse período, comecei a pensar e a elaborar o meu projeto de mestrado. Em 2022 entrei para o Mestrado e mais uma vez, tentei aproveitar o máximo, pude auxiliar no projeto de extensão de tecido iniciante e intermediário, realizei estágio docente com o Professor Dr. Marco A. C. Bortoleto na disciplina de atividades circenses e também na disciplina de Ginástica Artística com a Professora Dr. Laurita Schiavon, sem dúvida alguma uma das melhores experiências que pude ter.

Figura 11: Monitora do Projeto de Extensão de tecido acrobático na Unicamp



Fonte: Arquivo pessoal (15/5/2023).

Certamente ao longo desses anos, fui percebendo que havia uma dificuldade em ensinar os aéreos na escola, por isso quis investigar os professores que abordam o tecido acrobático em suas aulas, pois acredito que a troca de experiências pode incrementar e auxiliar os demais professores. Portanto, a seguir relatarei o processo e os resultados para encontrar os professores que ensinam o tecido acrobático na escola.

Capítulo 4. ESTUDO DE CAMPO: ESCOLAS E PROFESSORES DE CIRCO

Ao emprendermos esta pesquisa para a dissertação de mestrado, nos lançamos em uma investigação minuciosa, explorando diversos meios para estabelecer contato com os professores envolvidos no campo do circo. Inicialmente, ampliamos nossa busca através de uma rede de amigos e do grupo de pesquisa em Circo (Circus), onde gradualmente obtivemos endereços de e-mail, conexões em redes sociais e outras formas de contato de professores que possivelmente estavam trabalhando com as atividades circenses na escola.

Utilizamos estratégias diversas, como a divulgação da nossa procura por professores de circo e de educação física escolar em grupos de WhatsApp e Facebook, alcançando uma audiência mais ampla e diversificada. Além disso, estabelecemos comunicação direta com possíveis professores por meio do Instagram, aproveitando as plataformas online para encurtar distâncias e facilitar o diálogo.

Essas iniciativas permitiram uma abordagem abrangente, conectando-nos com profissionais atuantes na escola com a área circense, e enriquecendo a pesquisa com perspectivas diversas e experiências enriquecedoras. A diversidade de canais utilizados reflete nosso compromisso em obter uma compreensão e uma representativa do cenário circense, contribuindo para uma maior relevância do estudo. Após a aplicação do questionário e sua análise, encontramos alguns professores para a investigação da modalidade aérea.

A seguir, exibiremos os dados relacionados aos docentes que participaram da primeira etapa de nossa pesquisa.

4.1. Questionário para levantamento preliminar

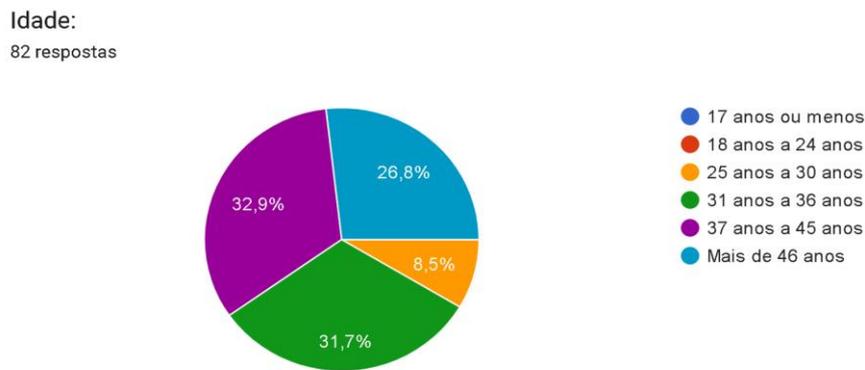
Após a divulgação do questionário para aproximadamente 325 contatos de e-mails, facebook e instagram, obtivemos 82 respondentes, dos quais, 68 participantes atuaram efetivamente nas escolas com as atividades circenses.

O questionário foi composto por 30 perguntas abertas e fechadas, direcionados a professores que ensinam circo na escola, no qual tivemos 82 respostas. Ressaltamos que nenhuma pergunta foi obrigatória, por isso houveram discrepâncias em relação ao total de respostas obtidas em cada questão.

A maioria dos professores/participantes⁹, 51, (63%) foram do sexo feminino, enquanto 30 (37%) do sexo masculino, e um participante optou por não responder. Esse perfil reflete uma tendência semelhante a outros estudos mencionados, como o de Falcade, Corrêa e Bortoleto (2023) e Soares e Bortoleto (2011), embora apresente diferenças em relação aos resultados obtidos por Bortoleto et al. (2020).

De acordo com o questionário (gráfico 1), nossa pesquisa conteve 27 (32,9%) docentes, com idade entre 37 a 45 anos, 26 (31,7%) docentes com 31 a 36 anos; 22 (27,2%) com mais de 46 anos e 7 (8,6%) tinham entre 25 a 30 anos. Não tivemos participantes menores de 24 anos.

Gráfico 1: Idade dos participantes do questionário.



Fonte: Autoria própria.

Fizemos um mapeamento do lugar que estes docentes estavam atuando e após análises obtivemos 73 respostas, como indica a quadro 2.

Quadro 2: Localidade de atuação dos participantes

Sul		Sudeste		Centro-Oeste		Nordeste		Norte	
Paraná	16	Minas Gerais	4	Goiás	1	Bahia	2	Amazonas	1
Santa Catarina	1	Rio de Janeiro	2	Mato Grosso	2	Paraíba	2	Pará	1

⁹ Utilizaremos ambos os gêneros como referência.

		São Paulo	39	Mato Grosso do Sul	1				
--	--	-----------	----	--------------------	---	--	--	--	--

Fonte: Autoria Própria.

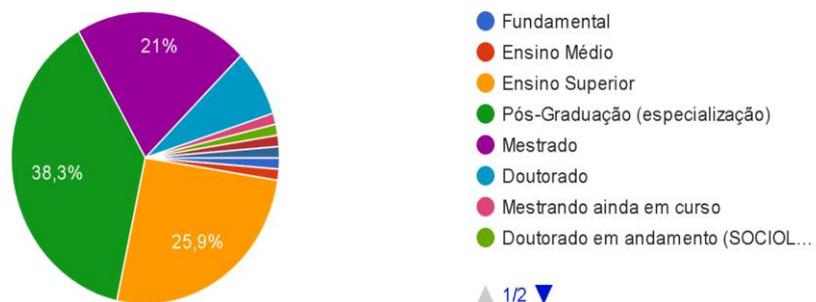
Portanto, a pesquisa obteve respostas de docentes atuantes em todas as regiões do Brasil, porém percebe-se que a região Sudeste teve uma maior participação, enquanto na região Norte apenas 2 participantes.

Ao solicitarmos sobre a formação acadêmica dos docentes, atingimos como resultado 31 (38,3%) participantes com pós graduação (especialização), 21 (25,9%) docentes com Ensino Superior completo, 17 (21%) estavam com o Mestrado em andamento, 6 (7,4%) são Doutores e através da opção outros, obtivemos; 1 (1,2%) ensino fundamental, 1 (1,2%) ensino médio, 1 (1,2%) mestrado ainda em curso, 1 (1,2%) Doutorado em andamento, 1 (1,2%) Pós graduação e cursando mestrado, 1 (1,2%) mestranda na ProfArtes/UFPB.

Gráfico 2: Grau de instrução

Qual o seu grau de instrução:

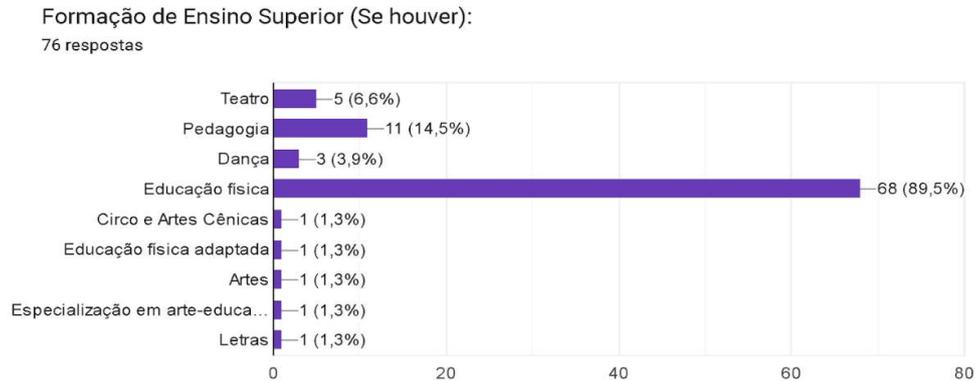
81 respostas



Fonte: Autoria Própria.

De modo mais específico, perguntamos qual foi a área de formação destes docentes e das 76 respostas obtida, 68 (89,5%) realizaram a formação em Educação física, 11 (14,5%) se formaram em pedagogia; 5 (6,6%) em teatro e 3 (3,9%) em dança, ainda foram mencionados formação em: Circo, Artes cênicas, Educação Física Adaptada, Artes e Letras como indica o Gráfico 3:

Gráfico 3: Formação inicial



Fonte: Autoria Própria.

Ademais da formação inicial (Curso Superior), notamos se realizaram algum curso na área do circo e 58 (85,2%) docentes responderam que sim, realizaram oficinas, cursos básicos, curso de extensão, workshops e convenções de Malabares. Foram citados também a Escola Nacional de Circo, Circocan, Educacirco (online), Artes Basileu França, Centro de artes Guido Viaro, SESC, Escola Pirilampo, Escola Livre de Circo Djalma Buranhém da Funesc e FEF-Unicamp.

Ressaltamos que foram referidos cursos de formação para professores na Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, com as temáticas: circo, jogos malabarísticos, aéreos, improvisação e palhaçaria. Somente 10(14,8%) professores responderam que não realizaram nenhum curso específico com o tema circo.

Para nos aprofundarmos, informamo-nos como estes docentes começaram a ensinar as atividades circenses na escola; muitos comentaram que introduziram o circo em suas aulas motivados pelo curso superior, através de sua formação acadêmica como exemplifica estes docentes;

“Foi a partir do meu contato com a disciplina de atividades circenses na faculdade que me despertou o interesse em adentrar no mundo do circo”;

“Após vivência na faculdade em um projeto extracurricular, me interessei e após formada achei muito encantador trazer o conteúdo para as aulas.

“A partir do curso superior”;

“Durante a graduação, tivemos uma vivência”.

Houveram também docentes que foram instigados após cursos, oficinas e projetos sociais. Já outros disseram que começaram a praticar algumas modalidades de forma mais constante e por sua vivência como alunos de circo de academias, clubes e escolas, acharam interessante compartilhar essas atividades no local em que atuavam.

Alguns docentes relataram terem sido estimulados pelo currículo da escola, pois o tema circo fazia parte do componente curricular de algumas escolas:

“...Havia uma demanda específica para aulas de circo no fundamental 2, característica do currículo da pedagogia Waldorf”,

“ Este conteúdo está na ementa da disciplina de Corpo e Arte no IFSP-campus Hortolândia”,

“ O currículo da prefeitura municipal de Curitiba engloba as atividades circenses”.

Inclusive, mencionaram que em determinadas escolas havia a necessidade de aulas diversificadas, como conta estes professores:

“Na escola em que atuo as crianças ficam em período integral. Metade tem aula regular de manhã e participa de oficinas à tarde e a outra metade participa das oficinas de manhã e assiste às aulas regulares à tarde. Nas oficinas de movimento temos liberdade de escolher entre vários projetos e/ou oferecer algo que nunca foi ofertado, então escolhi ofertar aulas circenses.”;

“Nas aulas de eletiva, que são disciplinas que os próprios professores elaboram”.

Outros docentes inseriram o circo por intercessão das aulas de ginástica geral, ginástica artística, rítmica e acrobática;

“Nas aulas de Educação Física como uma forma diferenciada de prática de ginástica. Primeiro com acrobacias de solo e mais tarde com outros elementos do circo como malabarismo, equilibrismo, acrobacias aéreas. Com o sucesso das aulas, passei a desenvolver aulas de práticas circenses no contraturno escolar”.

Além disso, perguntamos se tiveram algum contato com o circo antes de tornar-se professor(a), tivemos 60 respostas, das quais 21 (35 %) docentes disseram que o primeiro contato foi realmente a prática das atividades circenses em escolas, academias e clubes, 20 (33,3%) professores responderam que o contato foi somente como espectadores, no entanto, 14 (23,3%) professores responderam que o primeiro contato com o circo foi na sua graduação,

através de disciplinas e projetos de extensão, o que reforça alguns estudos (MIRANDA, 2015; MIRANDA; AYOUB, 2016; MIRANDA; BORTOLETTO, 2018; TIAEN, 2013; TUCUNDUVA, 2015). Uma professora respondeu que sim, mas não citou como, e outros 4 docentes disseram que não tiveram nenhum contato antes de ministrar as aulas.

Nesse sentido, achamos interessante sabermos em quais faculdades/universidades estes docentes se formaram e após o levantamento (quadro 3) deparamos com estes locais:

Quadro 3 – Instituição de formação inicial

FACULDADES	Número de Participantes
Célia Helena	1
Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE	1
Centro Universitário Moura Lacerda	3
Ceuni Fametro	1
Claretiano	1
Escola Superior de Educação Física ESEF-UFPeI	1
Escola Superior de Educação Física Jundiáí- ESEF	6
Escola Superior Madre Celeste- ESMAC	1
Faculdade Assis Gurgacz – FAG	1
Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras FACEL- CTBA	1
Faculdade Estadual de Educação Física de Jacarezinho	1
Faculdade Guairacá - Guarapuava- PR	1
Faculdade Integrada de Santa Fé do Sul – FUNEC	1
Faculdades Metropolitanas Unidas- FMU	1
Fundação Educacional São Carlos	1
Metrocamp	1
Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC	2
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC PR	3
UNIC- Rondonópolis- MG	1
Universidade Anhembi Morumbi	1

Universidade de São Paulo- USP	3
Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP	6
Universidade Estadual de Goiás – UEG	1
Universidade Estadual de Londrina – UEL	1
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG	1
Universidade Estadual do Maringá- UEM	1
Universidade Estadual do Paraná- UNESPAR	1
Universidade Estadual Paulista - UNESP - Presidente Prudente	1
Universidade Estadual Paulista- UNESP – Araraquara	1
Universidade Estadual Paulista- UNESP - Rio Claro	1
Universidade Estadual Paulista- UNESP- Bauru	1
Universidade Federal da Paraíba- UFPB	1
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF	2
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS	1
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	2
Universidade Federal de São Carlos- UFSCar	3
Universidade Federal do Paraná- UFPR	4
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	1
Universidade Metodista de SP	1
Universidade Norte Paraná – UNOPAR	1
Universidade Paulista- UNIP	2
Universidade Presbiteriana Mackenzie	1
Universidade Tuiuti do Paraná – UTP	3

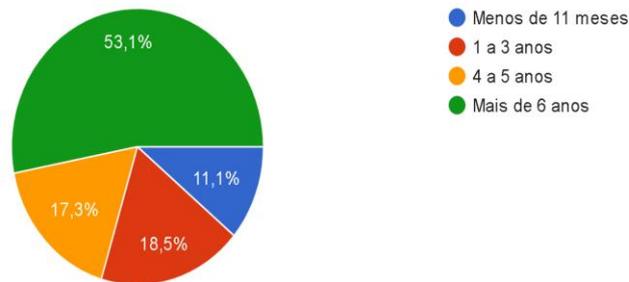
Fonte: Autoria Própria.

Identificamos que 43 docentes (53,1%), possuem mais de 6 anos de experiência na escola, enquanto 9 docentes (11,1%) possuem menos de 11 meses. Tivemos 15 docentes

(17,3%) com experiência de 1 a 3 anos e 14 (17,3%) possuem entre 4 a 5 anos de tempo de experiência como professor na escola, como mostra o Gráfico 4.

Gráfico 4: Tempo como professor na escola que atua com o circo.

Tempo como professor(a) na escola em que ensina circo:
81 respostas

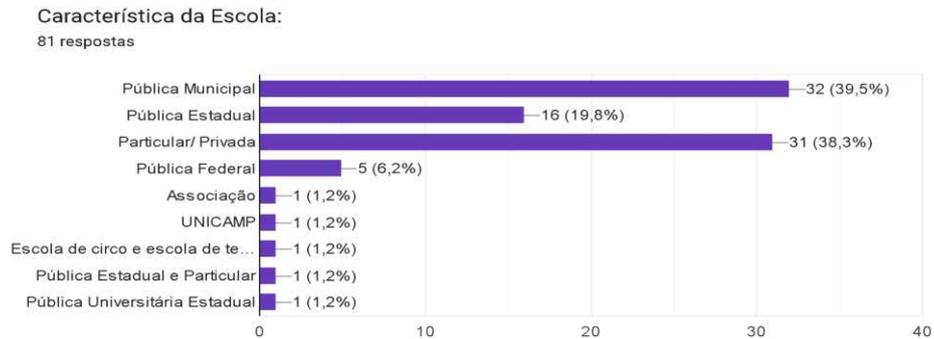


Fonte: Autoria Própria.

Neste estudo, observamos que muitos professores possuem um tempo de experiência significativo com o ensino do circo na escola, podemos considerar que estão em contato com os problemas e dificuldades no cotidiano escolar, o que de fato para a nossa pesquisa é de suma importância.

Acerca da característica da escola (gráfico 5), deparamos com 32 (39,5%) docentes que atuam em escolas Municipais, 31, (38,3%) estão atuando em Escolas Particulares/ Privadas. Já na escola Estadual são 16 (19,8%) docentes e apenas 5 (6,2%) na escola pública federal. Nesta pergunta era permitido responder a opção; e) outros, de modo a indicar uma outra resposta que não estava nas alternativas predeterminadas, por isso, também obtivemos 1 resposta (1,2%) acerca de associação, 1(1,2%) escola de circo e teatro, 1 (1,2%) Unicamp, 1(1,2%) docente preferiu responder escola pública estadual e particular, e 1 (1,2%) escola pública Universitária estadual.

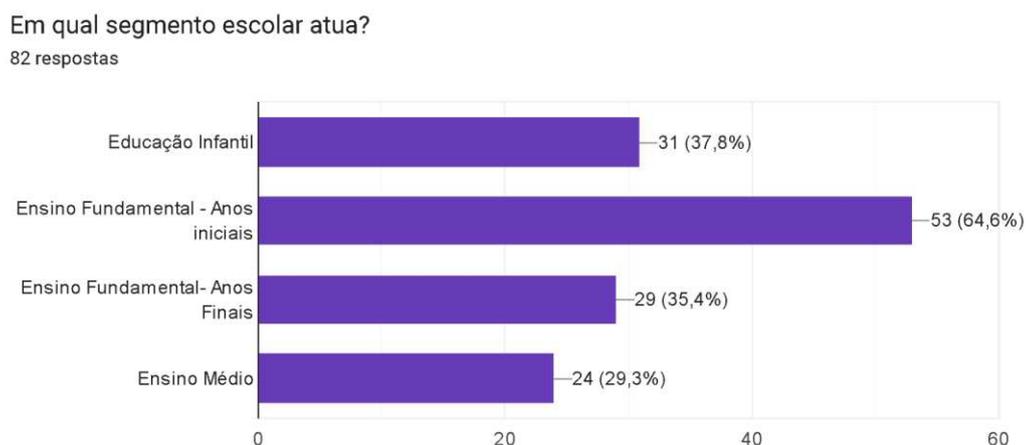
Gráfico 5: Característica da escola



Fonte: Autoria Própria.

Para a BNCC (BRASIL, 2018), a Educação Básica é composta pela Educação Infantil (0 a 5 anos e 11 meses); Ensino Fundamental - Anos Iniciais que é constituído do 1º ao 5º ano, Ensino Fundamental - Anos Finais que compõem entre o 6º ao 9º ano e o Ensino Médio, 1º a 3º série. No entanto, em nossa pesquisa, mais da metade dos docentes, 53 (64,6%), trabalham com o Ensino Fundamental nos anos iniciais, 31 professores (37,8%) estão atuando na Educação Infantil, 29 (35,4%) atuam no Ensino Fundamental Anos Finais e no Ensino Médio 24 (29,3%) docentes. Lembramos que nesta questão, o participante poderia selecionar mais de uma opção (gráfico 6).

Gráfico 6: Segmento escolar

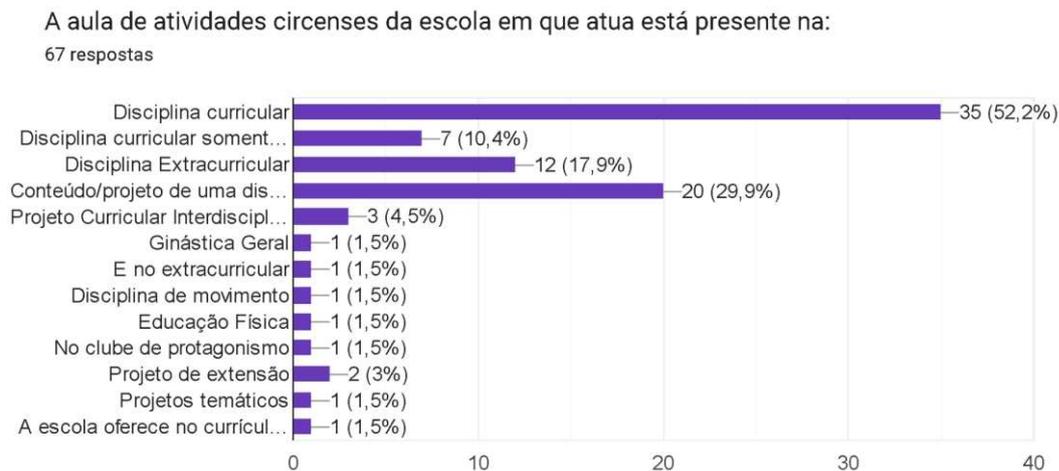


Fonte: Autoria Própria.

Sobre o ensino do circo na escola, ao conferirmos se realmente estes docentes estão inseridos no contexto escolar, das 81 respostas (um voluntário não respondeu esta pergunta), 68 (84%) participantes disseram que atualmente estão presentes com atividades circenses no âmbito escolar e os outros 14 (16%) voluntários já não permanecem mais neste contexto, porém pretendem retornar.

Para adentrarmos nas aulas de atividades circenses na escola, perguntamos em qual contexto esta temática está inserida, das 67 respostas, obtivemos 35 (52,2%) como disciplina curricular, 20 (29,9%) professores disseram que ensinam como conteúdo ou projeto de uma disciplina, 12 (17,9%) como disciplina extracurricular, 7 (10,4%) como disciplina extracurricular somente do período integral e 3 (4,5%) professores responderam que atuam como projeto interdisciplinar. Na opção de resposta outros, tivemos 2 (3%) professores que responderam que ensinam as atividades circenses como projeto de extensão, 1 (1,5%) respondeu que a temática está inserida na Ginástica geral, 1 (1,5%) extracurricular, 1 (1,5%) disciplina do movimento, 1 (1,5%) educação física, 1 (1,5%) no clube do protagonismo, 1 (1,5%) Projetos temáticos e 1 (1,5%) docente comentou que a escola oferece no currículo: Circo, capoeira, teatro, música e artes plásticas.

Gráfico 7: Onde a aula de atividades circenses está inserida.



Fonte: Autoria Própria.

Solicitamos, ainda, que os docentes indicassem todas as modalidades¹⁰ circenses que ensinam durante as suas aulas, no caso, agrupamos as modalidades (quadro 4) e dos 68 respondentes tivemos como resultado:

Quadro 4: Modalidades ensinadas

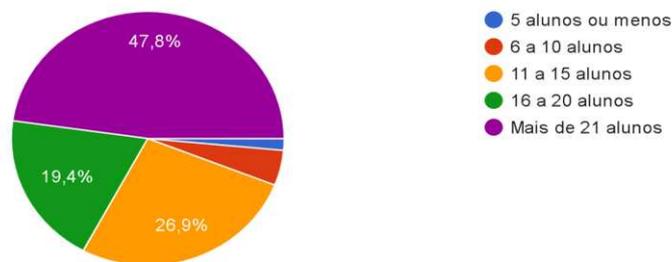
Modalidades de Circo	Quantidade de professores
Manipulação de objetos	64
Acrobacia de solo	58
Equilíbrio	45
Atividades Aéreas	36
Ator de Circo – Palhaço	26

Fonte: Autoria Própria.

Com intuito de obtermos mais informações, indagamos qual a quantidade de alunos por turmas que os docentes têm durante as aulas de atividades circenses (gráfico 8): 32 (47,8%) dos docentes possuem mais de 21 alunos por turmas; 18 (26,9%) professores têm de 11 a 15 alunos, 13 (19,4%) professores possuem turmas com 16 a 20 alunos. 3 (4,5%) professores com 6 a 10 alunos e apenas 1 (1,5%) docente com turmas de 5 alunos ou menos.

Gráfico 8: Quantidade de alunos por turmas nas aulas de atividades circenses

Nas aulas de atividades circenses, qual a quantidade de alunos/as por turma?
67 respostas



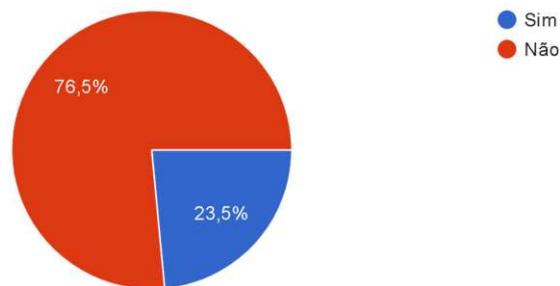
Fonte: Autoria Própria.

¹⁰ Nesta pesquisa, utilizamos como base as modalidades circenses classificadas por Duprat (2007, p.58).

Ao questionarmos se os professores recebem a ajuda de um educador/(a) e auxiliar em suas aulas (gráfico 9), vimos que 52 (76,5%) professores, não têm nenhuma assistência e apenas 16 (23,5%) disseram que têm algum apoio.

Gráfico 9- Auxílio nas aulas de atividades circenses

Você tem algum tipo de auxiliar para as aulas de atividades circenses?
68 respostas



Fonte: Autoria Própria.

Quando questionamos sobre os desafios pedagógicos enfrentados nas aulas de atividades circenses (figura 12), dispusemos como resultado:

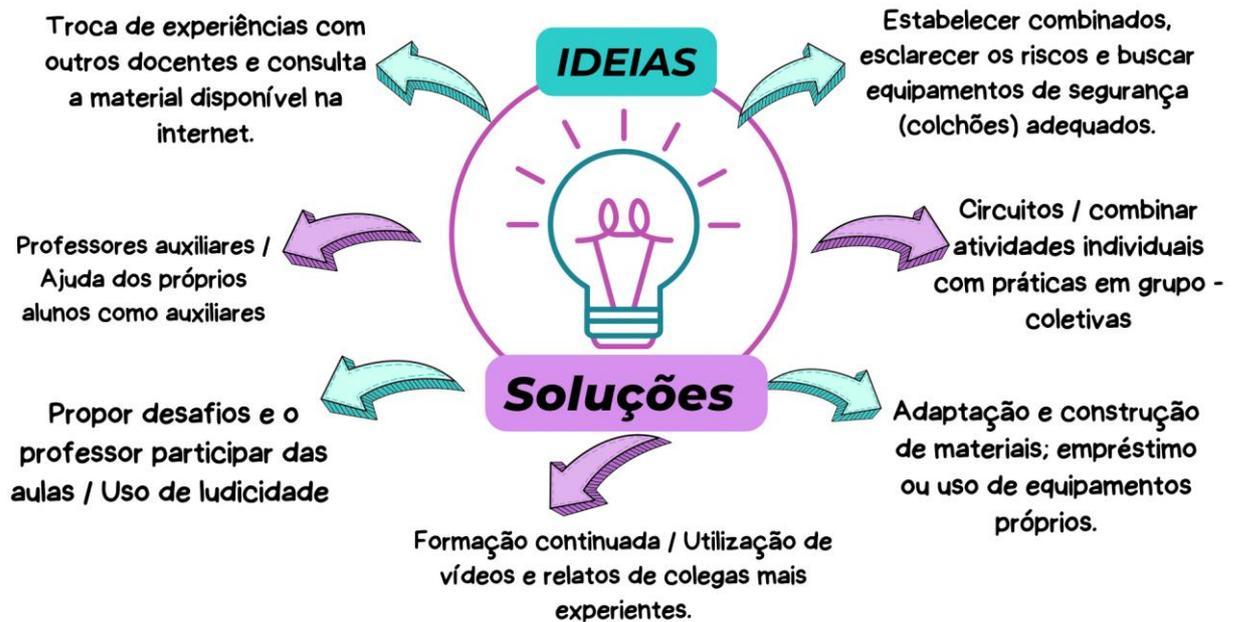
Figura 12 - Principais desafios enfrentados pelos professores:



Fonte: Autoria Própria.

Por outro lado (Figura 13), sugerimos a colaboração dos docentes para ressaltar quais as principais soluções pedagógicas que ajudam/ajudaram a superar os desafios indicados:

Figura 13: Soluções e ideias pedagógicas utilizadas pelos docentes:

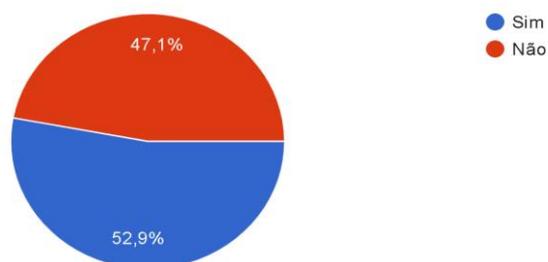


Fonte: Autoria Própria

Mais incisivamente perguntamos aos docentes se eles ensinam a modalidade de tecido em suas aulas e dentre os 68 docentes que trabalham com as atividades circenses, 36 (52,9%) responderam que sim e os outros 32 (47,1%) não ministram tecido em suas aulas como veremos a seguir:

Gráfico 10- Docentes que ensinam tecido em suas aulas.

Você ensina a modalidade de tecido em suas aulas?
68 respostas



Fonte: Autoria Própria.

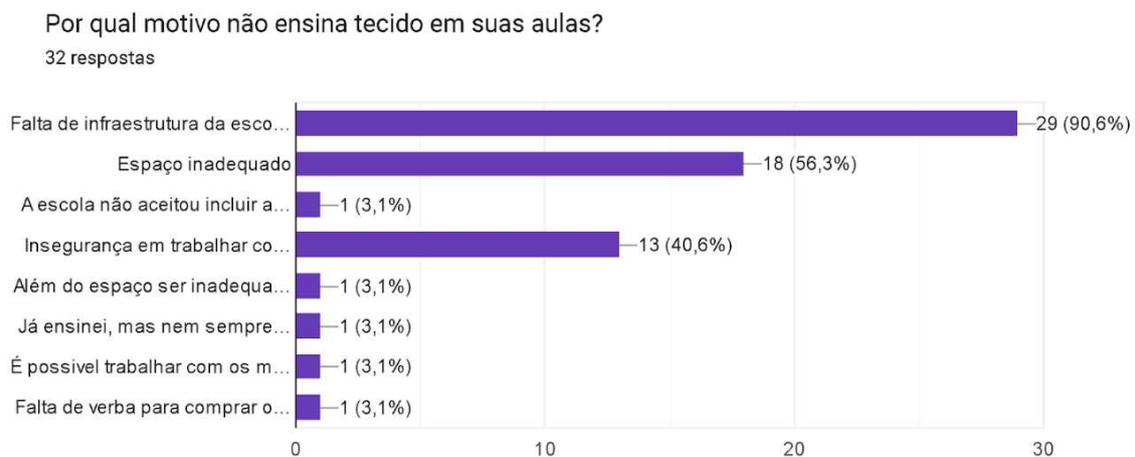
A estes 32 docentes questionamos por qual motivo o tecido não está presente em suas aulas (gráfico 11), 29 (90,6%) professores disseram não ter infraestrutura na escola, 18 (56,3%) indicaram que o espaço é inadequado e 13 (40,6%) responderam que não ministram o tecido pela própria insegurança em trabalhar com a modalidade. Outras respostas foram obtidas:

“Além do espaço inadequado, a quantidade de alunos sem suporte de um professor auxiliar dificulta muito.”

“Já ensinei, mas nem sempre é possível. Essa é uma atividade que demanda mais atenção da professora e é difícil trabalhar tantas crianças ao mesmo tempo com segurança.”

“É possível trabalhar com os movimentos básicos, mas falta verba para comprar os materiais.”

Gráfico 11: Razão de não ensinar a modalidade de tecido acrobático



Fonte: Autoria Própria.

Ao darmos seguimento no nosso questionário com os 36 docentes que ensinam o tecido em suas aulas, verificamos quais são o número de alunos por turmas (gráfico 12), 12 (33,3%) docentes indicaram ter de 11 a 15 alunos em suas aulas de tecido, 10 (27,8%) trabalham com turmas que possuem mais de 21 alunos, 6 (16,7%) docentes atuam com turmas de 16 a 20 alunos e somente 3 professores (8,3,%) com o número reduzido de 6 a 10 alunos. 2 (5,6%) docentes trabalham com 5 alunos ou menos.

Gráfico 12: Quantidade de alunos nas aulas de tecido.

Quantos alunos você tem nas aulas de tecido na escola?

36 respostas



Fonte: Autoria Própria.

Alguns docentes complementam as respostas acima, com depoimentos como:

“Tenho 6 turmas com 30 estudantes em cada uma. abordo o tecido acrobático ao tratar do conteúdo Circo nas aulas de Educação Física. A abordagem desse conteúdo dura um trimestre. Na escola em que atuo temos projeto de extensão de Circo, no então, não atuo nesse projeto.”

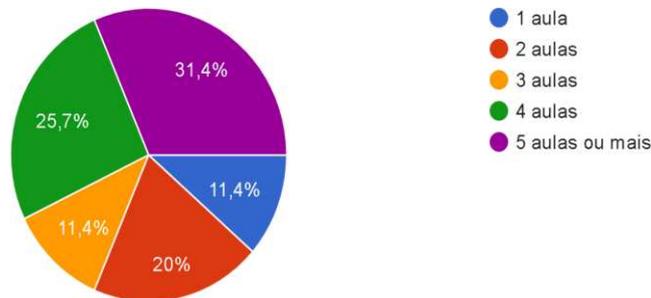
“No clube tenho no máximo 10 alunos, agora quando trabalho no componente conto com 25 a 35 estudantes.”

“Dificilmente coloco tecido nas aulas de educação física curricular, somente no extracurricular.”

Quanto à quantidade de aulas de tecido ministrada, a maioria dos professores, 11 (31,4%), disse ministrar 5 aulas ou mais por mês, 9 (25,7%) 4 aulas mensais, 7 professores (20%) uma aula a cada 15 dias (2 mensais) e 4 professores (11,4%) uma vez ao mês, como vemos no gráfico 13:

Gráfico 13: Quantidade de aulas de tecido mensal.

Na escola em que atua, quantas aulas de tecido você ministra por mês?
35 respostas



Fonte: Autoria Própria.

Conferimos o número de aparelhos (tecidos) utilizados em suas aulas, 8 (22,85%) professores disseram ter 2 tecidos disponíveis, porém caso estejam sem auxiliar às vezes preferem utilizar somente um, 10 (28,57%) professores possuem apenas 1 tecido por turma, contudo 5 (14,28%) professores trabalham com 3 tecidos ou mais, inclusive há professores que mencionaram trabalhar com 6 a 7 tecidos. Ainda tivemos relatos de que o tecido é emprestado para a escola (ex-alunos ou até mesmo adquirido pelo próprio professor para trabalhar em suas aulas). E apenas 1 (2,85%) professor citou que utiliza o tecido em gota (tecido marinho¹¹).

Figura 14: Tecido em gota



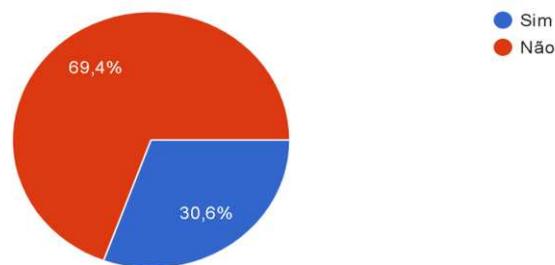
Fonte: Arquivo pessoal (2023).

¹¹ Difere-se do tecido liso no modo de ancoragem, onde as duas extremidades separadas são fixadas. (BORTOLETO E CALÇA, 2007).

No que diz respeito se há auxiliares em suas aulas em que ministram tecido (gráfico 14), 25 (69,4%) docentes disseram que não contam com nenhuma assistência, em contrapartida 11 (30,6%) professores têm auxiliares em suas aulas, o que por muitas vezes acaba facilitando o trabalho com a modalidade em questão. Foram constatadas que as aulas possuem diversas durações, desde 30 a 90 minutos, sendo a maioria entre 40 a 60 minutos de aula.

Gráfico 14: Auxílio nas aulas de tecido.

Nas aulas de tecido você conta com a participação de algum auxiliar?
36 respostas

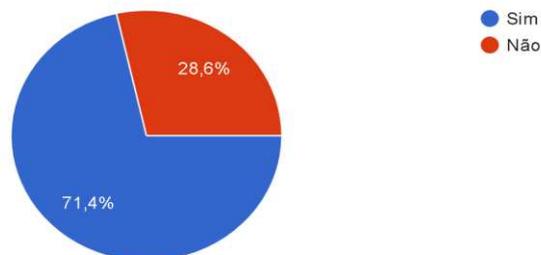


Fonte: Autoria Própria.

Para concluirmos esta etapa da pesquisa, perguntamos aos docentes, se a escola em que atuam realiza apresentação em algum momento do ano letivo (gráfico 15). Das 34 respostas que contamos, 25 (71,4%) docentes fazem apresentações com suas turmas, enquanto 10 (28,6%) não realizam nenhuma apresentação.

Gráfico 15: Apresentação de tecido na escola.

A escola realiza algum tipo de apresentação no final do semestre ou final do ano?
35 respostas



Fonte: Autoria Própria.

Consideramos que essa fase da pesquisa foi de suma importância para o estudo, visto que tivemos uma amostra significativa, no qual o estudo abrangeu docentes de todas as regiões do Brasil, conseguimos adentrar no âmbito escolar identificando quem são os professores que estão ministrando as atividades circenses no Brasil, onde e como estão inseridos nesse ambiente.

Apenas dois professores do nosso estudo não possuem formação de ensino superior e verificamos que 68 participantes são formados em educação física, mas encontramos outras áreas profissionais relacionadas, tais como; arte, dança e pedagogia. É interessante evidenciarmos que estes docentes estão inserindo as atividades circenses em suas aulas por intermédio do próprio curso de formação ou estimulados pelo currículo da escola em que atuam, alguns motivados pela sua própria prática como aluno de circo ou por cursos com o tema.

Referente ao lugar de atuação, o nosso estudo identificou que as escolas municipais e particulares estão tendo mais atuação com o circo se comparado com as escolas Estaduais e Federais. Também observamos que as atividades circenses em geral estão integradas à disciplina de Educação Física principalmente nas escolas públicas e como atividade extracurricular nas privadas. Assim sendo, temos evidências que são as escolas públicas principalmente que estão potencializando o ensino das atividades circenses. E ainda o nosso estudo revelou que estas aulas são predominantes no Ensino Fundamental - Anos Iniciais, contudo também estão sendo trabalhadas no Ensino Médio.

Em relação às modalidades ministradas por esses professores nos deparamos com a predominância das modalidades de manipulação de objetos e acrobacia de solo, no entanto a modalidade de acrobacias aéreas só ficou atrás da de ator de circo. O motivo por não trabalharem com o tecido é majoritariamente a falta de infraestrutura da escola, todavia há professores que não ensinam a modalidade pela própria insegurança.

A respeito da estrutura das aulas em que o tecido é trabalhado, notamos que as turmas são numerosas, podendo ultrapassar 21 alunos por aula e na maioria das vezes o professor não possui nenhum tipo de auxílio, o que evidentemente pode atrapalhar o desenvolvimento da modalidade.

É notório que os professores vêm incluindo as atividades circenses em suas aulas por intermédio de muitas questões, sejam particulares, ou até mesmo curriculares, dessa maneira percebe-se que o circo está se expandindo, mesmo que seja de forma sucinta e gradativamente nas escolas de educação básica.

Por fim, ressaltamos que de maneira concisa e preliminar o questionário nos indicou alguns problemas e soluções prévios para as aulas de tecido e auxiliou na seleção de docentes

para a realização da entrevista semiestruturada online para averiguarmos como está sendo realizado o ensino dos aéreos no ambiente escolar de forma mais aprofundada.

4.2 Professores selecionados para a entrevista

De acordo com o nosso primeiro critério por amostragem (YIN, 2001), espaço geográfico, decidimos selecionar professores das 5 regiões do Brasil. Ao iniciarmos o processo de seleção dos docentes, verificamos que os dois professores voluntários da região norte da 1ª etapa do nosso trabalho (questionário online), não atendiam outros requisitos para participar da entrevista. Entre os voluntários, um dos docentes ensinava circo na escola, mas por questões de infraestrutura da escola não a modalidade de aéreos. No entanto, o outro professor voluntário trabalhava com um projeto no qual é realizado através de um edital; onde levava para as escolas as atividades circenses por um dia, inclusive levava uma estrutura portátil para trabalhar com a modalidade de tecido, contudo, como não realiza um trabalho contínuo, decidimos nos aprofundar e investigar os professores que estão diariamente com a modalidade, portanto, não houve docentes da região norte.

Como Barreto, Duprat e Bortoleto (2021) identificaram, na região norte há apenas 14 espaços formativos, considerados estabelecimentos como instituições que regularmente proporcionam o ensino do circo, abrangendo diversas modalidades de ensino (cursos livres, cursos profissionalizantes, etc.) e considerando diversas variáveis (duração, participantes, níveis, etc.), o que entende-se a dificuldade de encontrarmos professores dessa região, além disso o estudo de Barreto e Bortoleto (2019), citam que essas diferenças de predominância das atividades circenses nesta região também mantêm relação com outros indicadores, tais como; densidade demográfica, distribuição de renda, nucleação de universidades entre outros.

O nosso segundo critério de inclusão e seleção para as entrevistas foi a tipologia do regime escolar; Privado ou Público (Municipal, Estadual e Federal). Entendemos que os órgãos mantenedores podem influenciar na prática do tecido, não somente por questões de infraestrutura, mas também de apoio e incentivo.

Como terceiro critério, decidimos conversar com professores de ambos sexos, pois de acordo com Bortoleto e Ontañón, (2023), não há diferenças quanto ao sexo dos docentes, de modo que o ensino é igualmente realizado por homens e mulheres, mas estudos de Falcade, Bortoleto, Corrêa (2023) constataram que a maioria dos docentes que ensinam a modalidade de tecido são do sexo feminino.

A Área de formação no Ensino Superior foi outro fator que levamos em consideração, pois, detectamos que dentre os 25 voluntários, um possuía formação em artes e o outro docente o ensino médio completo. De acordo com os outros pré-requisitos conseguimos selecionar o professor que possui apenas o Ensino médio completo para verificarmos como começou a dar aulas de circo e como chegou à escola.

Também utilizamos como critério onde o ensino do tecido acrobático está inserido, foram selecionados docentes que ministram aulas extracurriculares, projeto interdisciplinar, conteúdo de uma disciplina e que pertence a grade curricular da escola. (BORTOLETO, LOPES, 2023; CHIODA, 2018; MELO, 2020; SANTOS RODRIGUES, 2018).

E por fim incluímos no nosso critério o segmento escolar, pois, conforme Bortoleto et al. (2020), Cardani et al. (2017), Chioda (2018), Ribeiro et al. (2021) e Santos Rodrigues et al. (2021), as atividades circenses estão presentes na escola básica desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Dessa maneira selecionamos professores que estão atuando nos mais diversos segmentos como demonstra o quadro 5 a seguir:

Quadro 5: Resultados da seleção para a entrevista

Geográfico	Regime escolar	Gênero	Formação	Ensino do tecido	Segmento escolar
Sul	Municipal	Feminino	Educação Física	Componente Curricular e do período integral	Fundamental Anos iniciais
Sudeste	Particular	Feminino	Educação Física	Extracurricular	Todos
Centro Oeste	Federal	Masculino	Educação Física	Componente curricular e extracurricular	Ensino Médio
Nordeste	Particular	Masculina	Ensino Médio	Extracurricular	Ensino Fundamental Anos iniciais

Fonte: Autoria Própria.

Em síntese, buscamos abordar a diversidade na seleção dos professores, no regime e segmento escolar e onde o ensino do tecido está inserido, não como uma comparação entre elementos, mas sim como uma junção e integralização de diferentes aspectos. Em vez de destacar diferenças, nosso objetivo foi explorar como essas diversas facetas se complementam

e enriquecem o contexto em questão, de modo a oferecer apoio a uma pedagogia adaptada a várias realidades e abordagens didático-pedagógicas, auxiliar na formação de professores, fomentar e estimular uma cultura de segurança nas modalidades aéreas circenses, contribuindo para os conhecimentos e práticas circenses, e promover a introdução do tecido no ambiente escolar.

Capítulo 5. O ENSINO DO TECIDO ACROBÁTICO NA ESCOLA

Apesar das diversas problemáticas previamente apontadas no que diz respeito ao ensino do tecido acrobático no ambiente escolar (CARDANI, 2018; DUPRAT, 2007; FERREIRA, BORTOLETO, SILVA, 2015; MELO, 2020; ONTAÑÓN, 2016; SANTOS RODRIGUES, 2018; ZAIM-DE-MELO et al., 2020), o presente estudo parte da premissa de que é possível o ensino, como ficou evidente na fase inicial. Desse modo, damos início à análise das entrevistas realizadas com docentes experientes, ou seja, que realizam o ensino do tecido acrobático na escola, em combinação com a vivência da pesquisadora-docente, como foi descrito no capítulo 3.

5.1 O que fazem os docentes experientes

As entrevistas foram realizadas com três professores formados em educação física e apenas um professor com ensino médio completo. De acordo com os professores em algumas escolas particulares, não é obrigatória a formação de Ensino Superior para ministrar aulas extracurriculares, segundo estes docentes, são as próprias escolas que vão em busca de professores/monitores que ensinam atividades diferenciadas para incorporar em seu currículo. Portanto, ao indagarmos este professor sobre sua formação acadêmica, ele explicou uma pouco de sua trajetória como demonstra este trecho da entrevista:

Docente Nordeste: “Não, não tenho nenhuma formação acadêmica. O que acontece? A minha formação é composta por vários cursos diversos e oficinas diversas em várias regiões do país.

Dentro da Educação Física, nunca dei aula. Justamente por causa da formação. Aqui existe uma diferença muito grande. Porque assim, obviamente você não pode fazer o trabalho de um profissional de Educação Física sendo um artista-circense... Tipo, você é um profissional de CIRCO, você não é um profissional de Educação Física, mas você possui conhecimentos, alguns conhecimentos que esse profissional também tem, mas você é um artista-circenses...

... Eu não sei, mas eu vejo que muitos professores vão trazendo as próprias práticas para as suas aulas. Então a forma como a gente vai estruturando as nossas aulas vai depender muito dessa bagagem que a gente vai trazendo, né? Então a gente vai diversificando nisso, né?

Posto isto, como corrobora Cardani (2018), Melo (2020) e Ontañón (2016), na maioria dos casos de ensino do circo na escola, os/as professores/as iniciam as atividades tendo experiência no assunto, ou seja, existe uma familiaridade prévia, majoritariamente advinda da

formação profissional-artística, e como constatamos em nosso questionário também com conhecimentos adquiridos na graduação e em cursos livres.

Assim como relatei da minha experiência para chegar até aqui (Capítulo 3) alguns professores comentaram como conheceram as atividades circenses:

Docente Nordeste: “Eu trabalho com o circo há mais ou menos uns 12 ou 13 anos. Comecei a trabalhar, porque havia um amigo meu que trabalhava na sala, ele trabalhava com eventos, né? Aniversários, casamentos e tal, festas, e aí ele fazia malabares nesses eventos. Malabares e outras técnicas também, né? E aí um dia eu fui para ele ensinar malabares, achei bacana, interessante, eu já tinha um trabalho com arte, com teatro, mas com o circo ainda não. E aí ele me ensinou, eu gostei, achei bastante interessante, comecei a apropriar outras técnicas para me aprofundar e conhecer mais sobre o circo. E aí fui para os malabares de fogo, para a manipulação de fogo. Depois eu fui para a palhaçaria. Da palhaçaria eu fui para os aéreos, e dos aéreos para a acrobacia de solo”.

Docente Centro-Oeste: “E a minha trajetória dentro da atividade circense começou em 2011, quando eu entrei na graduação. Onde eu tive o professor que trabalhava a atividade circense na universidade. E, em específico, ele trabalhava o tecido acrobático, né? Aberto. E o duo acrobático, né? Solo, né? Então, ali eu comecei a minha jornada em me aprofundar mais nessa cultura corporal de movimentos aí, do circo, né? E aí eu fui buscar mais conhecimento do tecido, duo acrobático. Fui para a convenção circense, busquei pessoas que trabalhavam o circo dentro da escola também, leituras. A importância do circo dentro da escola, né? Primeiro fui me preparar na graduação para eu poder entrar e levar essa modalidade para a escola, né? Em 2015, foi onde eu tive o primeiro contato com as crianças”.

Docente Sul: “Na época da faculdade a gente utilizou o circo, a gente apresentou um circo e aí eu tive um pouco mais a fundo, participei mais. Depois eu me formei e fiquei um tempo sem praticar, até por causa das escolas. Aí quando eu entrei na prefeitura, aí eu me senti mais livre para poder fazer o que eu realmente queria fazer. Então eu comecei a trabalhar no circo com as crianças em 2013. Aí fiz curso com o Nilo, que é do centro lá do Guido Viaro. Daí fiz curso com ele e até aí foi”.

Nesse sentido, Ontañón, Duprat e Bortoleto (2012), Duprat (2014) e Tucunduva (2015) discutem que uma das principais limitações em relação ao ensino das atividades circenses é a ausência dessa temática na formação inicial dos professores, principalmente os professores de Educação Física, no entanto, como mostrou nosso questionário, atualmente há docentes que estão inserido o tema circo em suas aulas por intermédio da própria graduação, o que nos leva a entender que embora ainda seja uma limitação, estão ocorrendo movimentos sucintos para suprir essa deficiência como já exposto no estudo de Tucunduva e Bortoleto (2019).

5. 2 O perfil das escolas e o processo de implementação.

A minha primeira ação com as atividades circenses na escola foi em 2015, um colégio da Região Metropolitana de São Paulo entrou em contato me oferecendo aulas de circo na escola, no qual era uma atividade ofertada na grade curricular do período integral do ensino Infantil e Fundamental (Anos Iniciais). Aceitei este desafio e me instituí no âmbito escolar com as atividades circenses, desse modo também ocorreu com o professor do Nordeste, onde a escola particular procurou o professor para oferecer uma atividade diferenciada:

“E aí geralmente as escolas procuram. As escolas que falam, poxa, eu quero um artista circense dando aula aqui para os meus alunos. Basicamente é assim que acontece aqui.”

Através dessa experiência que tive na região metropolitana de São Paulo, pude levar esse modelo do colégio para implementar em outras escolas. Em 2019, compartilhei essa ideia com um colégio particular do interior de São Paulo, através de um e-mail propondo o projeto de inclusão das atividades circenses, após este contato, foi realizada uma reunião com a direção e a coordenação visando maior detalhamento sobre as modalidades circenses a serem ensinadas, métodos de trabalho e também apresentar as minhas experiências na área. O colégio aceitou a proposta e incluiu o ensino das atividades circenses no período integral, além de incorporar o circo nas atividades extracurriculares.

Em vista disso, em nossa entrevista identificamos que a docente da região Sudeste passou por um processo semelhante, porém com aulas extracurriculares:

Docente Sudeste: “Eu conheci um rapaz que era estagiário nessa escola particular. Ele veio ser estagiário na academia, que eu trabalho também com tecido. E aí ele comentou que lá nessa escola tinha atividades extracurriculares. E daí eu perguntei, ah, tem tecido lá? Ele falou não. Falei, ah, então me passa o contato da pessoa pra eu mandar um projeto. E aí eu mandei o projeto e a gente começou a conversar.”

Já na região Sul, constatamos que o currículo foi um fator motivador para a inserção das atividades circenses como relatou a docente:

“Então faz 11 anos que eu estou na prefeitura e é 11 anos que eu trabalho com o circo com as crianças. Alguns anos eu consigo trabalhar o ano todo,

quando eu pego tempo de movimento, né? E algumas vezes é só durante um período, que é durante a educação física. O conteúdo ginástico. A gente trabalha o conteúdo ginástico, e aí entra o quinto ano de atividade circense, né? E daí, nesse conteúdo, eu aprofundo o circo. Eu tenho uma turma de movimento, né? Para fechar a carga horária. Então, com essa turma de movimento, desde o primeiro dia de aula até o último dia de aula é circo. O ano todo é circo comigo.”

Nesta região, principalmente no Paraná, as atividades circenses são um conteúdo obrigatório na disciplina de Artes do 2º ano ao 5º ano do Fundamental- Anos iniciais e na Educação física está no currículo do 6º ano e 9º ano do Fundamental -Anos Finais. Conforme o referencial teórico do Paraná (2018, p. 349) o circo está presente como objeto de conhecimento na unidade temática de Ginástica Geral, no qual diz:

“A ginástica geral (Essa manifestação da ginástica pode receber outras tantas denominações, como ginástica básica, de demonstração, acrobacias, entre outras), também conhecida como ginástica para todos, reúne as práticas corporais que têm como elemento organizador a exploração das possibilidades acrobáticas e expressivas do corpo, a interação social, o compartilhamento do aprendizado e a não competitividade. Podem ser constituídas de exercícios no solo, no ar (saltos), em aparelhos (trapézio, corda, fita elástica), de maneira individual ou coletiva, e combinam um conjunto bem variado de piruetas, rolamentos, paradas de mão, pontes, pirâmides humanas etc. Integram também essa prática os denominados jogos de malabar ou malabarismo”.

Portanto percebe-se que nas instituições públicas, o ensino pode ser impulsionado por propostas pedagógicas governamentais, mesmo que a formação contínua dos professores nem sempre acompanhe tais mudanças.

Por outro lado, nas instituições privadas, a ênfase está na resposta às demandas de mercado, buscando diferenciar-se da concorrência por meio de conteúdos programáticos e curriculares. O que ficou evidente no relato do docente da região nordeste:

Docente Nordeste: “Eu trabalho em escolas particulares... A escola quer ter mais uma atividade dentro da grade curricular, algo diferente para os alunos e tal. E às vezes tem esse pensamento único, simplesmente de ter algo diferente para os alunos na escola”.

Para Santos Rodrigues (2018), a escola se beneficia dos saberes do/a docente, otimizando o processo de incorporação dessas práticas no rol de oferecimentos. Foi precisamente o que aconteceu no caso do docente da região Centro-Oeste:

Docente Centro-Oeste: *“Sou professor temporário aqui do Instituto Federal, E aqui foi muito motivador, porque eles não tinham essa modalidade dentro da educação física, porque os outros professores que estão aqui são especialistas em outra área. No início, trazer aqui foi uma novidade. Como eu falei, eles não tinham. E aí, eles ficavam perguntando, o que é isso? Um olhar de curiosidade. Aí, eu vim, coloquei, armei o primeiro tecido.”*

No contexto específico do ensino de circo, observa-se uma associação regular com o projeto midiático das escolas, sendo que o crescimento é mais expressivo no setor privado devido à maior demanda de mercado e à capacidade de incorporar professores especializados (BORTOLETO, 2023; MELO, BORTOLETO, ONTAÑÓN, 2021). Contudo verificamos que há uma movimentação dos professores da rede estadual e municipal, inclusive das próprias prefeituras para incluir esse conteúdo na escola como apresentado em algumas propostas como a do Estado do Paraná (2006, 2008), Rio Grande do Sul (2009) e no Estado de São Paulo com o Programa Segundo Tempo (GOYAZ, 2005), e em seus municípios Bauru (2023) e São José dos Campos (2023), entre outras.

5.3 Infraestrutura e segurança para as atividades

Na apresentação do meu projeto para a direção do colégio do interior de São Paulo, alguns questionamentos foram realizados, com ênfase na segurança, indagando sobre os riscos e cuidados que deveriam ser considerados. Nesse aspecto, Ferreira, Bortoleto e Silva (2015), ressaltam que é preciso desenvolver uma “cultura de segurança” nas aulas, exigindo do/as professor/a a preparação do contexto de aula, da metodologia de ensinar e da escolha adequada dos equipamentos. Para Cardani (2018) se houver uma abordagem segura e contextualizada é possível abordar as modalidades aéreas na escola com diversas idades, como constatou numa escola no estado de Minas Gerais, assim como Melo (2018) noutra em São Paulo.

Cardani (2018) relatou que muitos professores/as desejam ensinar as modalidades aéreas, entretanto muitas escolas não oferecem a estrutura ou equipamentos de segurança necessários.

Duprat e Bortoleto (2007) destacam que as escolhas das modalidades circenses a serem trabalhadas na escola em geral está associada à infraestrutura da escola, e a formação prévia dos/as docentes, sendo mais comum aquelas que não requerem materiais e estruturas específicas, dispendiosas ou complexas, como comprovou o nosso questionário, onde mais da metade dos docentes estão atuando com malabares e acrobacias de solo e apenas 35 docentes

dos 82 estão inserido a modalidade aérea em suas aulas. Apesar dos desafios relacionados à obtenção de materiais, instalação apropriada e manutenção de equipamentos de segurança como colchões, o ensino das modalidades aéreas não é totalmente impedido. No entanto, a incidência dessas práticas nas aulas é reduzida. (FERREIRA, BORTOLETO, SILVA, 2015; NUNES, BORTOLETO, 2021; NUNES, FERREIRA, BORTOLETO, 2022).

Apesar disso, Cardani (2018) e Melo (2018) ressaltam que em algumas unidades educacionais, especialmente nas privadas, vem acontecendo investimentos nessas práticas, como atesta as salas que utilizei em minhas aulas (Figura 15).

Figura 15: Sala utilizada para a aula de atividades circenses no colégio da região metropolitana de São Paulo em 2015.



Fonte: Arquivo pessoal.

Em contrapartida, iniciar com as aulas de tecido na escola do interior de São Paulo, foi um pouco complicado, visto que a escola estava localizada em um outro prédio, que por sua vez só contava com uma quadra e um pátio, em alguns momentos a quadra estava sendo usada nas aulas de educação física, então adaptamos o pátio para pendurar o tecido, era necessário que a professora/pesquisadora, levasse os tecidos e os colchões. Com o passar do tempo e a mudança para outro prédio, a escola passou a investir mais nos materiais e pensar no próprio espaço para as aulas, como mostra a figura 16.

Figura 16: Sala utilizada para as aulas de atividades extracurriculares no colégio do interior de São Paulo



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Nesse sentido, também comprovamos com a fala da professora da região sudeste sobre o investimento que a escola realizou com o decorrer do tempo.:

Docente Sudeste: “Temos seis tecidos presos a sete metros. Quando eles fizeram uma reforma na escola e eles fizeram mais uma cobertura de quadra, né? A gente fez um projeto junto com o engenheiro da obra e fizemos uma viga específica pra estar prendendo esses tecidos. Então lá a gente já sabia quantos tecidos a gente queria colocar, como que a gente queria estar trabalhando. Então a gente tem hoje na aula seis tecidos.”

Já para Ontañón (2016), outra limitação em relação a infraestrutura para as modalidades aéreas é a escassa altura dos espaços. Contudo esta autora constatou, que em alguns casos os espaços são adaptados para as aulas de circo a partir das necessidades que vão surgindo, mesmo não oferecendo as condições ideais elas podem ocorrer, como exemplifica o professor da região nordeste:

“Ele acontece com uma linguagem inserida dentro desse contexto da educação infantil. Então não é realizada com muita altura, com muito... com muita coisa incrível, sabe? Então, na escola, eu não prendo o tecido em estrutura assim. Porque a estrutura é... Não é uma estrutura maciça, sabe? De telhado, alto, aquele pé. Não. É no telhado, no máximo dois metros de altura, né? Então, mas mesmo assim, sim, há risco de queda.”

Apesar das adaptações é interessante ressaltarmos que a segurança é primordial para o ensino da modalidade, o estudo de Santos Rodrigues (2018) relatou que uma escola/professora retirou o tecido do seu planejamento, pois costumava pendurar o aparelho na trave de futsal e, assim que soube de um acidente em situação de aula semelhante ao realizado por ela, deixou

de usar esse recurso. Apesar de todas as recomendações e cuidados a professora do Sul comentou um fato que a ocorreu:

“É, uma vez eu fui testar e caiu, realmente caiu. Eu não dava o nó muito certo, eu subi no trapézio, o trapézio caiu, foi mais forte. Tinha colchão, tinha tudo, mas foi comigo, né? Aí até as crianças, nossa, a prof caiu, viu? Então eu levo muito isso a sério, porque é uma questão de não deixar falhar a segurança, né?”

Desse modo, fica claro que a infraestrutura da escola e a adequada qualificação do/a professor/a, são fatores importantíssimos para as aulas de circo, sobretudo em relação às modalidades aéreas, como reforçam as pesquisas de Bortoleto (2008) e Kriellaars et al (2019).

De acordo com Ferreira, Bortoleto e Silva (2015) é fundamental reduzir os riscos e os acidentes na prática circense, por isso o conhecimento dos procedimentos básicos de segurança é fundamental. Por conseguinte, verificamos com os nossos entrevistados questões sobre montagem e desmontagem dos aparelhos aéreos, infraestrutura e segurança que estão empregando:

Docente Sul: “Eu monto ele assim. Na minha escola tem uma sacada na quadra, na minha quadra interna, e tem uma sacada. Então eu amarro na sacada, que é bem resistente, né? Eu amarro o tecido na sacada e ele fica baixinho, pequeno, não dá. Aí, ano passado, eu tive a ideia de prender no meio da quadra uma corda, até pra apresentação, né? Então a gente passou um fio lá por cima da estrutura da quadra, e esse fio fica pendurado. E daí tem mosquetão, daí eu prendo com mosquetão o tecido quando eu uso. Então assim, eu faço uma cama, tenho um colchão embaixo, pra não ter problema, né? Toda vez que eu vou subir, eu sou meio doidinha, eu subo e testo. O diretor fica mais doido comigo, acho que ele tem mais medo de eu me machucar do que as crianças.... Eu só fico de olho para ver como fica a corda, se a corda não está desfiando, até mais que ela fica fixa em cima.

Docente Centro- Oeste: “Então, com relação a isso, eu quem faço, né? Na verdade, faço todo o processo de ancoragem dos aparelhos. Então aí eu faço tudinho e eles me ajudam também, né? Aí eu monto os tecidos. Hoje os tecidos estão fixos dentro da quadra, né? Antes nós não tínhamos quadra coberta e nós ficávamos na área de convivência. E aí quando cobriu a quadra agora, terminaram a quadra, nós colocamos, passamos tudo para a quadra. E aí, uma das questões que eu faço é a segurança, isso é inevitável, principalmente na escola que nunca teve. E aí eles questionavam: está bem seguro? Está bem seguro, eu já fui, revi, fiz todos os procedimentos lá, está tudo seguro, eles não vão cair. Porém, toda nessa minha trajetória, já houve sim aluno caindo do tecido, caindo da lira, isso é super normal. No início eu ficava um pouco preocupado, hoje em dia eu falo, não, levanta e faz de novo. E aí eles ficam, mas eu cá, professor, eu estou com vergonha. Não, eu também cá, eu também me machuquei algumas vezes, não grave, mas todo esse processo aí faz parte. Então, eu falo para eles assim, vocês estão com uma grande vantagem, que

quando eu aprendi, eu tive somente o básico e eu tive que aprender o resto sozinho.

Docente Nordeste: Toda vez que a gente tem aula, eu monto. Termina a aula, eu desmonto. É. Dois tecidos. Dois tecidos.

No entanto, no meu caso, há um funcionário da escola que faz todas as instalações e manutenções e após minha conferência para averiguar a segurança dos aparelhos, início às aulas. Hoje, os dois tecidos permanecem fixos e são retirados a cada seis meses para a manutenção dos mesmos.

Constatamos que apenas na escola da região sudeste há uma equipe especializada para fazer a instalação e manutenção dos materiais, como explica a professora:

“Esses aparelhos a gente troca todos os aparelhos de segurança a cada dois anos. Mosquetão, fita, os tecidos eles são lavados a cada seis meses, nas férias ou se há uma necessidade antes a gente também faz essas trocas. E a escola tem uma equipe de manutenção com treinamento na NR35 e eles que fazem todas as ancoragens para a gente. Ou eles mexem com andaime ou com a girafinha, né? Aquela automática, né? Pelo menos a escola está ajudando, auxiliando toda essa parte da equipe para nós. Porque é um pouco mais complicado. Cada tecido tem um colchão de dois por três por trinta, né? Que é o maior que existe para ginástica.”

Segundo Ontañón (2016, p 119), “a escola tem a responsabilidade de conhecer as atividades que o professor realiza na aula para assim poder assisti-lo na compra de materiais, matérias de segurança e até mesmo auxiliar com outros professores”. Para isso, realizei uma reunião com a escola/direção onde indiquei todos os materiais que seriam necessários. No início, como comentado, levei os meus próprios materiais, mas com o decorrer do tempo, a escola me fez uma proposta onde a cada mês compraria um material e assim foi realizado. Hoje tenho bolinhas de malabares, claves, aros, pratos de equilíbrio, swings, colchões e tecido.

Em vista disso, constatamos que assim como eu, alguns docentes iniciaram suas aulas levando os próprios materiais, não somente o tecido, mas bolinhas, aros, claves e colchões para poder auxiliar em suas aulas, porém, comentaram que com o tempo e a permanência das aulas de circo, a escola começou a investir nos materiais:

Docente Nordeste: “Tem acontecido um movimento bem bacana de não precisar levar equipamento e da escola perguntar e aí, o que você precisa para exercer o seu trabalho dentro desse escopo? Você precisa de malabares?”

Precisa de uma estrutura para aprender e a escola permite. No início, sim, quando entrei eu levava, minha escola estava percebendo que existia uma demanda por esse tipo de material.”

Docente Sul: “Então, nessa escola que eu estou há quatro anos, o professor que estava antes de mim, ele tinha contato com o circo. E quando surgiu a oportunidade de um projeto de comprar material, ele comprou todo o material do circo. Ah, então nessa escola, quando eu abri o armário, eu quase chorei. Porque realmente é difícil, né? Mas eu tenho tudo lá. Eu tenho a perna de pau, aquela de ferro, né? De alumínio. Eu tenho a... nossa, a bicicleta lá, o monociclo, eu tenho a clave, eu tenho a argola, eu tenho as bolinhas, eu tenho o diabolô. Então, eu tenho tudo, eu tenho tecido em si, tenho tecido, né? Nas outras escolas que eu trabalhei, foi tudo com a minha entrada... Com o tempo, eu fui adquirindo meus próprios malabares, né? Então, eu tenho uma coleção de cada um. E daí, eu levava para as escolas, mostrando os meus materiais e fazia muito alternativo. Então, nas outras escolas, era tudo material alternativo. Nessa que eu estou, eu estou no céu.”

Sendo assim, percebe-se que a partir do momento que a escola compreende o que é a atividade circense, quais são suas práticas, possibilidades e contribuições, começa a apoiar e investir para uma melhoria nas condições de aula, temos como exemplo o relato da professora do Sul:

“Então, assim, eles não davam muita moral, né? Aí, na verdade, depois que eu terminei a apresentação, eu ganhei um pouco de moral do circo ali. E a escola, então, apoia, a direção super apoia mesmo a parte de movimento, né? De projetos. Então, a escola gosta da ideia também.”

Também, tivemos relatos de que além do apoio da escola, esta não interfere em nenhum momento sobre as aulas e alunos.

Docente Sudeste: “A interferência que eu tenho, na verdade, é de apoio no processo. Então, que nem eu falei que eu queria fazer uma apresentação e eu queria um fundo de tema, eles vão, eles correm atrás, eles fazem o investimento. Esse ano eu queria fazer, a gente tem uma árvore lá na escola, que ela é amarela, o tronco dela a gente não consegue abraçar em duas pessoas, e ela é muito alta, uma árvore que veio, assim, na fundação da escola. E eu falei que eu tinha um sonho de fazer uma apresentação lá. E aí eles falaram, não, então vamos lá, vamos fazer. A gente colocou o tecido primeiro, fez todos os testes para ver se a árvore tinha saúde, tudo isso. Depois a gente pôs os tecidos lá e fizemos uma iluminação de baixo para cima. A gente manda uma foto, se quiser, para você ter ideia. Fizemos uma iluminação de baixo para cima, fizemos com colchões em volta para as famílias ficarem, tipo se fosse um piquenique, assistindo. Cadeiras para as pessoas mais idosas, mais ao redor. E ficou uma coisa, assim, bem aconchegante, com bastante flores. Então, assim, a escola compra as ideias do que a gente está querendo fazer e eles ajudam a gente nesse processo. Mas

interferência disso vai ser feito, isso não. Não, a gente tem toda a autonomia que a gente gostaria de ter para fazer as coisas. É uma escola parceira, então, que realmente está lá para ajudar também.”

De modo geral, notamos que os professores receberam importante apoio da escola, sendo esse um aspecto decisivo para a implementação do ensino do circo e, mais precisamente, do tecido acrobático nas instituições.

5.4 Sobre as aulas de tecido

Estrutura de Aula

Uma vez aprovado o início do meu projeto na escola, foi acordado que as aulas teriam no máximo 12 alunos com dois professores/as, e 60 minutos de duração. As turmas foram divididas por faixas etárias, sendo infantil (1 a 4 anos) e fundamental (5 a 9 anos).

O projeto foi apresentado para os pais/mães/responsáveis, por meio de uma reunião tratando de explicar os cuidados com a segurança, a qualificação das professoras e outros detalhes, como as vestimentas adequadas e até mesmo, as escoriações e hematomas que poderiam ocorrer em consequência das atividades. A comunidade escolar ficou animada com a nova atividade da escola, dando início às atividades em fevereiro de 2019. Desse modo, as aulas tiveram muita procura, foram formadas quatro turmas de período integral, sendo duas de infantil e duas de fundamental, e mais quatro turmas de aula extracurriculares, ou seja, tínhamos em média 80 alunos, divididos em turmas por idade, a quantia máxima era de 12 alunos, porém houveram dias que haviam mais de 20 alunos, principalmente no infantil, onde os pais poderiam escolher somente alguns dias específicos para a criança ficar na escola em período integral, portanto, muitos escolhiam o dia que tinha circo.

Portanto, para nos aprofundarmos nas aulas de tecido no contexto escolar, questionamos os docentes sobre alguns aspectos gerais de estrutura de aula e obtivemos (quadro 6):

Quadro 6: Aspectos gerais dos docentes em suas aulas de tecido.

Participante	Segmento Escolar	Contexto	Quantidade de Alunos	Quantidade de tecidos
--------------	------------------	----------	----------------------	-----------------------

Pesquisadora/ Professora	Infantil ao Fundamental Anos Iniciais	Período Integral e extracurricular	12 a 20	2
Sul	Infantil	Ed. Física escolar e projeto	28 a 32	1
Sudeste	Infantil ao Fundamental Anos Finais	Extracurricular	12	6
Centro Oeste	Ensino Médio	Ed. Física escolar e projeto	15 no projeto 40-45 na ed. Física	3 tecidos (2 liso e 1 em gota)
Nordeste	Infantil	Extracurricular	6 a 10	2

Fonte: Autoria Própria

Após verificarmos com os docentes, entendemos que a modalidades de tecido tem mais enfoque nas turmas extracurriculares, pois o número de alunos por turma é menor, chegando totalizar no máximo 12 a 15 alunos:

Docente Nordeste: “Elas são extracurriculares, não são obrigatórias. Uma das escolas que eu dou aula, ela é uma escola do ensino básico, infantil. Então a minha aula funciona como oficina. Os alunos têm a possibilidade de frequentar a oficina que eles escolherem durante aquele mês. E aí eles têm oficina de culinária, de música, de ciências, de o que mais? De dança. E eles escolhem. São crianças de entre 8, não 8 não, 6, 6 e 10 anos. Período integral.”

Docente Centro-Oeste: “Hoje eu trabalho com projetos, né? Então tenho aí, eu acho que cerca de umas 40 crianças, mais ou menos, entre 30 e 40. Eu devo ter, de manhã, uns 15, a tarde também uns 15. Varia bastante, né? E na educação física, por turma eu tenho de 40 a 45 alunos.

Docente Sul: “É uma turma do integral. Só que o período da manhã que eu fico na escola, eles têm um conteúdo no integral de manhã. Então são práticos, né? E a tarde é o regular deles. Como sobrou uma carga horária, eu acabei pegando eles para dar o circo. Tem um tecido só. Turma de 32, 33 alunos na educação física”

Docente Sudeste: “A gente tem alunos que fazem até três vezes por semana. Então eles pegam os horários que nós disponibilizamos, escolhem o melhor horário pra eles estarem fazendo as aulas e eles se matriculam. Hoje a gente atende em torno de 150 alunos no tecido. Temos seis tecidos presos a sete metros. As turmas são de 12 alunos por aula. E a gente atende desde do infantil

5 até o ensino médio. O infantil e o primeiro ano a gente separa. A partir do segundo ano a gente deixa junto com as mais velhas e a gente tem uma turma separada que é uma turma mais avançada que a gente chama de turma de treinamento.

Com base na citação de Bortoleto et al. (2020), as atividades circenses são destacadas por sua capacidade de promover um aumento significativo na participação tanto nas aulas curriculares quanto extracurriculares. Este aumento é atribuído ao fato de que as atividades circenses envolvem crianças de todos os gêneros, tornando-as inclusivas e atraentes para um público diversificado. Essa abordagem sugere que as atividades circenses podem desempenhar um papel positivo no engajamento e na participação das crianças em diferentes contextos educacionais.

De acordo com a professora da escola particular da região sudeste, a modalidade de tecido só “perde” para o futebol, contabilizando mais de 150 alunas, apesar de ser aberto para meninos e meninas, o público de suas aulas é apenas feminino. Identificamos que isso só ocorreu nesta escola. Ressaltamos que na Região Centro-Oeste, onde as aulas são para o Ensino médio, há a participação de todos, inclusive no projeto, que consideramos como aula extracurricular:

“Eles me procuram bastante. Principalmente, quando eu cheguei aqui no ensino médio, os alunos falavam assim, Professor, isso aí é coisa de viado, coisa de mocinha. Eu falava assim: Faz cinco minutos de apresentação com toda a sua força. Eu fazia desafio para apresentar. Então, só escala o tecido aí. Só escala. Não, vem aqui. Isso aqui é coisa de mocinha, então vamos fazer uma escalada aqui. Só isso daí. Aí eu trazia por quê? Porque eu queria que eles experimentassem, na verdade. Não no sentido de provar nada. Mas que eles experimentassem tudinho. Inclusive, teve um menino que subiu uma vez e falou assim, Professor, eu preciso fazer o tecido. Aí ele veio fazer aula. O desafio, diante dos meus olhos, era para ele tocar o tecido, ter esse processo de contato, experimentação. Ver que não é isso. Então ele começou a vir no projeto, desenvolver tudinho. E aí foi muito gratificante também. E eles veem. Eles gostam. É desafiador. Então acaba instigando mais, motivando mais. Então isso é muito bom para os alunos e o professor, no caso eu, também acabo ficando mais motivado.”

Em síntese, os relatos apresentados sugerem que as atividades circenses têm o potencial de exercer um impacto positivo no envolvimento e na participação de crianças em diversos cenários educacionais. Ao reconhecer a natureza inclusiva e atrativa dessas atividades, acreditamos que elas podem contribuir para estimular o interesse e a participação das crianças em diferentes contextos de aprendizagem. Essa perspectiva destaca a importância das

atividades circenses como uma ferramenta educacional versátil e benéfica para promover o engajamento dos alunos.

Participação de auxiliares

Ao verificarmos que usualmente as aulas das atividades circenses são com turmas numerosas, recordei que como havia comentado anteriormente, a minha primeira experiência com tecido na escola foi em 2015, em uma escola particular da região metropolitana de São Paulo, neste colégio havia um estagiário que me acompanhava, e por ser o seu primeiro contato com o circo, precisei ensinar e esclarecer muitas dúvidas no decorrer das aulas, infelizmente não tínhamos um momento no qual nos reuníamos para planejar e discutir as aulas, de modo que era difícil auxiliá-lo na instrução de como lidar com os alunos e os aparelhos, o que de fato, poderia contribuir mais efetivamente no seu desenvolvimento profissional, além de proporcionar uma aula de maior qualidade.

Contudo, nesta outra escola da região do interior de São Paulo, já iniciei o projeto com uma professora auxiliar que também tem experiências com as atividades circenses, inclusive com o tecido, o que de fato, facilitou muito o trabalho.

A respeito disso, indagamos os professores participantes sobre a existência de alguma colaboração e assistência, tivemos como repercussão:

Docente Centro-Oeste: “Não, não. Só tenho auxílio com os alunos que têm autismo ou alguma deficiência. Depende também da deficiência, né? Tem alguns alunos que não aceitam. Mas fora isso daí, é só eu mesmo e as crianças desenvolvendo a aula. Quando eu pego eles, eu chamo alguns alunos que já estão mais avançados para me auxiliarem. Se os alunos que estudam à tarde, eu peço para eles virem pela manhã para poder me auxiliar.”

Em um outro momento o professor nos revelou:

Docente Centro- Oeste: “Porque eu sou só um e eu não vou dar conta de ministrar aula no tecido aberto, no tecido em gota, na acrobacia, na lira, né? Eu não dou conta. Aí eu comecei a designar alunos para me ajudarem, né? E eles vão, fazem a pesquisa, buscam o vídeo, trazem e a gente faz a adaptação do movimento, né? ”

Docente Nordeste: “Tenho. Tenho um auxiliar, que é uma coordenadora diária, que ela fica ali observando as crianças entre uma oficina e outra. Ela está me ajudando. Ela que, por exemplo, faz a chamada para as crianças entrarem para o oficina e tal. Ela só auxilia ali na contenção das crianças, né? No comportamento e tal. Mas acho que ajudaria muito, se tivesse alguém, ajudaria muito.”

Docente Sul: *“Eu faço sozinha. Tudo sozinha. Eu não tenho outro parceiro de educação física, é só eu.”*

Docente Sudeste: *“A gente tem mais um professor na escola, que ele foi meu estagiário. Já tive outros auxiliares, e aí a gente vai dando treinamento pra eles, mas como é uma modalidade em altura, a gente não trabalha tanto com o treinamento de estagiários. A gente prefere já ter um professor. Como a gente tem essa opção de ter o professor treinado, a gente prefere estar trabalhando com ele. E até as mais velhas, por já terem esse hábito, elas também já vêm e já ajudam as mais novas também.”*

Por fim, todos concordaram que a assessoria da escola e de outros professores que já possuem um conhecimento na área é um fator facilitador para o desenvolvimento da modalidade de tecido na escola, porém a participação dos próprios alunos como co-docentes (co-responsáveis), são opções efetiva, como relatado pelos docentes aqui investigados.

Planejamento das aulas

Após identificarmos que na maioria dos casos os professores não possuem um auxiliar, começamos averiguar quais são os processos pedagógicos abordados.

No meu caso, para iniciar as aulas de tecido no contexto escolar, necessitei de uma reflexão e revisão da minha prática pedagógica, agora voltado para crianças de dois anos de idade até oito/ nove anos. As aulas precisaram ser adaptadas já que havia uma diferença de idade entre os alunos, ou seja, a turma do integral infantil, tinha alunos de 1 a 4 anos juntos, assim como o fundamental também era misturadas os alunos de 5 a 9 anos. Logo, o professor da região Centro-Oeste também comentou dessa adaptação:

Docente Centro-Oeste: *“Mas, quando eu cheguei aqui, para colocar essa identificação da atividade circense no ensino médio, foi um pouco dificultoso em alguns pontos de vista. Primeiro, eu tinha que colocar a importância dessa atividade corporal dentro do Instituto Federal. Qual que é a importância? Então, eu ia divulgando para eles porque essa atividade faz parte do contexto escolar. Não é só mais uma atividade solta. Ela não tem que ser uma atividade solta. Ela tem que ter uma contextualização diante da vida dos estudantes. Então, eu fui, devagarzinho, introduzindo algumas informações. O porquê trabalhar o circo. O que é o circo. O que é essa atividade acrobática. Como eu me vejo dentro desse processo de formação. O circo ligado ao processo de formação. Como eu me sinto com o meu corpo. Até então eu não tinha tido essa experiência de dar aula para o ensino médio. Para mim foi um desafio também, porque a minha prática pedagógica estava voltada totalmente para as séries iniciais.”*

Ontañón, Duprat e Bortoleto (2012) destacam limitações teóricas e procedimentais associadas a essa lacuna na formação dos profissionais. Essa falta de preparo pode representar um obstáculo significativo para o desenvolvimento das atividades circenses no contexto educacional. Nesse sentido, os professores expressaram os seus pontos de vista:

Docente Nordeste: “Eu não sei, mas eu vejo que muitos professores vão trazendo as próprias práticas para as suas aulas. Então a forma como a gente vai estruturando as nossas aulas vai depender muito dessa bagagem que a gente vai trazendo, né? Então a gente vai diversificando nisso, né?”

Docente Sul: “E aí, hoje em dia, com a experiência que a gente vai tendo durante as aulas, a gente vai conseguindo montar jogos, montar essas estratégias, né? É, a gente vai vendo o que cabe na aula. Porque a gente tenta fazer um jogo, não dá certo, né? Ah, então essa turma não deu certo. Aí vai tentar um outro ano, ou dá pra tentar, e vai indo. Às vezes temos muito assim, ah, não deu certo. Vou refazer, né? Pra não cair, tipo, ano que vem, olhar e falar assim, não deu certo, mas vou tentar novamente.”

Nessa perspectiva, entendemos que com o decorrer do tempo vamos trazendo nossas experiências para as nossas aulas, elaborando com mais detalhe o que facilitará o processo de ensino e o que caberá em determinado momento.

Por conseguinte, questionamos os docentes sobre seus planos de aula e seus fundamentos, identificamos que nas escolas particulares, o planejamento de aula não é obrigatório, no entanto, nas escolas municipais e federais há um planejamento mais efetivo. Temos como exemplo a própria proposta curricular do Paraná (2008). Apesar disso, os docentes dessas escolas, apenas indicaram a existência de um planejamento, mas não ficou evidente o como ele é elaborado:

Docente Centro-Oeste: “Aqui, dentro do IEF, já tem algumas temáticas estabelecidas. E aí, eu fujo no sentido de adaptação do meu planejamento. Todo semestre, eu tenho que ensinar um conceito de esporte. E aí, como não havia essa atividade circense, eu pedi para o meu coordenador para eu poder abordar. E ele aceitou, super aceitou. E aí, eu fui buscando material para eu poder entender mais e fazer eles entenderem também.”

Por sua vez, constatamos que a professora da região sudeste possui um planejamento para cada nível:

Docente Sudeste: “Eu tenho um planejamento anual, ele é desenvolvido semanalmente com os conteúdos. Eu tenho um planejamento de iniciação, que são os alunos que estão aprendendo as travas básicas. Eu tenho um

planejamento intermediário, que é quem já sabe as travas e está aprendendo algumas figuras dentro daquela trava daquela semana. E eu tenho um planejamento do pessoal mais avançado, onde a gente trabalha muito mais técnica e outros desafios técnicos. Então dentro da mesma aula eu tenho quatro planejamentos. E aí eu vou dando a mesma aula em grupo, o ensino é individualizado.”

Já o professor da região nordeste fez um breve relato sobre o seu planejamento:

“Bem, escola, como você sabe, eu não dou só tecido, né? Tem meses, por exemplo, no mês passado, na primeira semana eu fiz slacklining. Na segunda semana eu fiz perna de pau. Na terceira semana eu fiz tecido e na última eu fiz acrobacias. E aí, em cada uma dessas linguagens, basicamente o trabalho inicial, sempre de aula, é de pedagógico. Muito educativo. Dependendo do nível do aluno também. O grupo é fechado, mais ou menos às vezes com seis, sete alunos, no máximo com dez. E aí eu olho os alunos, faço uma análise prévia ao vivo dos níveis. Ah, aquele ali está bem recente, não sabe andar de perna de pau ainda, então com ele eu vou trabalhar os educativos. E evolução até chegar lá, e depois movimentos mais avançados. Como uma crescente. Uma parábola que cresce. Começando da base, dos intermediários e subindo, sempre trabalhando educativo, seja a técnica que for.”

Por fim, segue uma amostra do planejamento do 1ª Bimestre de 2023, que utilizei em minhas aulas (pesquisadora-docente).

Quadro 7- Plano de aula

Planejamento Circo				
1º BIMESTRE 2023				
Datas	Eixos/ Conteúdos (O quê?)	Objetivo	Procedimentos (Como)	Avaliação
30/01	Malabares com lenço	Desenvolver a manipulação e o equilíbrio do lenço	Aquecimento com Ranca rabo Exploração de equilíbrio, jogos sobre comandos.	Observar a coordenação, as habilidades motoras e os comportamentos dos alunos.
6/02	Aéreos: Tecido Acrobático	Conhecer e vivenciar a modalidade aérea de tecido Experimentar algumas figuras e movimentos no tecido	Aquecimento com mãe da rua no tecido (com os tecidos em movimento o aluno deve ultrapassar a “rua” com movimentos pré estabelecidos) Tecido em trança: (Balanço, casulo, anjinho, ponte e balezinho) Tecido lisa: Tarzan	Diagnosticar a habilidade motora dos alunos, verificar se o aluno compreende e consegue realizar os movimentos. E identificar quais os comportamentos dos alunos enquanto a espera dos colegas.
13/02	Manipulação e equilíbrio de objetos	Explorar as diversas formas de equilíbrio de objeto pelo corpo	Aquecimento: Pega pega avião Exploração dos pratos de equilíbrio Jogos de estafetas	Observar e identificar a noção espacial do aluno, a coordenação motora e o comportamento perante aos colegas.
20/02	FERIADO			
27/02	Aéreos	Desenvolver força e vivenciar a posição invertida no tecido	Aquecimento Tecido: puxando trenzinho (uma criança sentada no tecido no chão, a outra deve puxar para perto de si) Trança: balanço em pé, morceguinho, super homem, triângulo	Diagnosticar como está a capacidade física de força e a noção espacial do aluno.
6/3	Confecção de materiais	Confeccionar o “swing” com material	Confecção de Barangandã (papel sulfite, crepom e barbante)	Identificar as atitudes e comportamentos desejados dos alunos em relação à

		alternativo e explorar o material	Jogo da memória Criação de coreografias	atividade, cooperação, respeito, responsabilidade, entre outros valores.
13/3	Tecido	Desenvolver força, coordenação motora e percepção espacial	Aquecimento no Tecido: João bobo Tecido liso: Escalada (subida) Trança: Barquinho, anjinho, secretária, homem aranha e estrela no morcego e queda para a frente	Constatar como está a capacidade física de força e agilidade, e analisar a noção espacial do aluno. Observar as atitudes dos alunos perante as atividades.
20/3	Acrobacia	Vivenciar os movimentos básicos da acrobacia de solo	Pega pega ponte e sorteio de saltos (figurinhas com os saltos básicos) Circuito com parada de cabeça, estrela no arco, rolamento para frente e para trás, vela, ponte.	Observar a coordenação e as habilidades motora, e os comportamentos dos alunos.
27/3	Tecido	Desenvolver percepção corporal e social, força e coordenação motora	Aquecimento: Saimon diz (mestre mandou com aquecimento articular) Tecido liso: escalada, abertura com gota, x nas costas, escorpião no chão cambalhotas e sustentação braço	Analisar como está a coordenação motora e a noção espacial do aluno. Observar as atitudes dos alunos perante as atividades
3/04	Equilíbrio	Vivenciar o equilíbrio sob objeto e desenvolver mobilidade corporal, flexibilidade e equilíbrio em posições estáticas.	Jogo do twister Pé de lata e cama de gato	Verificar a capacidade coordenativa de equilíbrio, agilidade e a mobilidade corporal do aluno.

10/4	Tecido	Experimentar figuras invertidas e desenvolver a percepção corporal e espacial.	Aquecimento: Pega pega alto Trança: Pose deitada, Tecido liso: escalada, trava do pé, borboleta no chão, mergulho pra frente Gato mia	Observar como está a capacidade física de força e agilidade, e a noção espacial do aluno.
17/4	Manipulação de objetos- Aros	Conhecer e experienciar a manipulação do aro, desenvolvendo a coordenação motora	Aquecimento com Coelhoinho sai da toca Exploração de aros Jogo Batalha naval (os alunos ficam em um espaço delimitado e os aros são jogados em seus pés para desviarem)	Observar a coordenação, as habilidades motoras e os comportamentos dos alunos.
24/4	Todas as modalidades	Explorar todas as modalidades que foram trabalhadas	Circuito com todas as modalidades	Constatar as modalidades que os alunos tiveram mais dificuldades de aprendizagem.

Fonte: Autoria própria.

Como já havia trabalhado na educação física escolar, trouxe esse modelo de planejamento comigo. Compreendemos que o planejamento de aula é fundamental para os professores por diversas razões (BOSSLE, 2002; DARIDO, RANGEL, 2005; DEZOTTI, 2020; LIBÂNEO, 1994; MOREIRA, 2008; ZABALA, 1998).

De acordo com Libâneo (1994) e Dezotti (2020) a eficiência no ensino é fundamentada em um planejamento cuidadoso, essencial para diversos aspectos do processo educacional. Ao organizar o conteúdo de maneira lógica e sequencial, os professores conseguem otimizar o tempo disponível para a aula, assegurando uma abordagem mais eficaz.

Além disso, para Libâneo (1994) e Bossle (2002), o planejamento desempenha um papel crucial no alcance de objetivos educacionais. Ao definir metas claras para cada aula, os professores direcionam o tempo em sala de aula para atingir esses objetivos específicos de aprendizado, proporcionando um ambiente de ensino mais direcionado e produtivo.

A adaptação às necessidades dos alunos também é facilitada pelo planejamento. Ao considerar cuidadosamente as necessidades e habilidades dos alunos durante o processo de planejamento, os professores criam um ambiente de aprendizagem mais adaptado e inclusivo. (MOREIRA, 2008).

Segundo Dezotti (2020), a construção de um plano de aula bem estruturado contribui diretamente para o engajamento dos alunos. Incluir estratégias que mantenham os alunos envolvidos torna as aulas mais interessantes e interativas, promovendo uma experiência educacional mais envolvente. Ainda a autora, a avaliação e o feedback são partes integrantes do planejamento. Ao incorporar estratégias de avaliação, os professores conseguem medir o progresso dos alunos, fornecer feedback construtivo e adaptar o ensino conforme necessário para melhor atender às necessidades individuais (KUNZ, 2001).

Para Zabala (1998), o controle da sala de aula é aprimorado com um plano de aula bem elaborado. Isso ajuda na gestão do tempo, no gerenciamento do comportamento dos alunos e na resolução eficiente de possíveis problemas, promovendo um ambiente de aprendizagem mais organizado e produtivo. Sendo assim, a coerência no currículo é garantida pelo planejamento de aula ao longo do tempo. Contribui para a consistência no ensino, assegurando que o conteúdo esteja alinhado aos objetivos educacionais e aos padrões curriculares estabelecidos (DARIDO, RANGEL, 2005).

Por fim, Dezotti, (2020) comenta que o planejamento não apenas beneficia os alunos, mas também contribui para a preparação pessoal dos professores. Ao ter um plano estruturado, os professores se sentem mais confiantes e preparados, reduzindo o estresse e aumentando a eficácia do ensino.

Em resumo, o planejamento de aula é uma ferramenta essencial para proporcionar uma experiência de aprendizagem eficaz e envolvente para os alunos, ao mesmo tempo em que oferece suporte ao desenvolvimento profissional contínuo dos professores.

Conteúdo das aulas

Quando observamos os conteúdos de aula, alguns professores citaram que conseguem trabalhar o aspecto histórico, a criatividade das crianças, a expressividade, além dos fatores motores e psicológicos como expõe os docentes da região Nordeste e Centro- Oeste:

Docente Nordeste: “Por exemplo, teve uma época que a gente estava fazendo encontros sobre a história do circo. Eu contava para eles a história do circo, conversava com eles sobre. Porque a oficina de circo nessa escola,

ela é isso. Ela é uma oficina de circo. Então não importa o que for que eu traga. E viver o circo, assim, estiver em relação ao trabalho.”

Docente Centro-Oeste: “Eu trabalho com a música, com a finalização das figuras, a importância de dar sentido ao tecido, a coreografia que ele está montando... principalmente a forma de expressão, né? Trabalho com música, trabalho no conceito da expressão, né? De dar sentido a essa cultura corporal, né? De dar sentido à vida no tecido, à expressão corporal. O que eles querem com a música? Por que eles estão fazendo o que eles estão fazendo, né? Então, aí eu trabalho em cima disso. Já desenvolvi, sim, estudos. A importância da historicização do circo na escola, né? Inclusive, tem duas alunas minhas que fizeram a IC sobre isso, né? E foram descobrindo, eu fui orientador delas. Elas foram comigo também apresentar esses estudos na Universidade Federal aqui do Mato Grosso do Campo Grande. Estiveram comigo lá apresentando. Faz toda essa parte, né? Por que? Toda a prática educacional tem que gerar algo significativo para o aluno, né? Tem que gerar uma relevância social. Não podemos só soltar o tecido lá e ficarem pendurados. Isso também não acontece. E aí, de forma do dia a dia, nos treinos, eu vou colocando palavrinhas, né? Você percebe o que é um circo de elite? O que não é um circo de elite? Você percebe? Você consegue valorizar aquele artista de rua que faz malabares? Quantas vezes você já passou por esse artista? Inclusive, eu mesmo, né? Quando não tinha conhecimento, eu achava que era apenas um vagabundo. Não tinha esse conhecimento. E eles vão com esse olhar para fora, né? E eles trazem também algumas coisas. Falam, não, vai ler, vai buscar, vai pesquisar. Então, tem que atender a demanda do aluno.

Contudo, a professora da região Sul nos contou que ainda há dificuldades em trabalhar de maneira um pouco mais ampla nestes aspectos com os aéreos:

Docente Sul: Eu vou dizer que na parte de aérea é bem mais superficial assim. Eu mostro pra eles vídeos, né? Antes de começar o conteúdo, eu mostro um vídeo. Eu mostro um vídeo de uma apresentação de circo, de um circo mesmo. Porque como eu trabalho em uma área mais carente assim, eles não têm muito acesso à cultura. Então, eles não têm... Ah, quem já foi no circo? Levanta a mão um, dois. Então, a gente traz aquela cultura, que daí fala do malabarismo é mais fácil, porque dá para ver na rua, né? Mas aí, quando eu mostro vídeos... Então, a gente vai fazer isso hoje. As crianças falam; Nossa! Mas eu não entro muito na questão da história. Isso me falha um pouco, entrar um pouco mais aprofundado nisso eu não tô entrando. É mais a questão do movimento, dos movimentos básicos, né?

Posto isto, também averiguamos que em determinados momentos, alguns temas transversais são trabalhados, principalmente no Ensino Médio. O professor do Centro-Oeste nos relatou que houve alguns questionamentos referentes a gênero, inclusive um pai de aluno não gostou de ver o filho em uma figura no tecido, neste momento conseguiram discutir e

abordar esse assunto em aula, outro aspecto importante que o professor nos apresentou foi relacionado a “exposição” do corpo:

“O corpo fica muito exposto dentro do tecido, né? Então ali gera muito alvoroço entre os alunos que estão passando por esse processo hormonal. E ali eu consegui, dentro da quadra, conseguir ficar um pouco isolado, né? Minimizar o controle das meninas, né? Então eu tive todo esse cuidado também aí de proteger as meninas, de levantar algumas questões também que elas trazem para mim, né? Com relação a assédio, tem meninos que por elas estarem no tecido na época lá, começaram a mandar mensagens no privado, nas redes sociais. Não, a gente tem que conversar, né? Porque o corpo fica exposto, né? E não tem jeito. E aí nós vamos, como professores, nós vamos pontuando algumas questões também com relação a isso, com relação ao corpo.”

Já em relação aos movimentos, obtivemos poucas informações referente as figuras realizadas no tecido, identificamos somente alguns exercícios, como veremos nos relatos dos professores:

Docente Sul: “Aí, eu mostro geralmente três movimentos. Eu faço, é a cruz... Eu não sei os nomes... O ninho, né?. A gente chama de Mula, pega a cruz... E o outro que travo a perninha e viro pra trás. Então, os três básico.”

Docente Centro-Oeste: “Ah, estou fazendo portagem, estou fazendo figura...”

Docente Nordeste: “ Uma criança ou outra mais avançada, com uma consciência corporal maior, aí ensina a subir sem nó, a criança sobe, eu consigo ensinar algumas outras coisas, umas travas de pé, umas enroladas, e aí vamos embora.”

Docente Sudeste: “Aí, depois, por exemplo, eu vou trabalhar a chave de cintura. Então, eu tenho alunas que estão aprendendo a chave no chão, alunas que estão aprendendo a fazer a chave fora do chão, mas ainda abaixo e alunas que já fazem movimentos na chave... Por exemplo, a bota, eu ensino sentada no colchão. Depois, fica em pé e faz a bota com o pé no chão”

Entendemos que ao falarmos sobre os movimentos nas modalidades aéreas há uma grande dificuldade, pois em cada espaço, em cada região há uma nomenclatura diferente, na verdade não há um “dicionário” para as figuras no tecido, o que também acreditamos que pode ser um empecilho para o ensino dessa modalidade na escola.

Processos pedagógicos e metodologias

Os processos pedagógicos na Educação Física referem-se às práticas, estratégias e abordagens utilizadas pelos educadores no ensino e aprendizagem de conteúdos relacionados ao movimento, assim sendo, esses processos visam promover o desenvolvimento integral dos estudantes, considerando aspectos físicos, motores, cognitivos, sociais e afetivos. Posto isto, a seguir relataremos como são organizadas as aulas:

Em todas as aulas início com uma roda de conversa, onde os alunos ficam sabendo quais os objetivos da aula, as regras e combinados que serão necessários, após, iniciamos com um aquecimento com algum jogo/ brincadeira, às vezes é realizado um alongamento mais específico com mobilidades articulares, desse modo concordamos com Cardani, (2018), que acredita que na escola não há necessidade de seguir métodos rigorosos de preparação corporal e que jogos e brincadeiras seriam interessantes estratégias pedagógicas, como exemplificou os professores da região nordeste e sul:

Docente Nordeste: “Ah, não, às vezes o aquecimento é uma brincadeira, às vezes o aquecimento é um pega-pega, às vezes o aquecimento é uma estátua, sabe, com música. Às vezes o aquecimento é um jogo da velha com corrida, é o X da bolinha, pode ser a clave, a bola pode ser a clave, e o ar ou a bolinha, e o desenho no chão, e as crianças correm pra fazer jogar o jogo da velha. Então, brincadeiras também fazem parte.

Docente Sul: “Geralmente, quando eu vou trabalhar tecido e trapézio, eu alongo, né? Nas outras, eu já acabo pulando o alongamento. Mas aquecimento eu faço todas as aulas. Então a gente faz brincadeira, mãe pega, às vezes conteúdo de circo, às vezes não. Mas sempre tem um aquecimento antes.”

Quando iniciei na escola da Região Metropolitana de São Paulo, a cada aula eu trabalhava uma determinada modalidade, enquanto 4 alunos estavam no tecido os demais ficavam aguardando a sua vez. (havia 4 tecidos pendurados). Quando os alunos já tinham uma certa autonomia, utilizei como metodologia predominante os circuitos, onde o tecido estava numa estação, porém a evolução no tecido através dos circuitos não era tão perceptível. Não se dava a atenção necessária para cada aluno.

Já na escola do interior de São Paulo, comecei a desenvolver uma outra dinâmica, depois do aquecimento os alunos são colocados em determinada área delimitada por tatames, onde permanecem sentados para esperar a sua vez, visto que temos apenas dois tecidos que utilizamos, como Zaim-de-melo et al (2020), descreveu; esse foi um obstáculo encontrado, pois

a sua turma também era numerosa e no seu local havia apenas um tecido disponível, o que em alguns momentos faziam com que os alunos ficassem em espera para vivenciar o aparelho.

Nos deparamos com essa mesma estratégia desenvolvida pelo professor da região nordeste:

Docente Nordeste: “Eles esperam. Eu não coloco outras atividades para eles, porque são crianças muito pequenas e elas sozinhas. Difícil que elas consigam conduzir o que elas estão fazendo, sabe? Então eu deixo todo mundo sentadinho em fila, observando o exercício que está sendo proposto e executado pelo coleguinha. É, o que que acontece? Lembra que eu te falei que eu tento individualizar? Pois então, nesse momento que eu tento individualizar, na minha cabeça é que eu tenho a continuação do processo pedagógico daquele aluno, que tem um nível diferente desse outro aqui. Então eu olho pra isso daqui e falo, ah, essa pessoa aqui, essa criança, ela só sobe na gota, ela só faz esse movimento, e essa criança é um pouco mais fraca e não consegue subir de tal jeito. E essa outra aqui, sabe, eu crio os processos, eu lembro de todos os processos na hora. Como são poucos alunos, entre 6, 7, no máximo 10, eu consigo fazer isso. Acaba facilitando, né, o número de alunos acaba ajudando na qualidade da aula, né, o que às vezes falta em outras escolas também”.

Duprat, (2007, p 59) questionou essa situação, exemplificando que “em uma turma de trinta alunos, enquanto um aluno vivencia o aparelho, o restante da turma estaria fazendo o quê?”. Realmente como vimos, em algumas aulas essa modalidade é trabalhada dessa maneira, visto que o professor precisa ter uma dedicação e atenção para cada aluno. Sendo assim a professora da região sudeste expôs o seu ponto de vista:

“Eu faço elas ficarem olhando e uma entender o processo que a outra está. Eu costumo falar na minha aula que a gente tem três jeitos de aprender tecido. Vendo, fazendo e ouvindo. Porque, às vezes, a dica que eu vou dar para uma aluna é a mesma dica que ela está precisando. Então, o que é importante é estar vendo para estar visualizando o que ela também faz, que a gente tem os alunos auditivos, sinestésicos e visuais. É importante ela estar fazendo para experimentar e ver o que a outra sentiu, e estar prestando atenção no que eu estou falando com outras alunas, para que elas também, às vezes, nossa, essa dica que ela deu também serve para mim. Então, eu peço e elas ficam prestando atenção. Então, às vezes, eu faço duplas e uma tem que ajudar a outra, uma tem que explicar para a outra. Está com dúvida, volta para o chão, faz no chão, vê onde está indo lá em cima. E elas sabem e se ajudam.”

Todavia, conforme Cardani (2018) constatou, há professores que abordam várias modalidades circenses na mesma aula, enfatizando uma mais do que as outras de acordo com o dia. Assim, também utilizamos dessa estratégia, em algumas aulas a turma foi dividida em dois,

três grupos, onde um grupo ficava no tecido e os demais com outros materiais. Por ter uma professora auxiliar que também possui uma experiência com circo, consegui dar uma ênfase maior na modalidade de tecido.

Encontramos essa situação na escola da região sul:

Docente Sul: “É, geralmente é assim, eu divido meninas e meninos, né? Aí as meninas fazem uma roda em volta do tecido, e nisso os meninos estão trabalhando malabares. Estão trabalhando uma outra modalidade, que já viram, né? Então, o tecido lá, eu explico pra cada uma, mostro um modelinho só, simples, da primeira aula, todas fazem, troca. Então, tem aula que às vezes dá pra fazer, tem aulas que não dá para trocar. A primeira vez que eu fiz, foi aula inteira mostrando só pras meninas. Aí os meninos ficaram pra próxima aula pra fazer. Daí, quando eu passo assim, no finalzinho, mais pra frente, eu coloco os circuitos, né? Circuito de trapézio, circuito do tecido, das pirâmides, né? E daí, os malabares, a gente tá fazendo um rodízio, daí cada um fica com um.” Quando chega na parte dos aéreos, eles já ficam um pouco mais tenso, que é mais difícil, né? Então, eles têm aquele medo, aquele medo de cair e tal. Então, eles já ficam fazendo com mais cuidado.”

Contudo, quando há mais tecidos, também é realizada uma estratégia para contribuir na segurança e na qualidade da aula. A professora da região Sudeste que possui 6 tecidos disponíveis relatou como é a sua organização de aula:

“Então, por exemplo, lá eu vou ensinar uma queda, essa semana eu tô dando uma queda na chave, eu não abro os seis tecidos, entendeu? Então, que nem, vou te dar o exemplo da minha última aula de ontem, vai. Eu fechei dois tecidos, eu deixei um tecido para uma aluna nova que chegou ontem, que era adaptação. Eu tenho hoje uma turma que tá treinando para uma apresentação no teatro, junto com outras modalidades da escola. Então, essas duas ficaram em um tecido e dois tecidos ficaram para eu dar essa queda. Então, quando eu vou dar algo que eu percebo que eu preciso ter um olhar muito mais próximo pela segurança da aula, eu fecho alguns tecidos e eu foco aonde eu quero.”

Duprat (2017) ainda ressalta que por ser uma vivência da modalidade na escola, podemos criar estratégias para diminuir o tempo de espera, através de contação de histórias, montagem de circuitos, entre outras soluções. Como exemplificou o docente da região Centro-Oeste:

“E aí, eu faço toda a questão das dinâmicas, do toque do corpo, do abraçar, de um carregar o outro também, para poder entender essa proximidade do corpo. Aí, depois de fazer as atividades, aquecimento tudinho, eu separo eles em grupo para poderem, cada um, ficar em um tecido e na lira também. Aí,

eles ficam bem distribuídos, porque até mesmo que eles não têm força, muitos deles não têm força, um minuto para eles é uma eternidade. Então, eles se cansam muito rápido, e aí sentam, fazem toda essa parte e fica muito dinâmico. Então, tudo dividido por etapas, com o auxílio de alguns alunos que conseguem me ajudar também. Enquanto os alunos estão esperando, eles estão observando, estão auxiliando também. Dentro desse processo educacional também, o que eu faço? Eu pego, ensino uma vez, faço eles repetirem depois que eu faço. Ensina agora seu amigo. Aí, eles partem para esse processo da autonomia. Não, é assim, assim, coloca aqui, passa o tecido aqui, vem, segura aqui, escala. Então, eles vão ensinando, eles mesmo. E facilita para mim também, né? Senão, não aguento”.

Identificamos que na região sudeste as aulas são mais voltadas para o aspecto esportivo, onde há uma preparação física mais específica e movimentos mais avançados:

Docente Sudeste: “Não, eu não trabalho em circuito. Eu só trabalho em circuito se eu quero condicionamento físico. Vou te falar. Eu dou um alongamento, aí eu faço o aquecimento articular. Geralmente, eu dou duas subidas normais e depois uma subida diferente. Ontem, por exemplo, não sei se você já trabalhou unindo dois tecidos para eles subirem fazendo o que a gente chama de M maluco na escola. Então, aí elas já têm que ter um pouco mais de força para passar por todo o M sem cair antes, sem desistir antes. Aí, depois, por exemplo, eu vou trabalhar a chave de cintura.”

Contudo, desde a minha primeira experiência com o tecido na escola, vi a necessidade de adaptar alguns movimentos do tecido, o que foi extremamente importante, então comecei a utilizar nas minhas aulas o tecido em trança (figura 17) ou “escadinha”.

Figura 17: Tecido em trança.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Conseqüentemente foi incorporado componentes, elementos lúdicos e brincadeiras do fazer de conta, tais como o movimento homem aranha (figura 18), escalada (figura 19), tarzan, super homem/ mulher maravilha, entre outros.

Figura 18: Homem aranha na trança.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 19 : Subida simples (escalada) na aula de tecido.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Identificamos que um dos principais métodos utilizados pelos professores para facilitar o aprendizado do aluno e introduzir o tecido em suas aulas também foi em “forma” de gota, trança ou nó:

Docente Nordeste: “Ah, com gota, com gota, com as crianças com gota. Nózinho ali embaixo, a gotinha, tudo certo. Todos os movimentos ali. Uma

criança ou outra mais avançada, com uma consciência corporal maior, aí ensina a subir sem nó, a criança sobe, eu consigo ensinar algumas outras coisas, umas travas de pé, umas enroladas, e aí vamos embora.”

Docente Sul: “Eu só faço o calcinho embaixo, o nó, pra ele subir. Quando a gente vai pra apresentação, eu não toco no tecido. Então, eles sabem subir sozinhos. Eu faço aquele degrauzinho, né? Eles sabem a subida tudo sozinhos, que eles têm que fazer. Aí, eu mostro geralmente três movimentos. Eu faço, é a cruz... Eu não sei os nomes... O ninho, né? Mula, a gente chama aqui Mula, pega a cruz... Travo a perninha e ligo pra trás. Então, os três básicos, assim, eles podem escolher qual dos três eles podem apresentar. Daí, eles escolhem, ah, eu quero apresentar esse movimento. Então, você vai treinar esse movimento. Daí, eles treinam pra apresentação. Vai treinar um, eles sabem subir sozinhos. Eu fico ali auxiliando, né? Mas, assim, eles têm que subir sozinhos.”

Docente Centro-Oeste: “A maior parte dos tecidos eu trabalho tecido em gota, né? Porque eu acho bem mais fácil, eles fazerem esse processo de experimentação, né? E aí o tecido liso mesmo eu deixo mais para o projeto, né? Então, para trabalhar onde já tem os alunos bem mais focalizados, né? Então, mas dentro da educação física, sim, eu trabalho mais com tecido em gota. A gente utiliza bastante tecido em trança, né? Quando a gente não consegue pendurar em gota mesmo, a gente usa muito a trança. Eu trabalho em trança também, principalmente para escalada, né? Para eles poderem ter força, para adquirirem força para poder fazer o tecido também.

Docente Sudeste: “A parte de adaptação, eu trabalho muito a força que é necessária para subir. Então, eu faço exercícios de força, seja eles no nó, seja sem o nó. Então, por exemplo, às vezes eu faço um nozinho mais baixinho, faço segurar uma mão em cada tecido e eu faço pular de um lado para outro do tecido. Então, o tecido tá aqui, a pessoa tá aqui, ela tem que pular por cima do nó. Aí, eu vou subindo a altura do nó. Quer, queira, quer não, é o principal movimento para a pessoa subir. Ela tem que se sustentar com os braços, flexionar o cotovelo, flexionar os joelhos, flexionar o quadril. Então, ela vai estar trabalhando o que eu preciso para ela fazer a subida. Às vezes, eu faço o virar de ponta cabeça na trança. É um jeito de fazer a força para virar de ponta cabeça depois. No próprio nó um pouco mais alto, posso ficar em cima do nó e sentar no nó, trabalhando a força de se puxar para cima, de subir, de quadríceps. Então, eu vou dando exercícios que vão capacitar essa pessoa a chegar nos exercícios fundamentais da modalidade. Mas ficar dando um ano, seis meses, dois anos de trança para o aluno? Não, não faço isso. O objetivo é ele ganhar força para ganhar independência no tempo.

Além dessa adaptação, para auxiliar nesse processo também demonstro e explico todos os exercícios passo a passo no tecido, utilizo movimentos preparatórios no solo e realizo os movimentos no chão, assim como a professora da região Sudeste relatou:

“É, é chão mesmo e depois o tecido mais baixo. Por exemplo, a bota, eu ensino sentada no colchão. Depois, fica em pé e faz a bota com o pé no chão, faz a movimentação do tecido com a outra mão. Entendeu? Aonde o tecido aperta, onde é mais confortável, onde dói menos, entendeu tudo isso? Agora sobe e

faz na força. Então, realmente é um processo gradual, né? Que aos poucos vão aumentando a dificuldade para chegar em determinado movimento.”

Em resumo, notamos que há várias possibilidades em trabalhar com o tecido nas aulas na escola, podendo ser de forma mais individualizada, onde há uma espera dos alunos para utilizar os aparelhos, porém pode-se dar mais ênfase nos exercícios. E outra estratégia interessante são os circuitos, que não apenas promove o condicionamento físico, mas também aborda aspectos sociais, cognitivos e motivacionais, tornando-se uma opção enriquecedora nas aulas de Educação Física. Posto isto, cabe o(a) professor (a) avaliar qual será a melhor estratégia para determinados momentos.

Também ficou evidente que na grande maioria, o ensino do tecido na escola é realizado de forma adaptada, seja na trança (nó) ou pendurado em “gota” o que realmente facilita a iniciação da modalidade. Vimos que gradualmente há um processo para a inserção do tecido de forma mais convencional, o tecido liso.

Processo de avaliação

Certamente, as questões de avaliação na Educação Física Escolar em geral são fundamentais para verificar o progresso dos alunos, seu desenvolvimento físico e habilidades motoras, bem como promover uma abordagem mais ampla e holística para a aprendizagem. Este é um outro tema muito importante, como já mencionado, a avaliação didático-pedagógica representa um desafio significativo para a integração de atividades circenses nas instituições escolares. Tal desafio é atribuído à falta de documentos que esclareçam de maneira abrangente como o conhecimento é avaliado e os critérios utilizados para a atribuição de conceitos específicos (SANTOS RODRIGUES et al., 2021).

Fundamentado neste contexto, indagamos sobre o processo avaliativo. Assim como eu, a professora da região sul, comentou que faz apenas uma avaliação trimestral, que é do quinto ano, onde é questionado se o aluno atingiu ou não algumas expectativas, tais como a parte social; se ela interage, se ela realiza a atividade, mas nada muito específico.

Contudo o professor do Centro-Oeste nos relatou que:

Docente Centro-Oeste: “Dentro da educação física, sim, faço processo avaliativo. Principalmente, quando eu trabalho as questões culturais e sociais, com relação ao corpo, vou fazendo trabalhos para eles apresentarem para mim montagem de figuras do duo acrobático, figuras em grupo, e isso foi um processo de avaliação minha também. Eu apresentei algumas

pirâmides, algumas sequências de movimento e eles foram buscar. Eles apresentaram na medida do possível deles. Então, aí o que eu falei? Quando eu trabalhei atividade circense com eles, eu falei assim, ó, a nota final vai ser uma apresentação em grupo. E eles fizeram a apresentação, foi bem legal. Eles fazendo as pirâmides, eles fazendo o duo acrobático, levantando as crianças num aviãozinho no pé, um aviãozinho na mão, explorando o corpo e vendo eles, principalmente, tratar o corpo do outro com respeito.”

“Agora, dentro do projeto, eu não trabalho com um processo avaliativo. Não tem porquê também fazer uma avaliação no sentido de uma prova e tal. Mas o que eu avalio dentro do projeto é o quanto eles vão amadurecendo no sentido do conhecimento, do circo, fazendo conexão com a cultura aqui dentro e a cultura lá fora.”

De modo particular a professora do sudeste elaborou uma pequena avaliação para as suas alunas:

Docente Sudeste: “A gente faz uma avaliação. Eu desenvolvi uma avaliação onde eu coloco os critérios que eles precisam estar passando pra que eles possam ir pra essa outra avaliação. Isso interfere no aprendizado? Não, não interfere. Se eu achar que o aluno tem condições de aprender um exercício do intermediário, digamos, mesmo ele não tendo ainda passado pro intermediário, se eu vejo que ele tem essa condição, eu dou o exercício pra ele, eu não fico presa numa caixa, sabe? Mas é importante pra elas saberem por que eu faço essa avaliação. Na verdade, é um processo, né? Eu coloco nessa avaliação exatamente o que faltou. Ó, faltou força pra virar de ponta cabeça, precisa melhorar o jeito de pisar pra não ficar escorregando na subida, precisa começar na adaptação, precisa aprender a subir sem o auxílio do professor. Então eu vou mostrando pra elas aonde exatamente elas precisam prestar atenção pra conseguirem se desenvolver mais. E aí quando aquela avaliação está fácil pra elas, elas vão ganhar um novo desafio, que é a avaliação nova. Então é assim que a gente trabalha esse processo pedagógico com elas.

Geralmente eu faço em duas semanas a avaliação, porque são dez itens com cinco subitens, cada uma. Então eu demoro um tempo para estar fazendo, e depois que eu faço essa avaliação, eu tenho uma ficha branca, que é essa ficha que eu chamo, que é a minha, e daí as alunas todas recebem por e-mail ou impresso, ultimamente eu tenho mandado por e-mail individualmente, a avaliação delas com tudo que é pontuado de pontos positivos e pontos a melhorar para elas entenderem exatamente onde elas têm que focar para conseguir se desenvolver melhor no tecido. Então elas têm esse feedback sim, elas recebem, e elas podem ir acompanhando e ir trabalhando aqueles pontos durante o próximo semestre.”

O Professor do Nordeste nos informou que a pedido da escola, ele apenas faz um relatório mensal de suas aulas, para que se algum familiar do aluno questionar, há um feedback sobre suas aulas.

Docente Nordeste: “Nesse relatório aqui eu preencho as datas dos encontros, as horas de aula que foram dadas, as atividades desenvolvidas, e os avanços permitidos. A escola pediu. A escola pediu pra que exista um retorno. Pra perguntar. Vê como é que tá. Meu filho tá indo bem? Tá desenvolvendo? Tô sentindo que ele tá mais corajoso.”

Destarte, ficou evidente que as questões de avaliação nas atividades circenses é algo que precisa ser mais trabalhado e desenvolvido. Para Darido e Rangel (2005) a avaliação na educação física pode ser realizada na observação do aluno durante todas as aulas, dessa maneira, deve haver uma preocupação/consideração com três dimensões dos conteúdos: procedimental, conceitual e atitudinal. De acordo com a BNCC (BRASIL,2018) a avaliação escolar tem o objetivo de fazer uma análise global e integral do aluno, utilizando uma avaliação formativa, focando no acompanhamento contínuo do progresso durante o processo de ensino, fornecendo feedback aos alunos para melhorar o seu desempenho. Como veremos, também se faz presente nas atividades circenses as avaliações somativas, realizada geralmente no final do semestre ou ano letivo.

Por conseguinte, observamos que em todas as escolas ocorrem uma apresentação, geralmente no final do ano, temos evidências que essas apresentações sejam uma pequena amostra do que os alunos fizeram nas aulas de circo, na verdade um instrumento de feedback não somente para o colégio, mas principalmente para os pais dos alunos. Em consequência, segundo a professora da região Sudeste, é nesse momento que a escola divulga as atividades circenses para os demais alunos.

Isto posto, me recorro que desde a minha primeira experiência com o circo na escola (2015), realizo as apresentações de final de ano, com o decorrer do tempo verifiquei que muitos pais, vinham perguntar se o/a aluno/a também realizava outras atividades, modalidades do circo, então encontrei uma maneira de demonstrar um pouco mais do que os/as alunos/as executavam/executam nas aulas: propus um pequeno festival no final das apresentações artísticas, ou seja, cada grupo de aluno fazia/faz uma apresentação com determinada modalidade e para o encerramento, todos os alunos passavam/passam por um circuito com várias estações de modalidades. Tive um bom retorno, dos alunos, das escolas e principalmente dos pais, dessa maneira, não há dúvidas sobre as atividades desenvolvidas em aula.

No entanto, os docentes comentaram sobre suas manifestações:

Docente Nordeste: Tem, tem. No final do ano, eles têm duas festas, é a festa da luz e o musical. E o musical, como o próprio nome diz, é um musical feito com matemática, feito pelos educadores e por junto das crianças, onde às

vezes elas apresentam o circo, às vezes não, e aí elas, quando não, apresentam na festa da luz, que é uma festa também no final do ano, que é uma festa de celebração. São só os alunos do circo e que querem apresentar. Tipo assim, da festa, da festa, todos os alunos da escola que participam, cada um no seu núcleo, por exemplo, tem aluno que toca na banda, tem aluno pequeno que toca na banda, tem aluno que canta na banda, tem aluno que só vai fazer parte de uma apresentação de dança e tem a galera que quer fazer o circo, e vai fazer esse circo.

Docente Centro-Oeste: Hoje, na educação física escolar, não estou trabalhando com apresentação, Mas no projeto eu trabalho com bastante apresentações. Aqui eu trabalho com bastante apresentações, principalmente quando... E eles já têm essa autonomia. Ah, tem a Semana da Ciência e Tecnologia. Professor, eu quero apresentar. Então, eles já... Não, eu quero apresentar. Eu quero montar um duo acrobático. Eu quero apresentar na Semana da Arte e Cultura. Então, eu tenho que desenvolver essa autonomia. Essa autonomia de protagonismo. Então, e já vão fazendo, vão fazendo, vão montando, quer apresentar um solo, vai apresentar um solo. Já vão pensando, já vão elaborando, né?

Docente Sul: No começo do trimestre, os segundos anos fazem uma apresentação para o Pré. Bem simples. Eles nem precisam de fantasia, nada. Eles fazem a apresentação. Ah, a gente precisa apresentar malabares e trapézio. Então eu monto lá, a gente chama a turma do Pré e o Pré fica assistindo. Eles assistem. No final do ano, que é uma coisa maior, que eu faço decoração, a gente faz todo um esquema de roupa, tal, tudo. Daí, quem quer participar do quinto ano, eu convido. Quer participar, então pode vir. Eles Gostam. Ah, eles estão ficando todos animados, né? Bom, é bonitinho de ver, porque muitos alunos que participam são crianças, que nem, tem uma menina que ela faz trapézio super bem. Ela tem dificuldade de socialização, ela não quer fazer nada, sabe? E ela se encontra no trapézio, não tem quem segura ela.

Docente Sudeste: “A gente deixa livre. A gente tem alunos na escola que eles gostam de fazer aula, mas eles não gostam de se expor em apresentação. E a gente respeita. A gente tem alunos que gostam de se apresentar. E a gente tem os alunos que gostam de se apresentar e de competir, nessas competições que tem por aí de tecido. Então, a gente respeita e a gente trabalha com os três públicos. Então, quando a gente chega no final do semestre, a gente tem os alunos que se apresentam e tem os que não se apresentam. A maioria se apresenta. E quando tem uma competição ou outra, não são todas, a gente faz o convite para quem gostaria de estar indo para a competição. E aí a gente leva. Mas mesmo não apresentando, como a gente tem o objetivo também de ganhar força e condicionamento no tecido, mesmo você não se apresentando, uma sequência no tecido é trabalhada. Então, o objetivo principal de ganhar força, condicionamento e conseguir fazer mais coisas no tecido, a gente não perde porque senão eles param de se desenvolver.

Todo final de semestre a gente faz a apresentação para as famílias. E aí também é a critério da criança. Se ela quiser apresentar, apresenta. Isso, para você ter ideia, em junho nós fizemos 5 dias de apresentação de 1h45.”

Consideramos que as apresentações artísticas nas atividades circenses são uma das estratégias de avaliação mais recorrentes, além disso, podemos elaborar uma autoavaliação, com os próprios feedbacks deles, como demonstra as fichas de Inverno (2003), no qual, o uso desta ficha é preconizado ao aluno, por servir de orientação sobre suas evoluções. À medida que o aluno executa cada um dos movimentos propostos, ele mesmo anota o início e fim de sua caminhada, também podemos complementar com o uso do portfólio, ou por meio de fotografias, vídeos e anotações (BORTOLETO, 2018; FOUCHET, 2006; MIRANDA, MELO, 2020).

Entendemos que a avaliação seja uma dificuldade comum a todas as disciplinas relacionadas às artes. Observamos que a avaliação frequentemente se vincula a atribuição de notas, aprovações e reprovações. Entretanto, compartilhamos da opinião expressa por Luckesi (2000) de que o foco ideal deve ser uma orientação centrada no desenvolvimento do aluno. E assim, a avaliação também é um meio de refletir/repensar/ replanejar a prática docente

Desafios pedagógicos observados

Por fim questionamos quais são os seus maiores desafios em trabalhar com o tecido acrobático no contexto escolar, assim como havíamos apurado no nosso questionário relacionado nas atividades circenses em geral, encontramos diversos fatores já mencionados, tais como: Materiais, infraestrutura, turmas numerosas, como exemplifica nossos docentes:

Docente Nordeste: “O maior desafio, eu acho, que é o improviso nas estruturas de montagem dos equipamentos e propriamente dos equipamentos. Porque, como eu te falei, no início, eu levava. Hoje, não levo mais. Quer dizer, levo, ainda levo. Mas as pernas de pau, a escola que comprou, os tecidos são da escola.”

Docente Centro-Oeste: “Um dos maiores desafios que foi até então no início foi a falta de material, né? Na instituição. Aí depois nós começamos, como a instituição abraçou a ideia, fizemos uma... fizemos dentro da... da... de uns... como chama? De uns eventos programados, fizemos uma promoção, conseguimos outro tecido, depois logo mais conseguimos outros dois tecidos, né? E as liras, duas liras também. Então aí acabou um pouco essa defasagem de material. Aí aqui tem colchão também, quando o professor Paulo Braga trabalha com saltos, né? E já que tinha um colchão aqui, um colchão gordo, então facilitou a minha vida muito, né? Então aqui eu consegui trabalhar, não tive muito essa dificuldade do material, né? Ao longo do tempo. Mas na escola... na escola municipal eu tinha muita dificuldade de trabalhar, porque não tinha colchão gordo, não tinha tecido, aí eu tinha que tirar do bolso, tive que mandar fazer lira, né? Para eles poderem experimentar tudinho, porque não vem verba, né? Aqui no Instituto Federal vem verba para os projetos, né? Se inscrever. Aí vem a verba destinada ou já vem o material também. Então aqui para mim eu consigo dar aula e não tenho dificuldade alguma, né?”

Docente Sul: *“Eu acho que o maior mesmo é a quantidade de criança para uma pessoa só. Quando a gente vai trabalhar, ao circo, teria que ter mais uma pessoa junto. Até pela qualidade, porque você tem que passar por todas as crianças, o que é aquele movimento. Aqueles que tem facilidade vão embora. Daí aqueles que tem um pouquinho mais de dificuldade, a gente acaba deixando passar porque não tem tempo hábil para você parar com ele e mostrar tudo certinho. Não acaba sendo muito individualizado.*

Eu trabalho com criança pequena. Falta material, como o professor que dava a aula de circo, ele é da parte de Ensino Fundamental 2, dos maiores. A outra didática é um pouco diferente. Eu acho que falta um pouco. Eu quero trabalhar com o pré. Os professores de Educação física, eu sinto que têm bastante restrição com a Educação infantil. Eu gosto.”

Docente Sudeste: *“No meu ambiente escolar, eu não vejo dificuldades, se eu tenho alguma sugestão, eu chego na minha coordenação, eu converso, total apoio, porque todos também têm a formação de educação física, todos são cientes de processos pedagógicos, então, se eu preciso de alguma coisa, eles me arrumam que nem, ah, quero um colchonete preto, daqueles de abdominal, para fazer exercício de abdômen com elas, de forcinha, não sei o quê. Eles vão, eles me arrumam, eles trazem, eles dão muito apoio para tudo isso. Então, no meu ambiente, não, mas o que eu vejo é colegas que eu conheço que trabalham com a modalidade é que faltam processos pedagógicos de ensino. Mas, há muito tempo, eu sinto isso de colegas de trabalho. De ver que falta, às vezes, não saber nem como fazer esse processo de ensino. Falta ferramentas, mas eu acredito que a gente tenha que dar ferramentas para esse pessoal que trabalha. Não só no tecido, no aéreos, mas falta ferramentas, falta a galera entender processo pedagógico mesmo para poder ter um ensino mais rápido e mais fácil. Então, o que eu vejo dos colegas é isso.”*

Apesar de todos esses empecilhos relatados pelos professores que estão diariamente no contexto escolar, comprovamos que a inserção do tecido na escola é uma possibilidade real, porém é necessário adaptar a prática aérea no âmbito escolar, principalmente por conta das limitações de ter um espaço seguro, tempo de aula e quantidade de alunos (CARDANI, 2018; SILVA, 2014).

Capítulo 6. Possibilidades pedagógicas

Ao direcionamos nossa atenção aos professores que atuam com a modalidade de tecido acrobático na escola, identificamos recursos, estratégias, dinâmicas e metodologias variadas. Cada professor aborda o ensino de maneira única, alguns optando por circuitos, outros de forma mais individualizada, mesmo com turmas numerosas e até utilizam a divisão da sala onde cada turma desenvolve uma modalidade específica, assim combinam atividades individuais com práticas em grupo.

Identificamos que uma estratégia para amenizar a falta de professores auxiliares é de propor que os próprios alunos nos ajudem no desenvolvimento das aulas cooperando e apoiando os colegas de sala. E para incentivar a participação de todos os alunos, verificamos que proporcionar desafios, jogos e a possibilidade de nós, docentes, participarmos das aulas junto com os alunos, podem ser um método eficiente. Também notamos que a troca de experiência entre docentes mais experientes e a utilização de vídeos, pode ser uma estratégia interessante para contribuir no desenvolvimento da modalidade.

Partimos do pressuposto de que ao incorporar a modalidade de aéreos, a escola já possui infraestrutura para tal, embora muitos necessitem de adaptações em relação ao tecido, e os docentes na maioria das vezes começam emprestando o seu próprio material para a escola. De modo a contribuir com a segurança verificamos que combinar e esclarecer os riscos da modalidade com a equipe escolar e alunos pode facilitar o desenvolvimento da modalidade, assim como buscar equipamentos de segurança adequados, tais como colchões e estrutura física. Observamos que, após a escola adquirir confiança na modalidade e no professor, há um apoio e incentivo à infraestrutura.

Em relação ao conteúdo, constatamos que, na maioria das escolas, a modalidade é abordada de forma básica, especialmente com a adaptação da trança ou tecido em gota, sendo percebida mais como uma vivência do que como um conteúdo aprofundado. Apesar disso, observamos apresentações artísticas em todas as escolas.

Identificamos que, apesar dos desafios envolvidos no ensino dessa modalidade, os professores desenvolvem estratégias significativas para facilitar a aprendizagem, ficando evidente que as experiências de vida dos professores têm grande influência sobre suas abordagens pedagógicas.

6.1 Estratégias para o ensino do tecido acrobático na escola

Tratando de sistematizar o conjunto de respostas dos docentes especialistas sobre o ensino do tecido na escola, elaboramos a seguinte figura, que visa auxiliar os demais professores/as que queiram incluir essa modalidade em suas aulas:

Figura 20: Estratégias para o ensino do tecido no âmbito escolar.



Fonte: Autoria própria

Enfim, podemos partir do pressuposto de que estas estratégias podem facilitar a inserção e o ensino do tecido acrobático no ambiente escolar.

6.2 Sobre o desenvolvimento do tecido acrobático na escola

Fundamentado nessas questões sugeridas pelos docentes, elaboramos e descrevemos algumas atividades e figuras que possam vir a subsidiar os professores no ensino do tecido no âmbito escolar¹².

Quadro 8- Mãe da rua

Jogo: Mãe da Rua

Idade Recomendada: A partir dos 4 anos

Material Utilizado: Tecido em casulo

Espaço: Amplo

Descrição: Cada grupo fica em uma das extremidades da sala, de um campo ou da rua. A mamãe da rua se posiciona no meio, entre os dois grupos e os tecidos. Ela precisa correr e pegar quem cruza a sala, de um lado para o outro e os tecidos ficam balançando, ninguém pode encostar nos tecidos. Quem ela conseguir pegar, passa a ser a mamãe da rua.

Observação: Deve-se atentar para não haver esbarrões entre os alunos e o tecido deve ser empurrado de leve para evitar chocar-se.



Fonte: Autoria própria.

¹²Utilizamos como modelo Bortoleto, Pinheiro, Prodócimo (2011)

Quadro 9: Trenzinho

Jogo: Trenzinho

Idade recomendada: A partir dos 4 anos

Material utilizado: Tecido liso no chão

Espaço: Chão liso e amplo

Descrição: O tecido deve estar esticado no chão e em uma das suas extremidades a criança senta no tecido com as pernas cruzadas, a outra criança segurando no tecido deverá puxar quem está sentado até um limite determinado

Variação: Disputa em equipes (2 tecidos ou mais), mais de uma criança sentada no tecido



Fonte: Autoria própria.

Quadro 10: Queimada

Jogo: Queimada

Idade recomendada: A partir dos 4 anos

Material utilizado: Tecido em casulo

Espaço: Livre de obstáculo

Descrição: Deverá ser feito um círculo ao redor do tecido e as crianças devem tentar empurrar o tecido para queimar um jogador, estas devem desviar

Variação: Pode-se delimitar o número de toques no tecido.



Fonte: Autoria própria.

Quadro 11: Gato mia

Jogo: Gato Mia

Idade recomendada: A partir dos 2 anos

Material utilizado: Tecido

Espaço: Livre de obstáculos

Descrição: Deve começar com um jogador que estará de olhos fechados enquanto os demais devem se esconder embaixo do tecido, ao sinal deste jogador, ele caminhará até determinado local e colocará a mão em alguém, dizendo: Gato mia! Este deve imitar o som de um gato. O jogador deverá descobrir quem é o colega.

Variação: Pode-se tentar descobrir somente através do tato.



Fonte: Autoria própria.

Quadro 12: Quem consegue ficar mais tempo?

Jogo: Quem consegue ficar mais tempo

Idade recomendada: A partir dos 5 anos

Material utilizado: Tecido

Espaço: Livre de obstáculo

Descrição: O jogador deverá enrolar os braços no tecido e tirar os pés do chão, e os demais jogadores deverão contar quanto tempo o colega consegue ficar nessa posição, vence quem obtiver o maior tempo



Fonte: Autoria própria.

Quadro 13: Tarzan

Jogo: Tarzan

Idade recomendada: A partir dos 4 anos

Material utilizado: Tecido

Espaço: Um obstáculo embaixo do tecido

Descrição: A criança deverá se pendurar no tecido e passar o obstáculo (pode ser o próprio colchão, ou tatame) para o outro lado.

Variação: Pode-se aumentar o tamanho do obstáculo e a distância.



Fonte: Autoria própria.

Quadro 14: Balanço

Figura: Balanço Sentado

Idade recomendada: A partir dos 2 anos

Material utilizado: Tecido em trança ou gota

Espaço: Se possível sobre um tatame ou colchão

Descrição; A criança deverá subir no tecido em trança como se fosse uma escada e sentar para balançar

Variação: Aumentar a altura da trança e balançar em pé, de ponta cabeça...

Observação: No caso de crianças pequenas, o professor pode colocá-lo diretamente sentado no tecido.



Fonte: Autoria própria.

Quadro 15: Casulo

Figura: Casulo

Idade Recomendada: A partir dos 2 anos

Material utilizado: Tecido em trança ou gota

Espaço: Se possível sobre um tatame ou colchão

Descrição: A criança deverá subir no tecido em trança como se fosse uma escada, ficar em pé de costas para um dos lados, abrir um tecido e sentar, posteriormente abrir a outra parte do tecido e colocar os pés, ficando totalmente escondida dentro do tecido.

Variação: Aumentar a altura da trança, balançar, ficar em pé e girar.

Observação: Deverá ser realizado com auxílio



Fonte: Autoria própria.

Quadro 16: Balezinho

Figura: Balezinho

Idade Recomendada: A partir dos 2 anos

Material utilizado: Tecido em trança ou gota

Espaço: Colchão de proteção

Descrição: A criança deverá subir no tecido em trança como se fosse uma escada, ficar em pé, segurar no tecido com os braços altos, deixar um pé de apoio e o outro encostado no joelho, após, envergar para a frente, trazendo a barriga para a frente.

Variação: Aumentar a altura da trança.

Observação: Deverá ser realizado com auxílio



Fonte: Autoria própria.

Quadro 17: Homem aranha

Figura: Homem Aranha

Idade recomendada: A partir dos 2 anos

Material utilizado: Tecido em trança ou gota

Espaço: Colchão de proteção

Descrição: A criança deverá entrar de costas para o tecido e prender os dois braços no tecido, após deve afastar as pernas e enrolar a perna no tecido, ficando de ponta cabeça.

Variação: Pode-se haver balanços

Observação: Deverá ser realizado com auxílio



Fonte: Autoria própria.

Quadro 18: Anjinho

Figura: Anjinho

Idade recomendada: A partir dos 4 anos

Material utilizado: Tecido em trança

Espaço: Colchão de proteção

Descrição: A criança deverá ajoelhar-se no tecido, passar um braço no meio do tecido e segurar uma das partes do tecido aberto, com a outra mão, porém o braço atrás do tecido deverá ser realizado o mesmo.

Observação: Deverá ser realizado com auxílio.



Fonte: Autoria própria.

Quadro 19: Abertura com bota

Figura: Abertura com Bota

Idade recomendada: A partir dos 4 anos

Material utilizado: Tecido liso e colchão

Espaço: Colchão de proteção

Descrição: A criança deverá segurar um tecido em cada mão, deixando-o no centro do corpo, e enrolar a perna de fora para dentro 3 vezes, e fazer a mesma coisa com o outro lado, após deverá pisar em cima do tecido que se encontra na panturrilha, fazendo uma bota no pé (fazer a mesma coisa do outro lado). Posteriormente pode-se fazer uma abertura ainda com as mãos nos tecidos. Para descer, deve-se fechar as pernas e deixar o tecido no centro do corpo, desce um pé de cada vez da bota e desenrola as pernas.

Observação: Deverá ser realizado com auxílio



Fonte: Autoria própria.

Estas são apenas algumas atividades/figuras que podem ser desenvolvidas no tecido, todas estas propostas, poderão ser adaptadas de acordo com a criatividade de cada professor a fim de atender aos seus objetivos. São propostas que visam dar ao professor subsídios para iniciar uma prática envolvendo o tecido acrobático na escola.

Capítulo 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que concluímos esta jornada de pesquisa, é indiscutível refletir sobre os objetivos iniciais que motivaram este estudo. Tínhamos como propósito analisar o ensino do tecido no âmbito escolar, fundamentada no questionamento: Como é ensinada a modalidade aérea de circo, o tecido, no âmbito escolar?

Ao longo deste trabalho, percorremos alguns caminhos que foram de fundamental importância para chegarmos a alguns resultados. Em nossa primeira etapa, fizemos um levantamento bibliográfico para verificar os argumentos que sustentam o ensino do circo na escola, no qual vários autores defendem a atividade circense na aula de educação física, por justificarem que esta arte faz parte da cultura humana, podendo ser um instrumento de inovação com temas e conteúdo a serem trabalhados na escola, outro fator importantíssimo é que as atividades circenses podem auxiliar no desenvolvimento integral do aluno, além de explorar novas habilidades.

A fim de encontrarmos docentes especialistas no ensino do tecido no âmbito escolar, partimos primeiramente para um mapeamento de docentes que ensinam as atividades circenses nas escolas básicas do Brasil, por meio de um questionário online disparado nas mídias sociais e e-mails. A pesquisa conseguiu abranger todas as regiões do Brasil, totalizando 82 professores respondentes. Nesta primeira fase da pesquisa de campo tivemos resultados relevantes onde identificamos que o ensino das atividades circenses é majoritariamente na região sudeste, conforme apontado em estudos anteriores. A maioria dos docentes possui formação em Educação Física, sendo o ensino observado tanto em escolas públicas quanto privadas, porém de formas distintas, enquanto nas escolas públicas é integrado a disciplina de educação física, nas escolas privadas estão atrelados às aulas extracurriculares.

A implementação dessas atividades é motivada por diversas razões, desde experiências na formação inicial até iniciativas pessoais dos docentes. O foco nas séries iniciais do Ensino Fundamental é evidente, embora exista trabalho com este tema em todos os segmentos. Modalidades circenses como manipulação de objetos/malabares e acrobacias são comuns, já as modalidades aéreas e de ator de circo (palhaço) tivemos evidências que são menos desenvolvidas, o que de fato sugere mais pesquisas. No entanto, a escassa formação inicial, falta de oportunidades de formação continuada e limitada infraestrutura dificultam a ampliação das atividades circenses nas escolas, embora seja possível.

A partir dessa fase, pudemos selecionar 4 professores que estão atuando com o tecido acrobático na escola, ou seja, estão lidando diariamente com a modalidade, enfrentando alguns

obstáculos e desenvolvendo estratégias e soluções para a permanência das modalidades aéreas no âmbito escolar. Nesta segunda etapa, nos aprofundamos nos temas relacionados ao tecido, identificamos as infraestruturas e materiais disponíveis, as metodologias e processos pedagógicos, conteúdos de aula, bem como as avaliações e apresentações.

Atestamos que garantir um ambiente propício ao aprendizado do tecido acrobático na escola envolve uma série de estratégias fundamentais. Primeiramente, é essencial abordar a infraestrutura e segurança, estabelecendo medidas para promover o apoio da escola em relação à inserção das modalidades aéreas. Além disso, é crucial estabelecer combinados e esclarecer os riscos tanto para a escola quanto para os alunos. A opção pelo empréstimo ou uso de equipamentos próprios dos docentes, assim como a adaptação do tecido em instalações mais baixas e a presença de colchões de segurança, são aspectos importantes que podem facilitar o ensino e assegurar um ambiente seguro e propício ao aprendizado.

Quanto às metodologias de ensino, destacam-se práticas que incorporam a ludicidade, como jogos e brincadeiras de fazer de conta. A utilização do tecido em trança ou gota, juntamente com materiais individuais disponíveis para os alunos, promove uma abordagem dinâmica e personalizada. A criação de circuitos com várias estações e a realização de atividades coletivas no tecido ampliam as possibilidades de aprendizado. Complementarmente, o uso de vídeos que exemplifiquem a modalidade e relatos enriquecem a experiência pedagógica.

O envolvimento dos alunos é vital para o sucesso do ensino do tecido. Incentivar a participação ativa dos alunos como auxiliares, propor desafios que estimulem o desenvolvimento das habilidades acrobáticas e implementar fichas autoavaliativas são estratégias que fomentam o engajamento e o progresso individual dos estudantes, contribuindo para uma experiência educacional enriquecedora e segura.

Além dessas estratégias, indicamos alguns jogos, brincadeiras e figuras que podem ser desenvolvidas em aula e facilitar o seu ensino.

Posto isto, nosso estudo contribui de maneira significativa para a área específica das atividades circenses e em geral da educação física e arte, identificamos estratégias que podem facilitar o ensino do tecido acrobático na escola ao explorar cuidados com a infraestrutura e segurança, metodologias de ensino inovadoras e o envolvimento ativo dos alunos, nossa pesquisa oferece insights práticos e aplicáveis. Destacamos a importância de criar um ambiente seguro, dinâmico e participativo, agregando conhecimentos valiosos ao campo educacional e ampliando as possibilidades de ensino do tecido acrobático de forma eficaz e enriquecedora. Dessa forma, evidenciamos a importância da troca de experiências entre professores.

De modo particular, identifiquei áreas de aprimoramento no meu próprio método, como a inclusão de jogos coletivos, circuitos, exploração da historicidade e aspectos artísticos, além do uso de vídeos e fichas avaliativas.

Reconhecemos que houveram limitações na metodologia da dissertação, pois a fase do questionário foi aplicada no final do semestre letivo, onde muitos professores estão sobrecarregados com suas tarefas. Também encontramos dificuldade em abranger as regiões norte e nordeste, recomenda-se alocar recursos adicionais para compreender diversas realidades e estabelecer parcerias que fortaleçam laços, proporcionando uma formação contínua.

Constatamos que há a necessidade de aprofundar certos temas nas entrevistas para uma compreensão mais completa do ensino da modalidade, incluindo conteúdo/ movimentos e avaliações específicas.

O estudo destaca o crescimento do número de professores que ensinam atividades circenses no Brasil ao longo das últimas décadas e que mesmo de forma concisa há professores que estão inseridas as modalidades áreas no âmbito escolar, apesar dos desafios enfrentados pelos professores confirmamos que a introdução do tecido na escola é uma viabilidade tangível. No entanto, é essencial ajustar a prática aérea para se adequar ao contexto escolar, especialmente considerando as restrições relacionadas à disponibilidade de espaço seguro, tempo de aula e o número de alunos.

Portanto, no meu futuro como professora, vislumbro a incorporação de diversas sugestões compartilhadas pelos docentes. Pretendo promover o envolvimento ativo dos alunos, incentivando sua participação como auxiliares e fomentando uma abordagem mais colaborativa por meio de trabalhos em grupos e circuitos. Além disso, busco aprimorar o ensino do tecido acrobático, explorando metodologias inovadoras que enriqueçam a experiência educacional.

Como pesquisadora, minha trajetória futura envolve um aprofundamento em temas específicos relacionados aos processos pedagógicos dos movimentos e à avaliação na prática do tecido acrobático. O objetivo é adquirir conhecimentos mais profundos para, posteriormente, oferecer suporte aos professores por meio de capacitação. Planejo desenvolver um curso online destinado a professores interessados em trabalhar com a modalidade na escola e elaborar um livro ou e-book, proporcionando-lhes ferramentas e estratégias pedagógicas eficazes.

Além disso, tenho a intenção de promover encontros e eventos que possibilitem a troca de experiências entre professores, criando um ambiente propício ao aprendizado mútuo e ao aprimoramento contínuo. Assim, busco contribuir ativamente para o desenvolvimento do ensino do tecido acrobático, tanto como professora quanto como pesquisadora com a melhoria constante dos processos pedagógicos na área,

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Ed. Revisada e Ampliada. Coimbra-Portugal: Edições 70, 2015.

BARRETO, M.; DUPRAT, R. M; BORTOLETO, M.A.C; De Norte a sul: Mapeando a formação em Circo no Brasil. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 42, dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573103422021e0210> Acesso em: 10 Jan. 23

BARRETO, M.; BORTOLETO, M.A.C; Por um mapeamento das escolas de Circo. In: **Anais- X Reunião Científica da ABRACE**. Campinas, v. 20, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.publilionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/viewFile/4455/4519>. Acesso em: 10 Jan.23

BATISTA, N. S. **O tecido circense como manifestação da cultura corporal: fundamentos técnicos e metodológicos**. 2003. Monografia (Graduação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 43-55, jul. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277747022_Atividades_circenses_notas_sobre_a_pedagogia_a_da_educacao_corporal_e_estetica . Acesso em: 15 set. 2022

BORTOLETO, M. A. C. et al. Participação e Preferência de Gênero: Um Estudo de Caso Múltiplo sobre o Ensino de Circo em Educação Física em Escolas Brasileiras. **Frontiers in Education**, vol. 5, dez. 2020. Disponível em <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/educ.2020.572577/full> Acesso em: 26 Maio 2022.

BORTOLETO, M. A. C.; CALÇA, D. H. O Tecido circense: fundamentos para uma pedagogia das atividades circenses aéreas. **Conexões**, v. 5, n. 2, p. 72-88, 2007a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637880>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BORTOLETO, M. A. C.; CALÇA, D. H. Compendium das Modalidades Aéreas. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.8, n.11, jul/dez. 2007b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26488910_Circo_e_Educacao_Fisica_Compendium_das_Modalidades_Aereas Acesso em: 20 fev. 2021

BORTOLETO, M. A; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o circo e a educação física. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, n. 12, p. 41-69, 2003. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/3923>. Acesso em: 3 out. 2021.

BORTOLETO, M. A. C.; SOARES, D. B. A prática do tecido circense nas academias de ginástica da cidade de Campinas-SP: o aluno, o professor e o proprietário. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, vol. 15, n. 2, jul./dez., p. 07-23, 2011. Disponível em: <https://www.circonteudo.com/wp-content/uploads/2012/09/soares-daniela-b-e-bortoleto-m.-a.-c.-a-pratica-do-tecido.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021

BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses. In: GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P.E. (org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí-RS, Ed. Unijuí, 3. Ed. Revisada e Ampliada, 2014, p. 60-64.

BORTOLETO, M. A. C.. Mais arte, mais circo e mais educação: por um corpo mais expressivo. In: MORAES, Antonio Carlos; ROCHA, Luiz Alexandre Oxley da; SILVA, Paula Cristina da Costa. **Educação integral no Espírito Santo**: contribuições para as artes do corpo e do espaço. Vitória, ES: GM Gráfica & ed., 2016.

BORTOLETO, M. A. C.; ONTAÑÓN B. T.; CARDANI, L. T.; FUNK, A.; MELO, C. C.; e SANTOS RODRIGUES, G. Gender participation and preference: a multiple-case study on teaching circus at PE in Brazilians Schools. **Frontiers in Education**, v.5, 2020. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/feduc.2020.572577/full> Acesso em: 26 Maio.2022

BORTOLETO, M.A.C. A escola como locus: a quantas anda o ensino das atividades circenses? Ver. Ambiente: Gestão e Desenvolvimento – ISSN 1981-4127. **Dossiê: Possibilidades e Desafios da Educação Física no Ensino Médio**. Boa Vista/RR – maio de 2023. pp. 160-171. DOI: <https://doi.org/10.24979/qy8g3x71> Disponível em: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/1104> Aceso em: 15 set 2023.

BOSSLE, F. Planejamento de ensino na educação física – uma contribuição ao coletivo docente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115318040004.pdf>. Acesso em: 10 Nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 15 set 2023.

CARDANI, L. T.; ONTAÑÓN, T.B.; RODRIGUES, G. S.; BORTOLETO, M.A.C. Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.25, n.4, p.128-140, 2017. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i4.7723> Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/7723> Acesso em: 26 Maio 2022.

CARDANI, L. T. **Compartilhando práticas pedagógicas do circo na escola**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2018.

CHIODA, R. A. **Uma aventura da alegria e do risco**: narrativas de um professor de educação física sobre o ensino das atividades circenses. 2018. 94f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

COSTA, A. C. P.; TIAEN, M. S.; SAMBUGARI, M. R. N. Arte circense na escola: possibilidade de um enfoque curricular interdisciplinar. **Revista olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 11, n.1, p. 197-217. 2008. DOI: <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.11i1.197207> Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1508> Acesso em: 15 Jul. 2023

COSTA, B. R.L. Bola de Neve Virtual: o uso das Redes Sociais Virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social – RIGS**, v.7, n.1, p.15- 37, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649> Acesso em: 15 Maio 2022.

DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DEAR, J. K, et al. The Impact of Circus Arts Instruction in Physical Education on the Physical Literacy of Children in Grades 4 and 5. **Jornal of Teaching in Physical Education**. Vol. 38, n. 2, p. 162-170, 2019. Disponível em <https://journals.humankinetics.com/view/journals/jtpe/38/2/article-p162.xml>. Acesso em: 26 Maio 2022

DESIDERIO, A. **Corpos suspensos: o tecido circense como possibilidade para a Educação Física Escolar**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

DEZOTTI, T. C. D; **Planejamento em educação física escolar: perspectivas x realidade**-Dissertação em Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos-SP. 2020 Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/13058/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FINAL_TCDD.pdf?sequence=2&isAllowed=y Acesso em: 14 Dez. 2023

DUPRAT, R. M. **Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar** - Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/274902>. Acesso em: 15 set. 2022.

DUPRAT, R. M. **Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior** – Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2014.

DUPRAT, R.M.; BORTOLETO, M.A.C. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, p. 171-189, 2007. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/63> Acesso em: 28 Maio 2022

DUPRAT, R. M.; PÉREZ GALLARDO, J. S. **Artes circenses no âmbito escolar**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

FALCADE. R.C., BORTOLETO, M. A.C; CORRÊA. M.C. Investigando a formação das professoras de modalidades aéreas de circo na região metropolitana de Campinas-SP. **Revista Motrivivência**. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, ISSN: 2175-8042. v. 35 n. 66, 2023.

DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e93540> Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/93540> Acesso em: 9 Jul.2023

FERREIRA, D.L.; BORTOLETO, M.A.C.; SILVA, E. **Segurança no circo: questão de prioridade**. Várzea Paulista: Fontoura, 2015.

FOUCHET, A. **Las artes del circo: una aventura pedagógica**. Buenos Aires: Stadium, 2006. HOTIER, H. (org.) *La fonction éducative du cirque*. Paris: L'Harmattan. 2003.

GOYAZ, Marília de. A pedagogia da ginástica e suas manifestações lúdicas. In: BRASIL. Ministério do Esporte. **Manifestações dos esportes**. Brasília: Universidade de Brasília/CEAD, 2005. Disponível em: <
<http://www2.esporte.gov.br/arquivos/snee/segundoTempo/capacitacao/modulo05Manife>
[stacoesEsportes.pdf](http://www2.esporte.gov.br/arquivos/snee/segundoTempo/capacitacao/modulo05Manife) > Acesso em: 11 Jul 2022.

HOTIER, H. (org.) **La fonction éducative du cirque**. Paris: L'Harmattan. 2003

INVERNÓ, J. **Circo y educación física: otra forma de aprender**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2003.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

KRONBAUER, G. A.; NASCIMENTO, M. I. M. O processo de criação da Escola Nacional de Circo no Brasil: aproximações entre estado, cultura e educação. **Cadernos de História da Educação**, v.18, n.3, p.688-711, set./dez. 2019 e-ISSN: 1982-7806. DOI:
<https://doi.org/10.14393/che-v18n3-2019-7> Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/51741> Acesso em :15 Novembro 2022

KUNZ, E. **Educação Física: ensino & mudanças**. Ijuí: UNIJUÍ Ed.2001

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem. **Revista Pátio**, v. 12, p. 6-11, 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 2. ed. São Paulo, SP: Moraes, 1994.

MATHEUS, R. I. C. **As produções circenses dos ex-alunos das escolas de circo de São Paulo, na década de 1980 e a constituição do Circo Mínimo**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes. Faculdade de Artes. Universidade Estadual Paulista, UNESP. São Paulo, 2016.

MELO, C. C. **Atividades Circenses: Compartilhando práticas pedagógicas no ensino extracurricular da Escola Básica**. Dissertação (Mestrado), 165 f, 2020. Faculdade de Educação Física. Universidade de Campinas. Campinas, 2020.

MINAYO, Maria Cecília De Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MIRANDA, R. de C. F. **Do tecido à lona: as práticas circenses no tear da formação inicial em educação física**. 2015. 165 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

MIRANDA, R. de C. F.; AYOUB, E. Por entre as brechas dos muros da universidade: o circo como componente curricular na formação inicial em educação física. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 30, n. 2, p. 59-87, 2017. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872017000200004. Acesso em: 12 Jan. 2023.

MIRANDA, R. de C. F.; BORTOLETO, M. A. C. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 1, p. 39-45, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/MRQ6kxTSRXZDZpdD4vKnmWD/?lang=pt> Acesso em: 15 Jul. 2022.

MIRANDA, R. de C. F.; BORTOLETO, M. A. C. Saberes e práticas circenses: analisando os currículos dos cursos de pedagogia das universidades públicas paulistas. **Revista Ensaio Geral** (UFPA), v. 3, n. 3, p. 79-85, 2014.

MOREIRA, E. C.. Pensando e planejando a Educação Física escolar. In: Congresso Centro-Oeste de ciências do esporte, 3., 2008, Cuiabá. **Anais** [...]. Disponível em: [researchgate.net/profile/Evando_Moreira/publication/265816075_PENSANDO_E_PLANEJANDO_A_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR/links/57d1857408ae5f03b48a91e6/PENSANDO-E-PLANEJANDO-A-EDUCACAO-FISICA-ESCOLAR.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Evando_Moreira/publication/265816075_PENSANDO_E_PLANEJANDO_A_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR/links/57d1857408ae5f03b48a91e6/PENSANDO-E-PLANEJANDO-A-EDUCACAO-FISICA-ESCOLAR.pdf). Acesso em: 29 set. 2023

MUNHOZ, J.F.; RAMOS, G.N.S. O circo nas aulas de educação física: sua aplicação em uma escola pública no estado de São Paulo. In: II Seminário de Estudos em Educação Física Escolar, 2008. **Anais**. São Carlos: CEEFE/UFSCAR, 2008, p.255-292.

NUNES, J. G.B. ; FERREIRA, D. ; BORTOLETO, M. A.C. Sobre o processo de planejamento e montagem de equipamentos para a prática das modalidades aéreas de circo. **Incomum Revista: Revista de Arte, Educação, Profissionalização e Comunidades**, v. 3, p. 122-139, 2022.46. Marco A. C Bortoleto, J. J. Ross, Natalie Houser & Dean Kriellaars (2022). Everyone is welcome under the big top: a multiple case study on circus arts instruction in physical education. *Physical Education and Sport Pedagogy*. DOI: 10.1080/17408989.2022.2153820 Disponível em: <https://revistas.ifg.edu.br/incomum/article/view/1159> Acesso em: 12 Out 2023.

NUNES, J.G. B.; BORTOLETO, M.A.C. Montando e desmontando: Quem são e como atuam os riggers circenses?. **Arte Da Cena (Art on Stage)**, 7(1), 418–437. (2021). DOI: <https://doi.org/10.5216/ac.v7i1.68955>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/68955> Acesso em Out 12. 2023

ONTAÑÓN, T.; DUPRAT, R.; BORTOLETO, M. A. educação física e atividades circenses: “o estado da arte”. **Movimento**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 149–168, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/22960>. Acesso em: 26 maio 2022.

ONTAÑÓN, T.B; BORTOLETO, M. A.C, SILVA, E. Educación corporal y estética: las actividades circenses como contenido de la educación física. **Revista Iberoamericana De Educación**, n.62, p.233-43, 2013. DOI: <https://doi.org/10.35362/rie620592> Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/592> Acesso em: 15 Jul. 2023.

ONTAÑÓN, T. B., BORTOLETO, M. A. C.; Todos a la pista: el circo en las clases de educación física. **Apunts. Educación Física y Deportes**, n.115, p.37-45, 2014.DOI: [https://doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.\(2014/1\).115.03](https://doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.(2014/1).115.03) Disponível em: <https://raco.cat/index.php/ApuntsEFD/article/view/276029> Acesso em: 15 Jul 2023.

ONTAÑÓN, T. B. **Circo na escola: por uma educação corporal, estética e artística**. Tese de Doutorado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ONTAÑÓN, T. B.; SANTOS RODRIGUES, G.; SPOLAOR, G. C.; BORTOLETO, M. A. C.; O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. **Pensar a Prática**, v.19, n.1, p.42-55, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v19i1.35857> Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/35857> Acesso em 10 Jan. 2023.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Educação Física: Ensino Médio**. 2. ed. Curitiba, PR: SEED-PR, 2006. Disponível em: < http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro_didatico/edfísica.pdf > Acesso em: 04 Jul. 2023.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Educação Física**. 2008. Disponível em: < http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_edf.pdf > Acesso em: 04 Jul. 2023.

RAMOS, R. M. S. C. M. **Respeitável Público: a Escola Nacional do Circo da Praça da Bandeira vem aí....** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdades de Educação, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

RIBEIRO, C. S. et al. O “não lugar” do circo na escola. **Revista Portuguesa de Educação**, 34(1), 246-263, 2021. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/16128/18426>. Acesso em: 26 maio 2022.

ROSA, L. S; MACKEDANZ, L. F. A Análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Atos de Pesquisa em Educação, [S.I]**, v. 16, p.e 8574, abr. 2021. ISSN 1809-0354. DOI: <https://dx.doi.org/10.7867/1809-0354202116e8574>. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8574> Acesso em: 8 Março 2023.

SANTOS RODRIGUES, G. **Pedagogia das atividades circenses na educação física escolar: experiências da arte em escolas brasileiras de ensino fundamental**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, 2018.

SANTOS, S.M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241 DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972> Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972> Acesso em: 10 Jan. 2023

SANTOS RODRIGUES, G.; PRODÓCIMO, E.; ONTAÑÓN, T. B. “Circo Coragem”: o jogo como estratégia de ensino das atividades circenses: In: **Anais... XXIII Congresso de Iniciação Científica da Unicamp**, Campinas, SP, 2015. DOI:

<https://doi.org/10.14572/nuances.v27i1.3969> Disponível em:

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3969> Acesso em : 10 Jan. 2013.

SANTOS RODRIGUES, G.; MELO, C. C.; MAZZEU, T.R.; BORTOLETO, M. A. C.;

Atividades circenses na Educação Física escolar: análise sistemática da produção bibliográfica (2016-2020). **Caderno de Educação Física e Esporte**, v.19, n.3, p.1-7, 2021.

DOI: <https://doi.org/10.36453/cefe.2021.n3.27491> Disponível em: <https://e->

revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/27491 Acesso em: 15 Maio 2023.

SANTOS RODRIGUES, G; BORTOLETO, M. A.C.; . Tensionando as “boas práticas educativas”: críticas e alternativa. **Humanidades & inovação**, n.9, n.11, p.362-377, 2022.Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2353> Acesso em: 9 Jul. 2023.

SANTOS RODRIGUES, G. ; BORTOLETO, M. A. C.; LOPES, D. de C. Circo na escola: educação e arte na Educação Básica. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 46, p. 1-27, 2023. DOI:

<https://doi.org/10.5965/1414573101462023e0110> Disponível:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/23247> Acesso em 2 Nov. 2023.

SANTOS, H. T; GARMS, G.M. Z; Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. **Anais 2**. Congresso Nacional de Professores 12. Congresso Estadual sobre Formação de Educadores.São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106 Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/b0f1b17e-0473-4e01-a3a6-869472a2a469> Acesso em: 10 Jan. 2023

SILVA, E.; ABREU. **Respeitável público...o circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009

SILVA, E. L; MENEZES, E. M.; **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/ PPGEP/LED, 2000, 118 P. Disponível em:

<https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf> Acesso em: 10 Jan 2023.

SOUSA, A. J. D.; MORAES, F. F.; EDA, D. M. C.; SILVA, L. O. Limitações e formação docente para abordar a temática circense nas aulas de educação física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 1, p. 129-37, 2019.DOI:

<https://doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n1.p129> Disponível em: <https://e-vesta.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/21845> Acesso em: 13 Set. 2022.

TAKAMORI, F. S.; BORTOLETO, M. A. C.; LIPORONI, M. O.; PALMEN, M. J. H.; CAVALLOTTI, T. D. Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: Um relato de experiência. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feef/article/view/6729>. Acesso em: 20 Abril. 2023.

TENGAN, E. Y. M.; BORTOLETO, M. A. C. Vamos brincar de circo: corpo “em arte” na educação infantil. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, Fortaleza, v. 3, n. 2, e324656, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.4656> Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/4656> Acesso em : 15 Maio 2023.

TIAEN, M.S. **As atividades circenses na formação continuada do professor de Educação Física**. 2013. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá-MS,2013.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2012.

TORRES, A. **O Circo no Brasil**. Colaboração Alice Viveiros de Castro e Márcio Carrilho. Rio de Janeiro – RJ: Editora Funarte e Atração ed. Ilimitadas, 1998.

TUCUNDUVA, B. B. P. **O circo na formação inicial em educação física: inovações docentes, potencialidades circenses**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2015.

TUCUNDUVA, B. B. P.; BORTOLETO, M. A. C. O circo e a inovação curricular na formação de professores de educação física no Brasil. **Movimento**, [S. l.], v. 25, p. e25055, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.88131. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/88131>. Acesso em: 4 nov. 2023.

VENTURA, L.; CRUZ, D. M. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2019, vol.19, n.60, pp.426-446. Epub 04-Fev-2020. ISSN 1981-416X. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416x.19.060.ao06>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2019000100426&script=sci_abstract. Acesso em 15 set. 2023.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2000.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977> Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977> Acesso em: 20 Out 2022.

YIN, R. K. et al. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6598416/mod_resource/content/1/Livro%20Robert%20Yin.pdf Acesso em: 20 Out. 2022

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAIM-DE-MELO, R.; RIZZO, D.T.S.; GODOY, L. B.; AMARAL, L. S. A utilização do tecido acrobático como conteúdo nas aulas de educação física escolar: um estudo com uma nona série do ensino fundamental. **Repertório**, Salvador, ano 23, n. 35, p. 63-86, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9771/r.v1i35.35454> Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/35454> Acesso em: 15 Jul 2023.

ZANOTTO, L.; SOUZA JUNIOR, O. M. Atividades circenses na Educação Física: transformando a escola em picadeiro. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 20, n. 2, p. 23-32, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/4308> Acesso em: 15 Set 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Convite do Questionário online

Olá,

Estamos te convidando para participar de uma pesquisa de Mestrado (FEF - Unicamp) em parceria com o grupo Circus com professores/as que ensinam circo na escola, se você puder contribuir acesse o link para responder o questionário.

<https://forms.gle/ngqedAtj8pmSoANb9>

Conhece alguém que pode participar do estudo? Envie a pesquisa!

Somos gratos por sua colaboração.

Prezados/as Professores/as

Ensina circo na escola?

Então participe da nossa pesquisa!

[Clique aqui](#)

Atividades circenses: O Ensino do tecido no âmbito escolar.

Dissertação de Mestrado: Raissa C. Falcade
Orientador: Dr. Antonio Marco Bortoleto

Programa de Pós-Graduação FEF-UNICAMP
Grupo de Pesquisa em Circo - CIRCUS

The image is a vertical flyer with a light beige background. At the top, it says 'Prezados/as Professores/as'. Below that is an orange speech bubble containing the text 'Ensina circo na escola?' and 'Então participe da nossa pesquisa!'. Under the speech bubble is a blue link 'Clique aqui'. Below the link is the title 'Atividades circenses: O Ensino do tecido no âmbito escolar.' in bold. A QR code is centered below the title. At the bottom, there is text identifying the dissertation author (Raissa C. Falcade) and supervisor (Dr. Antonio Marco Bortoleto), the program (FEF-UNICAMP), and the research group (CIRCUS). At the very bottom are three logos: UNICAMP, CIRCUS, and FEF.

APÊNDICE B- Questionário online

Seção 1 de 8

PEDAGOGIA DAS ATIVIDADES CIRCENSES: O ENSINO DO TECIDO NO ÂMBITO ESCOLAR.

Pesquisa de mestrado da aluna Raissa Cruz Falcade sob orientação do Prof. Dr. Marco Antonio Bortoleto,
Faculdade de Educação Física/ UNICAMP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Pedagogia das Atividades circenses: o ensino do tecido no âmbito escolar.
Número do CAAE: 59535422.2.0000.5404
Pesquisadora responsável: Raissa Cruz Falcade
Orientador: Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA:

Você está sendo convidado a participar da pesquisa Pedagogia das Atividades Circenses; o ensino do tecido no âmbito escolar. As informações presentes neste documento foram fornecidas pela pesquisadora Raissa Cruz Falcade e seu Orientador Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto.

INFORMAÇÕES SOBRE ESTA PESQUISA:

Objetivos: O presente estudo tem como objetivo descrever o ensino do tecido no contexto escolar a partir da experiência de professores/as especialistas.

Procedimentos e metodologias: Ao concordar com a participação no estudo, você está sendo convidado(a) a preencher um questionário on-line, sendo o link disponibilizado até dia 31/12/2022 por meio da plataforma Google Forms. O questionário é composto por 30 perguntas, fechadas e abertas, e estima-se que o preenchimento do questionário requer uma dedicação de 15-30 minutos.

Ao final do questionário, caso trabalhe com a modalidade de tecido no âmbito escolar e queira participar de uma entrevista online, você poderá deixar um email para contato e ser convidado a participar da próxima etapa, no qual a entrevista terá a duração aproximada de uma hora via aplicativo de videoconferência de sua escolha. Não haverá a identificação de nenhum participante.

Não deverá participar deste estudo:

- Menores de 18 anos
- Docentes que não estão vinculados a uma escola da Educação Básica
- Docentes que não ensina circo em suas aulas
- Docentes com menos de 11 meses de atuação na escola
- Docentes temporários ou que estejam em afastamento no momento do convite.

Os dados e informações obtidos durante este estudo serão excluídos após o término da pesquisa

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante e esta disponibilizado na íntegra neste link: https://drive.google.com/file/d/1b_8AiwE1yVaqFuHZARnaMcqmRcS4hDGt/view?usp=sharing

Por favor, leia com atenção e calma, buscando entender completamente a proposta da pesquisa. Se tiver dúvidas sobre qualquer ponto da pesquisa ou de sua participação, antes ou mesmo depois de concordar em ser participante da pesquisa, você poderá esclarecê-las com os pesquisadores da equipe pelos meios de contato descritos neste Termo. Não haverá qualquer tipo de penalização ou prejuízo se você não quiser participar.

Entrega do TCLE: Você receberá este Termo através de convites disparados em redes sociais, no qual constará um link com o formulário eletrônico do TCLE, é de suma importância que você guarde uma cópia eletrônica, caso queira também poderá ser impresso. Somente com o seu aceite digital você será direcionado para o questionário.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

Após ler o TCLE e considerar esclarecido/a sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

- Concordo em participar desta pesquisa
- Não concordo em participar da pesquisa

Após a seção 1 Ir para a seção 2 (Identificando o pe...do/a respondente.)

Seção 2 de 8**Identificando o perfil do/a respondente.**

Descrição (opcional)

Cidade e Estado de nascimento:

Texto de resposta curta

Idade:

- 17 anos ou menos
- 18 anos a 24 anos
- 25 anos a 30 anos
- 31 anos a 36 anos
- 37 anos a 45 anos
- Mais de 46 anos

Gênero:

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não responder
- Outros...

Cidade / Estado em que atua no ensino escolar no momento:

Texto de resposta curta

Gênero:

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não responder
- Outros...

Cidade / Estado em que atua no ensino escolar no momento:

Texto de resposta: curta

Característica da Escola:

- Pública Municipal
- Pública Estadual
- Particular/ Privada
- Pública Federal
- Outros...

Tempo como professor(a) na escola em que ensina circo:

- Menos de 11 meses
- 1 a 3 anos
- 4 a 5 anos
- Mais de 6 anos

Em qual segmento escolar atua?

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental - Anos iniciais
- Ensino Fundamental - Anos Finais
- Ensino Médio

Após a seção 2 Continuar para a próxima seção



Seção 3 de 8

Formação acadêmica. ✕ ⋮

Descrição (opcional)

Qual o seu grau de instrução:

Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

Pós-Graduação (especialização)

Mestrado

Doutorado

Outros...

Formação de Ensino Superior (Se houver):

Se fez mais de uma graduação ou pós-graduação em áreas distintas, indicar quais são os cursos/áreas de formação.

Teatro

Formação de Ensino Superior (Se houver):

Se fez mais de uma graduação ou pós-graduação em áreas distintas, indicar quais são os cursos/áreas de formação.

Teatro

Pedagogia

Dança

Educação física

Outros...

Em qual instituição você cursou o ensino superior:

Se fez mais de uma graduação ou pós-graduação em áreas distintas, indicar quais as instituições.

Texto de resposta longa

Ensina atividades circenses na escola?

Sim

Não

Após a seção 3 Continuar para a próxima seção ▼

Seção 4 de 8

Sobre o ensino do Circo na Escola.



Descrição (opcional)

Você poderia, por favor, comentar como começou a ensinar atividades circenses na escola?

Texto de resposta longa

Teve algum contato com o circo antes de tornar-se professor(a)? Comente.

Texto de resposta longa

Fez algum curso na área do circo? Se, sim, comente.

Texto de resposta longa

A aula de atividades circenses da escola em que atua está presente na:

Se tiver vinculada com alguma disciplina cite qual.

A aula de atividades circenses da escola em que atua está presente na:

Se tiver vinculada com alguma disciplina cite qual.

- Disciplina curricular
- Disciplina curricular somente do período integral
- Disciplina Extracurricular
- Conteúdo/projeto de uma disciplina
- Projeto Curricular Interdisciplinar
- Outros...

Quais modalidades circenses você ensina? Cite todas por favor.

Texto de resposta longa

Nas aulas de atividades circenses, qual a quantidade de alunos/as por turma?

Em geral, média.

- 5 alunos ou menos
- 6 a 10 alunos
- 11 a 15 alunos
- 16 a 20 alunos
- Mais de 21 alunos

Você tem algum tipo de auxiliar para as aulas de atividades circenses?

- Sim
- Não

Destaque quais os principais desafios pedagógicos enfrentados nas aulas de atividades circenses?

Texto de resposta longa

Por outro lado, quais as principais soluções pedagógicas que ajudaram a superar os desafios indicados?

Texto de resposta longa

Você ensina a modalidade de tecido em suas aulas?

- Sim
- Não

Seção 5 de 8

Título da seção (opcional) ✕ ⋮

Descrição (opcional)

Por qual motivo não ensina tecido em suas aulas?

Falta de infraestrutura da escola (materiais)

Espaço inadequado

A escola não aceitou incluir a modalidade nas aulas

Insegurança em trabalhar com a modalidade

Outros...

Após a seção 5 Ir para a seção 7 (Ampliação de abrangência da pesquisa) ▼

Seção 6 de 8

Sobre o ensino do Tecido ✕ ⋮

Nesta seção você responderá sobre as suas aulas de tecido na escola

Quantos alunos você tem nas aulas de tecido na escola?

Média dos alunos por aula

5 alunos ou menos

6 a 10 alunos

11 a 15 alunos

16 a 20 alunos

Mais de 21 alunos

Outros...

Na escola em que atua, quantas aulas de tecido você ministra por mês?

1 aula

2 aulas

3 aulas

4 aulas

5 aulas ou mais

Quantos tecidos são utilizados nas suas aulas?
Indique a quantidade e caso queira comente.

Texto de resposta longa

Nas aulas de tecido você conta com a participação de algum auxiliar?

Sim

Não

Qual a duração das aulas de tecido ?
Em minutos.

Texto de resposta curta

A escola realiza algum tipo de apresentação no final do semestre ou final do ano?

Sim

Não

Caso esteja disponível para participar da segunda fase da pesquisa, que consta de uma entrevista online sobre o ensino do tecido na escola, deixe um email ou um número de whatsapp para contato.

A entrevista terá duração aproximada de uma hora via aplicativo de videoconferência de sua escolha e será realizada de acordo com a sua disponibilidade. A entrevista será gravada e somente o áudio será analisado e transcrito, não haverá a identificação de nenhum participante.

Texto de resposta curta

Após a seção 6 Continuar para a próxima seção

Seção 7 de 8

Ampliação de abrangência da pesquisa  

Descrição (opcional)

De modo a contribuir para nosso estudo, você poderia sugerir o contato de outro/a (s) docente (s) que também ensina Circo na escola?

Email ou Whatsapp

Texto de resposta longa

Após a seção 7 [Continuar para a próxima seção](#) 

Seção 8 de 8

Agradecemos sua participação.  

Gostaríamos de agradecer pela sua participação, sua contribuição é de suma importância para dar continuidade e aprofundar na pesquisa do ensino do circo na escola e mais precisamente do tecido.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora:

Raissa Cruz Falcade, Celular (11) 96410-7278, E-mail: r204114@dac.unicamp.br

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para questionário

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Atividades circenses: o ensino do tecido no âmbito escolar.

Número do CAAE: 59535422.2.0000.5404

Pesquisadora responsável: Raissa Cruz Falcade

Orientador: Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA:

Você está sendo convidado a participar da pesquisa Atividades Circenses; o ensino do tecido no âmbito escolar. As informações presentes neste documento foram fornecidas pela pesquisadora Raissa Cruz Falcade e do Orientador Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto que forneceram as informações para elaborar este Termo.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante e será disponibilizado por meio de um formulário eletrônico.

Por favor, leia com atenção e calma, buscando entender completamente a proposta da pesquisa. Se tiver dúvidas sobre qualquer ponto da pesquisa ou de sua participação, antes ou mesmo depois de concordar em ser participante da pesquisa, você poderá esclarecê-las com os pesquisadores da equipe pelos meios de contato descritos neste Termo. Se preferir, você pode consultar seus familiares e/ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá qualquer tipo de penalização ou prejuízo se você não quiser participar ou retirar sua autorização em qualquer momento, mesmo depois de iniciar sua participação nesta pesquisa.

INFORMAÇÕES SOBRE ESTA PESQUISA:

Objetivos: O presente estudo tem como objetivo descrever de maneira aprofundada como vem sendo realizado o ensino do tecido no contexto escolar a partir da experiência de professores/as especialistas, em combinação com a experiência da pesquisadora.

Importância do estudo: Embora o circo tenha raízes seculares, é notório que a partir da década de 1980 esse fenômeno vem se transformando e ganhando espaço no contexto educacional, incluindo nas atividades escolares. De modo mais específico, vem ampliando sua presença nas aulas de Educação Física. Não obstante, diferentes obstáculos são relatados pelos docentes quanto ao ensino das diferentes modalidades circenses, principalmente com respeito às denominadas “aéreas”. Logo, a experiência produzida por professores/as em escolas é um dos caminhos para ampliarmos os conhecimentos, aumentar o intercâmbio e assim adensar nossa compreensão das distintas estratégias que podemos empregar para ensinar o tecido na escola com segurança e em harmonia com os objetivos e as condições escolares, gerando não somente a prevenção ou a promoção da saúde, mas facilitando o acesso a essa cultura.

Procedimentos e metodologias: Ao concordar com a participação no estudo, você está sendo convidado(a) a preencher um questionário on-line, sendo o link disponibilizado durante 40 dias por meio da plataforma Google Forms. O questionário é composto por 30 perguntas, contendo questões fechadas e abertas. Estima-se que o preenchimento do questionário requer uma dedicação de 15-30 minutos. Após a entrega e análise do questionário, caso trabalhe com a modalidade de tecido no âmbito escolar e queira participar de uma entrevista online, você poderá deixar um email para contato e ser convidado a participar desta etapa, no qual a entrevista terá a duração aproximada de uma hora via aplicativo de videoconferência de sua escolha. A entrevista será gravada e

somente o áudio será analisado e transcrito, não haverá a identificação de nenhum participante. O áudio será descartado um ano e meio após a análise do conteúdo.

Não deverá participar deste estudo:

- Menores de 18 anos
 - Docentes que não estão vinculados a uma escola da Educação Básica. •
- Docentes que não trabalham com o circo em suas aulas.
- Docentes com menos de 11 meses de atuação na escola.
 - Docentes temporários ou que estão em afastamento.

Os dados e informações obtidos durante este estudo serão excluídos após o término da pesquisa

Tratamento dos dados: Esta pesquisa prevê o armazenamento dos dados coletados em repositório de dados, em local virtual de acesso público, com o objetivo de possível reutilização, verificação e compartilhamento em trabalhos de colaboração científica com outros grupos de pesquisa.

Sua identidade não será revelada nesses dados, pois os dados só serão armazenados de forma anônima (isto é, os dados não terão identificação), utilizando mecanismos que impeçam a possibilidade de associação, direta ou indireta com você. Cabe ressaltar que quem compartilhar os dados também não terá possibilidade de identificação dos participantes de quem os dados se originaram. Sendo assim, não haverá possibilidade de reversão da anonimização.

Desconfortos e riscos previstos: Você não deve participar deste estudo se não se sentir confortável em realizar o questionário on-line e posteriormente a entrevista. Essa pesquisa não apresenta danos previsíveis. Caso você sinta algum desconforto pessoal, com determinada questão, ou relacionado ao tempo do preenchimento do formulário eletrônico (questionário), você não precisa responder. Serão tomados todos os cuidados com os dados, porém como a pesquisa ocorrerá no meio virtual, há possibilidade de quebra de sigilo e de vazamento dos dados. Além disso, pode haver desconforto com quedas de conexão.

Benefícios: Os benefícios esperados por participar neste estudo é de poder ampliar os conhecimentos do ensino das atividades circenses no âmbito escolar e mais precisamente do tecido, aumentando o intercâmbio e contribuindo para possíveis estratégias pedagógicas que viabiliza o ensino dessa modalidade aérea de forma participativa, fluida e adequada às características do ensino escolar.

Acompanhamento e assistência: Você poderá ter acesso a todas as informações referentes ao questionário e as entrevistas, assim como os resultados desta pesquisa, em qualquer etapa do estudo. Como o questionário é anônimo, será impossível a exclusão dos dados da pesquisa durante esse processo de registro, porém haverá um campo não obrigatório para disponibilizar o seu e-mail, dessa forma você conseguirá se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízo. Após o término da pesquisa você será avisado sobre as publicações que serão enviadas aos eventos e às revistas científicas.

Forma de contato com os pesquisadores: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora:

Raissa Cruz Falcade, Celular (11) 964107278, E-mail: r204114@dac.unicamp.br Endereço: Faculdade de Educação Física – Departamento de Educação Física e Humanidades – Sala 24 - UNICAMP – Av. Érico Veríssimo, 701 – Cidade Universitária – Campinas/SP – 13083- 851.

Forma de contato com Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de pesquisas envolvendo seres humanos, protegendo o(a)s participantes em seus direitos e dignidade. Em caso de dúvidas, denúncias ou reclamações sobre aspectos éticos de sua participação e sobre seus direitos como participante da pesquisa, entre em contato com a secretaria do

Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP (CEP-UNICAMP), de segunda a sexta-feira, das 08:00hs às 11:30hs e das 13:00hs às 17:30hs à Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083- 887 Campinas – SP; telefones (19) 3521-8936 e (19) 3521-7187; e-mail: cep@unicamp.br. Se houver necessidade da intermediação da comunicação em Libras, você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/> e solicitar ajuda para comunicação com o CEP. Dependendo da fase da pandemia de COVID19, pode não haver atendimento presencial na secretaria do CEP, mas os atendimentos por telefone e e-mail continuam.

GARANTIAS AOS PARTICIPANTES:

Esclarecimentos: Você será informado(a) e esclarecido(a) sobre os aspectos relevantes da pesquisa, antes, durante e depois da pesquisa, mesmo se esta informação causar sua recusa na participação ou sua saída da pesquisa. Você terá total acesso aos resultados finais e preliminares da pesquisa.

Direito de recusa a participar e direito de retirada do consentimento: Você tem direito de se recusar a participar da pesquisa e de desistir, mas será impossível excluir os seus dados no questionário, visto que esta etapa é em anonimato, porém, não será obrigatório, mas você poderá disponibilizar um e-mail, dessa maneira, você pode retirar o seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, mesmo depois de iniciar sua participação, sem que isto traga qualquer penalidade ou represálias de qualquer natureza e sem que haja prejuízo para você.

Sigilo e privacidade: Você tem garantia que sua identidade será mantida em sigilo, e dados e/ou informações identificadas ou identificáveis não serão fornecidos a pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados deste estudo, informações que possam identificá-lo(a) não serão mostradas ou publicadas. Em função da natureza digital desta pesquisa, não é possível garantir segurança e sigilo absoluto dos dados, mas todo cuidado será tomado pelos pesquisadores para garantir o sigilo de seus dados. Para maior segurança dos dados, serão adotadas as seguintes medidas: Você receberá este Termo através de convites disparados nas mídias sociais, que constará um link para o formulário eletrônico, após o aceite digital, você será redirecionado para o questionário. Os dados serão armazenados no computador pessoal da pesquisadora e em um HD externo portátil sem acesso à internet e disponível tão-somente aos pesquisadores até o término desta pesquisa, após, os arquivos serão excluídos.

Ressarcimento: Você não deverá ter qualquer despesa por participar desta pesquisa. Caso tenha gastos para participar desta pesquisa fora da sua rotina você será ressarcido integralmente de suas despesas.

Assistência, indenização e medidas de reparação: Você tem direito de buscar indenização e reparação de danos se sentir prejudicado(a) pela participação nesta pesquisa, mesmo se já tiver concordado em participar da pesquisa e assinado TCLE. Você receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da participação nesta pesquisa. Ressalta-se que eventuais danos não previstos, mas resultantes da participação nesta pesquisa, são passíveis de reparação/indenização.

Entrega do TCLE: Você receberá este Termo através de convites disparados em redes sociais, no qual constará um link com o formulário eletrônico do TCLE. Somente com o seu aceite digital você será direcionado para o questionário.

Responsabilidade do(a) Pesquisador(a):

Asseguro ter cumprido as exigências da Resolução CNS/MS 466/2012, CNS/MS 510/2016 e complementares na elaboração do protocolo desta pesquisa e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter lido, explicado e fornecido este documento ao participante da pesquisa. Informo que este estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos

nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo (a) participante.

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a entrevista semiestruturada online

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Atividades circenses: o ensino do tecido no âmbito escolar.

Número do CAAE: 59535422.2.0000.5404

Pesquisadora responsável: Raissa Cruz Falcade

Orientador: Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA:

Você está sendo convidado a participar da pesquisa Atividades Circenses; o ensino do tecido no âmbito escolar. As informações presentes neste documento foram fornecidas pela pesquisadora Raissa Cruz Falcade e do Orientador Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto que forneceram as informações para elaborar este Termo.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante e será disponibilizado por meio de email, em formato PDF. Este Termo deve ser salvo em local seguro e de fácil acesso para uso futuro, ou deve ser impresso e guardado.

Por favor, leia com atenção e calma, buscando entender completamente a proposta da pesquisa. Se tiver dúvidas sobre qualquer ponto da pesquisa ou de sua participação, antes ou mesmo depois de concordar em ser participante da pesquisa, você poderá esclarecê-las com os pesquisadores da equipe pelos meios de contato descritos neste Termo. Se preferir, você pode consultar seus familiares e/ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá qualquer tipo de penalização ou prejuízo se você não quiser participar ou se retirar sua autorização em qualquer momento, mesmo depois de iniciar sua participação nesta pesquisa.

INFORMAÇÕES SOBRE ESTA PESQUISA:

Objetivos: O presente estudo tem como objetivo descrever de maneira aprofundada como vem sendo realizado o ensino do tecido no contexto escolar a partir da experiência de professores/as especialistas, em combinação com a experiência da pesquisadora.

Importância do estudo: Embora o circo tenha raízes seculares, é notório que a partir da década de 1980 esse fenômeno venha transformando-se e ganhando espaço no contexto educacional, incluindo nas atividades escolares. De modo mais específico, vem ampliando sua presença nas aulas de Educação Física. Não obstante, diferentes obstáculos são relatados pelos docentes quanto ao ensino das diferentes modalidades circenses, principalmente com respeito às denominadas “aéreas”. Logo, a experiência produzida por professores/as em escolas é um dos caminhos para ampliarmos os conhecimentos, aumentar o intercâmbio e assim adensar nossa compreensão das distintas estratégias que podemos empregar para ensinar o tecido na escola com segurança e em harmonia com os objetivos e as condições escolares, gerando não somente a prevenção ou a promoção da saúde, mas facilitando o acesso a essa cultura.

Procedimentos e metodologias: Ao concordar com a participação no estudo, você está sendo convidado(a) a participar de uma entrevista semiestruturada feita via aplicativo de videoconferência online e gratuito de sua escolha, dentre as seguintes opções: Google Meet, Whatsapp, Skype, Zoom ou Microsoft Teams. As entrevistas terão duração de aproximadamente 40-60 minutos, serão agendadas as datas e horários convenientes para cada um/a dos/as participantes. A gravação será feita pelo sistema do próprio aplicativo, restringindo ao áudio da conversa e serão transcritas em texto. Os arquivos serão apagados quando a pesquisa tiver concluído.

Não deverá participar deste estudo:

Docentes que não trabalha com o tecido no âmbito escolar; Docentes em afastamento durante a realização da pesquisa

Os dados e informações obtidos durante este estudo serão excluídos após o término da pesquisa

Tratamento dos dados: Esta pesquisa prevê o armazenamento dos dados coletados em repositório de dados, em local virtual de acesso público, com o objetivo de possível reutilização, verificação e compartilhamento em trabalhos de colaboração científica com outros grupos de pesquisa.

Sua identidade não será revelada nesses dados, pois os dados só serão armazenados de forma anônima (isto é, os dados não terão identificação), utilizando mecanismos que impeçam a possibilidade de associação, direta ou indireta com você. Cabe ressaltar que quem compartilhar os dados também não terá possibilidade de identificação dos participantes de quem os dados se originaram. Sendo assim, não haverá possibilidade de reversão da anonimização.

Desconfortos e riscos previstos: Você não deve participar deste estudo se não se sentir confortável em realizar a entrevista online. Essa pesquisa não apresenta danos previsíveis. Caso haja algum incômodo, o voluntário poderá negar responder qualquer pergunta e interromper a entrevista a qualquer momento. Trataremos de agendar as entrevistas conforme disponibilidade dos voluntários, e oferecer o ambiente mais confortável possível. Serão tomados todos os cuidados com os dados, porém como a pesquisa ocorrerá no meio virtual, dados das entrevistas poderão ser vazados. Além disso, pode haver desconforto com quedas de conexão.

Benefícios: Os benefícios esperados por participar neste estudo é de poder ampliar os conhecimentos do ensino do tecido no âmbito escolar, aumentando o intercâmbio e contribuindo para possíveis estratégias pedagógicas que viabilizem o ensino do tecido de forma participativa, fluida e adequada às características do ensino escolar.

Acompanhamento e assistência: Você poderá ter acesso a todas as informações referentes ao questionário e as entrevistas, assim como os resultados desta pesquisa, em qualquer etapa do estudo, bem como você pode se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízo. Após o término da pesquisa você será avisado sobre as publicações que serão enviadas aos eventos e às revistas científicas.

Forma de contato com Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de pesquisas envolvendo seres humanos, protegendo o(a)s

participantes em seus direitos e dignidade. Em caso de dúvidas, denúncias ou reclamações sobre aspectos éticos de sua participação e sobre seus direitos como participante da pesquisa, entre em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP (CEP-UNICAMP), de segunda a sexta-feira, das 08:00hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:30hs à Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083- 887 Campinas – SP; telefones (19) 3521-8936 e (19) 3521-7187; e-mail: cep@unicamp.br. Se houver necessidade da intermediação da comunicação em Libras, você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/> e solicitar ajuda para comunicação com o CEP. Dependendo da fase da pandemia de COVID19, pode não haver atendimento presencial na secretaria do CEP, mas os atendimentos por telefone e e-mail continuam

GARANTIAS AOS PARTICIPANTES:

Esclarecimentos: Você será informado(a) e esclarecido(a) sobre os aspectos relevantes da pesquisa, antes, durante e depois da pesquisa, mesmo se esta informação causar sua recusa na participação ou sua saída da pesquisa. Você terá total acesso aos resultados finais e preliminares da pesquisa.

Direito de recusa a participar e direito de retirada do consentimento: Você tem direito de se recusar a participar da pesquisa e de desistir e retirar o seu consentimento em qualquer momento da pesquisa sem que isto traga qualquer penalidade ou represálias de qualquer natureza e sem que haja prejuízo para você.

Sigilo e privacidade: Você tem garantia que sua identidade será mantida em sigilo, e dados e/ou informações identificadas ou identificáveis não serão fornecidos a pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados deste estudo, informações que possam identificá-lo(a) não serão mostradas ou publicadas. Em função da natureza digital desta pesquisa, não é possível garantir segurança ou sigilo absoluto dos dados, mas todo cuidado será tomado pelos pesquisadores para garantir o sigilo de seus dados. Para maior segurança dos dados, serão adotadas as seguintes medidas: Você receberá este Termo em formato PDF, por meio de um e-mail (apenas um remetente; o pesquisador proponente, e um destinatário) de modo a preservar as identidades dos participantes. Após a assinatura e o reenvio do Termo, será agendada a entrevista online. Os dados serão armazenados no computador pessoal da pesquisadora e em um HD externo portátil sem acesso à internet e disponível tão-somente aos pesquisadores até o término desta pesquisa, após, os arquivos serão excluídos.

Ressarcimento: Você não terá qualquer despesa por participar desta pesquisa. Caso tenha gastos para participar desta pesquisa fora da sua rotina você será ressarcido integralmente de suas despesas.

Assistência, indenização e medidas de reparação: Você tem direito de buscar indenização e reparação de danos se sentir prejudicado(a) pela participação nesta pesquisa, mesmo se já tiver concordado em participar da pesquisa e assinado TCLE.

Você receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da participação nesta pesquisa. Ressalta-se que eventuais danos não previstos, mas resultantes da participação nesta pesquisa, são passíveis de reparação/indenização.

Entrega do TCLE: Você receberá este Termo em formato PDF assinado e rubricado pela pesquisadora por meio de um e-mail (apenas um remetente; o pesquisador proponente, e um destinatário) de modo a preservar as identidades dos participantes. Após a assinatura e o reenvio do Termo, será agendada a entrevista online.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e desconfortos que esta pode acarretar, aceito participar e declaro ter recebido este documento assinado pela pesquisadora por meio de um e-mail e que manifesto a minha concordância em participar desta pesquisa:

Nome do(a) participante da pesquisa: _____

Contato telefônico/email _____

Data: __/__/_____.

Responsabilidade do(a) Pesquisador(a):

Asseguro ter cumprido as exigências da Resolução CNS/MS 466/2012, CNS/MS 510/2016 e complementares na elaboração do protocolo desta pesquisa e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter lido, explicado e fornecido este documento ao participante da pesquisa. Informo que este estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo (a) participante.

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE E - Roteiros de Entrevistas

Roteiro entrevista- Sudeste

Metadados e orientações

Nome do entrevistado: _____

Nome da pesquisadora presente: **Raissa Cruz Falcade**

Data da entrevista: / / Plataforma da entrevista:

Contato inicial:

- Agradecer pela disponibilidade em receber o (s) pesquisador (es).
- Apresentar, de forma breve, os objetivos da pesquisa.
- Explicar as informações contidas no termo de consentimento de entrevista.
- Solicitar a assinatura do termo de consentimento de entrevista.
- Entregar uma via assinada pelo pesquisador para o entrevistado.

Procedimentos iniciais:

- Preparar o gravador.
- Iniciar a gravação.

Questões para entrevista

Vamos começar falando sobre sua experiência profissional.

1. Me conta um pouco sobre a sua experiência com o tecido na escola.

Agora vamos falar um pouco sobre sua prática na escola.

2. Você poderia me relatar sobre como é a escola particular em que está atuando neste momento (Relação da coordenação e direção com as aulas de atividades circenses, algumas características da escola)
3. Qual a infraestrutura disponível para o tecido? Montagem e ancoragem? (o que quero saber: quem monta a ancoragem? Como monta? tem revisão? Quanto tempo? etc.).
4. Houve alguma preocupação da escola em relação à segurança? Quais processos a escola adota para melhorar a segurança da aula?

Aulas de tecido

5. Suas aulas acontecem de forma extracurricular, como elas são organizadas?
6. Você tem algum planejamento de aula? Utiliza algum recurso ou material que te auxilia? Se, sim, qual?
7. Como é a dinâmica de trabalho entre você e o(a) auxiliar/ estagiário? Há alguma capacitação? De que forma é realizada?
8. Você possui de 11 a 15 alunos por aula e 6 tecidos. Quais as dinâmicas e estratégias que mais utiliza?

9. Enquanto os alunos esperam por sua vez, é realizada alguma atividade? Como é desenvolvido esse momento de aula?
10. Como são realizadas as apresentações?
11. Na sua opinião o que poderia melhorar, facilitar o ensino das modalidades aéreas na escola?

Perguntar se o entrevistado tem algo que gostaria de acrescentar.

Considerações finais:

- Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.
- Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.

Finalização e agradecimento:

- Agradecer a disponibilidade do entrevistado em fornecer as informações.
- Salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição dele e, se tiver interesse, deverá entrar em contato com a pesquisadora.

10. Como são realizadas as apresentações?
11. Quais os seus maiores desafios no ensino de tecido na escola? E como você tem lidado com eles?
12. Na sua opinião o que poderia melhorar, facilitar o ensino das modalidades aéreas na escola?

Perguntar se o entrevistado tem algo que gostaria de acrescentar.

Considerações finais:

- Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.
- Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.

Finalização e agradecimento:

- Agradecer a disponibilidade do entrevistado em fornecer as informações.
- Salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição dele e, se tiver interesse, deverá entrar em contato com a pesquisadora.

Roteiro para entrevista- Centro-Oeste

Metadados e orientações

Nome do entrevistado: _____

Nome da pesquisadora presente: **Raissa Cruz Falcade**

Data da entrevista: / / **Plataforma da entrevista:**

Contato inicial:

- Agradecer pela disponibilidade em receber o (s) pesquisador (es).
- Apresentar, de forma breve, os objetivos da pesquisa.
- Explicar as informações contidas no termo de consentimento de entrevista.
- Solicitar a assinatura do termo de consentimento de entrevista.
- Entregar uma via assinada pelo pesquisador para o entrevistado.

Procedimentos iniciais:

- Preparar o gravador.
- Iniciar a gravação.

Questões para entrevista

Vamos começar falando sobre sua experiência profissional.

1. Me conta um pouco sobre a sua experiência com as atividades circenses na escola?

Agora vamos falar um pouco sobre sua prática na escola.

2. De acordo com o questionário, a escola em que você atua é de regime federal, poderia me relatar como é a Relação da coordenação e direção com as aulas de atividades circenses?
3. Qual a infraestrutura disponível para o tecido? Montagem e ancoragem? (o que quero saber: quem monta a ancoragem? Como monta? tem revisão? Quanto tempo? etc.).
4. Houve alguma preocupação da escola em relação à segurança? Quais processos a escola adota para melhorar a segurança da aula?

Aulas de tecido

5. Segundo o questionário suas aulas de tecido acontecem no Segmento do Ensino médio, como foi propor essa atividade para os alunos? Pode comentar um pouco sobre esse processo
6. Os alunos gostam? Participam da aula? Tem alunos que não querem fazer?
7. Em relação a gênero, você acredita que por ser do sexo masculino pode influenciar de alguma maneira ou dificultar o ensino da modalidade?
8. Como é a dinâmica de trabalho entre o professor(a) e o(a) auxiliar/ estagiário. Há alguma capacitação. De que forma é realizada?
9. É você quem organiza e planeja as aulas de tecido? Utiliza algum recurso ou material que te auxilia? Se, sim, qual?
10. Como estão organizadas as suas aulas? Quais as dinâmicas e estratégias que mais utiliza?
11. Enquanto os alunos esperam por sua vez, é realizada alguma atividade? Como é desenvolvido esse momento de aula?

12. Quais os conteúdos que você consegue abordar? (Historicidade, expressividade, criação, produção artística)
13. Você trabalha com dois tecidos; “um aberto e outro em gota”. Acredita que o tecido em gota pode auxiliar na aprendizagem da modalidade?
14. Quais os seus maiores desafios no ensino de tecido na escola? E como você tem lidado com eles?
15. Na sua opinião o que poderia melhorar, facilitar o ensino das modalidades aéreas na escola?

Perguntar se o entrevistado tem algo que gostaria de acrescentar.

Considerações finais:

- Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.
- Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.

Finalização e agradecimento:

- Agradecer a disponibilidade do entrevistado em fornecer as informações.
- Salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição dele e, se tiver interesse, deverá entrar em contato com a pesquisadora.

Roteiro para entrevista- Nordeste

Metadados e orientações

Nome do entrevistado: _____

Nome da pesquisadora presente: **Raissa Cruz Falcade**

Data da entrevista: / / **Plataforma da entrevista:**

Contato inicial:

- Agradecer pela disponibilidade em receber o (s) pesquisador (es).
- Apresentar, de forma breve, os objetivos da pesquisa.
- Explicar as informações contidas no termo de consentimento de entrevista.
- Solicitar a assinatura do termo de consentimento de entrevista.
- Entregar uma via assinada pelo pesquisador para o entrevistado.

Procedimentos iniciais:

- Preparar o gravador.
- Iniciar a gravação.

Questões para entrevista

Vamos começar falando sobre sua experiência profissional.

1. Me conta um pouco sobre a sua experiência com as atividades circenses na escola?

Agora vamos falar um pouco sobre sua prática na escola.

2. Você poderia me relatar um pouco sobre a escola particular em que está atuando neste momento (Relação da coordenação e direção com as aulas de atividades circenses, algumas características da escola)
3. Qual a infraestrutura disponível para o tecido? Montagem e ancoragem? (o que quero saber: quem monta a ancoragem? Como monta? tem revisão? Quanto tempo? etc.).
4. Houve alguma preocupação da escola em relação à segurança? Quais processos a escola adota para melhorar a segurança da aula?

Aulas de tecido

5. Segundo o questionário suas aulas de tecido fazem parte de uma disciplina curricular, como elas são organizadas?
6. Em relação a gênero, você acredita que por ser do sexo masculino pode influenciar de alguma maneira ou dificultar o ensino da modalidade?
7. É você quem planeja as aulas de tecido? Utiliza algum recurso ou material que te auxilia? Se, sim, qual?
8. Como é a dinâmica de trabalho entre o professor(a) e o(a) auxiliar/ estagiário. Há alguma capacitação. De que forma é realizada?
9. Como relatou no questionário, você trabalha com 2 tecidos. Enquanto os alunos esperam por sua vez, é realizada alguma atividade? Como é desenvolvido esse momento de aula?

10. Conte para mim como são os momentos das aulas de tecido. As crianças participam da aula? Gostam? Ficam observando os outros colegas no tecido? Tem algum aluno que não quer participar?
11. Quais os conteúdos que você consegue abordar? (Historicidade, expressividade, criação, produção artística)
12. Como são realizadas as apresentações?
13. Quais os seus maiores desafios no ensino de tecido na escola? E como você tem lidado com eles?
14. Na sua opinião o que poderia melhorar, facilitar o ensino das modalidades aéreas na escola?

Perguntar se o entrevistado tem algo que gostaria de acrescentar.

Considerações finais:

- Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.
- Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.

Finalização e agradecimento:

- Agradecer a disponibilidade do entrevistado em fornecer as informações.
- Salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição dele e, se tiver interesse, deverá entrar em contato com a pesquisadora.

APÊNDICE F - Transcrição das entrevistas

Entrevista Nordeste

Entrevistadora: Meu nome é Raíssa, e como enviei já o termo de consentimento para você sobre a pesquisa de mestrado, eu gostaria de saber se você aceita, se está tudo bem, para a gente gravar e começar a entrevista.

Entrevistado: Está perfeito, vamos lá.

Entrevistadora: Bom, professor, obrigada novamente por você estar aqui. Eu vou fazer algumas perguntas relacionadas à aulas de tecido, tanto da escola, quanto das aulas em si. E a gente vai batendo um papo, qualquer coisa pode me interromper, tá? Eu vou tentar não interromper muito a sua fala também, eu vou concordar, eu vou falar que não, mas a gente vai prosseguindo, tá bom?

Entrevistado: Beleza, tá bom.

Entrevistadora: Antes de tudo, eu gostaria que você me contasse um pouquinho da sua experiência com o circo, e depois com o circo na escola. Então, como é que você chegou no circo, como é que levou o circo para a escola?

Entrevistado: Eu trabalho com o circo há mais ou menos uns 12 ou 13 anos. Comecei a trabalhar, porque havia um amigo meu que trabalhava na sala, ele trabalhava com eventos, né? Aniversários, casamentos e tal, festas, e aí ele fazia malabares nesses eventos. Malabares e outras técnicas também, né? E aí um dia eu fui para ele ensinar malabares, achei bacana, interessante, eu já tinha um trabalho com arte, com teatro, mas com o circo ainda não. E aí ele me ensinou, eu gostei, achei bastante interessante, comecei a apropriar outras técnicas para me aprofundar e conhecer mais sobre o circo. E aí fui para os malabares de fogo, para a manipulação de fogo. Depois eu fui para a palhaçaria. Da palhaçaria eu fui para os aéreos, e dos aéreos para a acrobacia de solo. Essa é uma história resumida dentro do processo com o circo. O que mais você quer saber?

Entrevistadora: Como que você conseguiu introduzir suas aulas de circo nas escolas? Você trabalha em escola particular, correto? E como que você propôs essa atividade para a escola, a escola que te encontrou? Como foi esse entendimento, essa reunião para levar isso para a escola?

Entrevistado: É correto, eu trabalho em escolas particulares. Bem, aqui em Salvador acontece muito na escola corporal. A escola quer ter mais uma atividade dentro da grade curricular, algo diferente para os alunos e tal. E às vezes tem esse pensamento único, simplesmente de ter algo diferente para os alunos na escola. E às vezes ele tem esse pensamento e ele também vem atrelado com um processo de percepção do corpo em relação à construção de uma biomecânica mais apurada, de uma consciência corporal mais específica. E aí geralmente as escolas procuram. As escolas que falam, poxa, eu quero um artista circense dando aula aqui para os meus alunos. Basicamente é assim que acontece aqui.

Entrevistadora: E hoje as aulas suas são extracurriculares, são na educação física escolar. Como é que ela está dentro da escola?

Entrevistado: Elas são extracurriculares, não são obrigatórias. Uma das escolas que eu dou aula, ela é uma escola do ensino básico, infantil. Então a minha aula funciona como oficina. Os alunos têm a possibilidade de frequentar a oficina que eles escolherem durante aquele mês. E aí eles têm oficina de culinária, de música, de ciências, de o que mais? De dança. E eles escolhem. São crianças de entre 8, não 8 não, 6, 6 e 10 anos.

Entrevistadora: E essas aulas, elas são no contraturno escolar ou faz parte do período integral? A escola tem ou oferece o período integral?

Entrevistado: Período integral. Ah, e mesmo assim os alunos não são obrigados a participar, eles escolhem as modalidades.

Entrevistadora: Ah, entendi. Isso é bom porque a maioria acaba procurando porque gosta, né? Então acaba fazendo um pouco mais.

Entrevistado: Exatamente. Eles fazem com gosto, fazem com interesse, não são obrigados.

Entrevistadora: E você chegou a dar aula alguma vez na parte de Educação Física Escolar, o Circo?

Entrevistado: Nunca. Dentro da Educação Física, nunca. Justamente por causa da formação. Aqui existe uma diferença muito grande. Porque assim, obviamente você não pode fazer o trabalho de um profissional de Educação Física sendo um artista-circense. Mas o artista-circense, ele consegue estar inserido dentro de um processo de Educação Física. Consegue entender, né? Então tem a diferença muito grande aqui. Tipo, você é um profissional de circo, você não é um profissional de Educação Física, mas você possui conhecimentos, alguns conhecimentos que esse profissional também tem, mas você é um artista-circense.

Entrevistadora: Então você não trabalha na Educação Física. Então a escola separa bem isso.

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistadora; E como que é a infraestrutura da escola? Tem estrutura? Tem material? Tem colchões?

Entrevistado: Acontece. Vou te falar assim. Tem acontecido um movimento bem bacana de não precisar levar equipamento e da escola perguntar e aí, o que você precisa para exercer o seu trabalho dentro desse escopo? Você precisa de malabares? Você precisa do truque? Precisa de uma estrutura para aprender e a escola permite. No início, sim, quando entrei eu levava, minha escola estava percebendo que existia uma demanda por esse tipo de material.

Entrevistadora: E você trabalha não só os aéreos. Você trabalha malabares, equilíbrio, um pouquinho de tudo?

Entrevistado: Exato. Um pouco de tudo, por causa da minha formação. Ela começa daquele jeito que eu te falei, mas depois ela abre. O leque abre e aí, quando eu começo as acrobacias de solo, aí o leque abre totalmente. Vai para o equilibrismo, vai para a palhaçaria mais ainda profundamente, para as técnicas de fogo também. Tudo, tudo abre.

Entrevistadora: E você tem a formação na Escola Nacional de Circo, né?

Entrevistado: Não, não tenho. O que acontece? A minha formação é composta por vários cursos diversos e oficinas diversas em várias regiões do país. Talvez eu tenha essa memória da escola nacional porque conheço muita gente de lá e tentei fazer escola nacional no passado. Fiquei em centésimo lugar e só passou 80. E a minha volante passou em primeiro lugar e aí ela foi, eu fiquei.

Entrevistadora: Ah, que pena! Mas tenta novamente que quem sabe logo, logo você entra. Eu sou formada na escola, mas eu fui da primeira turma de bolsista. Então estava bem no comecinho, eles estavam vendo como que ia funcionar, então era bem no começo mesmo. Foi uma experiência muito bacana. Então eu achei que realmente você tinha a escola nacional.

Entrevistado: Não, não, não. Você já viu que eu estava no Rio? Eu fui fazer audição do Marcos Frota no Circo, passei na primeira fase.

Entrevistadora: Ah, que legal. Parabéns. Você já trabalhou em circo?

Entrevistado: Não, não. Só treinar. Nunca trabalhar. Rolou até os convites agora, mas não vou. É, porque é essa bagagem que a gente vai levando também, né? Eu não sei, mas eu vejo que muitos professores vão trazendo as próprias práticas para as suas aulas. Então a forma como a gente vai estruturando as nossas aulas vai depender muito dessa bagagem que a gente vai trazendo, né? Então a gente vai diversificando nisso, né?

Entrevistadora: Perfeito. Então a escola, em relação à direção, coordenação, eles apoiam totalmente as aulas?

Entrevistado: Totalmente. Totalmente, totalmente. Inclusive reclamam quando, por exemplo, tem que viajar e não posso dar a aula e tem que colocar outra pessoa no meu lugar. É difícil de encontrar também, né?

Entrevistadora: É! Em relação à segurança, de início eles ficaram muito preocupados, adotaram alguma coisa ou lidaram muito bem com essa situação, principalmente os aéreos? Como é que foi essa questão?

Entrevistado: Ele acontece com uma linguagem inserida dentro desse contexto da educação infantil. Então não é realizada com muita altura, com muito... com muita coisa incrível, sabe? Então, na escola, eu não prendo o tecido em estrutura assim. Porque a estrutura é... Não é uma estrutura maciça, sabe? De telhado, alto, aquele pé direito alto. Não. É no telhado, no máximo dois metros de altura, né? Então, mas mesmo assim, sim, há risco de queda. Então, as pessoas trabalham com o colchão no chão, com a questão de segurança, sei que faço. Então, tudo que é preciso se pensar em relação à segurança, de redundâncias e possibilidades de acidente, a escola pensa também.

Entrevistadora: E é você quem faz a montagem e a desmontagem dos aparelhos? Eles ficam expostos ou só durante a aula você tem que montar e desmontar toda vez?

Entrevistado: Só durante a aula. Toda vez que a gente tem aula, eu monto. Termina a aula, eu desmonto.

Entrevistadora: Segundo o questionário, suas aulas fazem parte da educação infantil, certo? Como que os alunos ficaram com essa proposta? Eles gostaram, não gostaram? No início teve receio? Muitos não quiseram participar? Como que funcionou?

Entrevistado: Ah, eles abraçaram totalmente. Porque é uma linguagem extremamente lúdica, né? É o momento da brincadeira, é o momento do circo, é o momento de pular, é o momento de se pendurar, é o momento de correr, que é tudo aquilo que você quer. Então, toda vez, velho, o circo é a alegria da escola.

Entrevistadora: Em relação a gênero, por você ser do sexo masculino, você acha que impede alguma coisa? Ou os pais reclamaram? Algum empecilho? E você acha que isso atrapalha alguma coisa?

Entrevistado: Olha, nunca ninguém reclamou, não vejo empecilho, mas, sim, existe uma diferença na abordagem, na sensibilidade do gênero, sabe? Com certeza, por exemplo, eu vi a “Daniela”¹³ nesse ano, que era uma colega do Circo do Capão. Não sei se você conhece a Chapada Diamantina, o Circo do Capão que tem aqui. E ela é filha do dono do Circo, e ela era quem dava as aulas. E alguns alunos sempre conversam comigo assim, ah, a Maria fazia de tal jeito. Não comparando, mas lembrando e percebendo a diferença. E às vezes até dizer que é mais legal de alguma forma que eu faço. Em outras situações, dizendo que era mais legal como a Maria¹⁴ fazia. Então, existe uma diferença, sim, de sensibilidade na hora do pedagógico, sabe? E... Não, são pontos diferentes, pontos tocados. Eu toco nesse ponto aqui que

¹³ Nome fictício

¹⁴ Nome fictício

é legal, a Maria tocava nesse outro aqui que também é legal. Aí eu não toco nessa, mas ela também não toca nesse daqui. Então, a gente coloria lugares diferentes, só isso. É, abordagens diferentes que cada um vai se adaptando, né?

Entrevistadora: Você quem planeja as aulas? Você utiliza algum recurso, algum material? Ou como foi essa forma de estruturar suas aulas? Como que ela é estruturada?

Entrevistado: Ah, como que ela é estruturada? Bem, escola, como você sabe, eu não dou só tecido, né? Tem meses, por exemplo, no mês passado, na primeira semana eu fiz slacklining. Na segunda semana eu fiz perna de pau. Na terceira semana eu fiz tecido e na última eu fiz acrobacias. E aí, em cada uma dessas linguagens, basicamente o trabalho inicial, sempre de aula, é de pedagógico. Muito educativo. Dependendo do nível do aluno também. O grupo é fechado, mais ou menos às vezes com seis, sete alunos, no máximo com dez. E aí eu olho os alunos, faço uma análise prévia ao vivo dos níveis. Ah, aquele ali está bem recente, não sabe andar de perna de pau ainda, então com ele eu vou trabalhar os educativos. E evolução até chegar lá, e depois movimentos mais avançados. Como uma crescente. Uma parábola que cresce. Começando da base, dos intermediários e subindo, sempre trabalhando educativo, seja a técnica que for.

Entrevistadora: Então você consegue fazer um trabalho um pouco mais individualizado com esse aluno. Consegue identificar e trabalhar um pouco diferente para cada demanda, né?

Entrevistado: Eu tento sempre assim. Todas as turmas que eu dou aula, tanto na minha escola de circo mesmo, tanto na escola corrente, como no espaço que eu dou para os alunos do espectro autista, e como nos personagens. Nos personagens, é claro, não é uma aula de uma pessoa só. Mas quando eu tenho turmas maiores, eu sempre tento individualizar. Porque é horrível você estar numa aula, fazendo uma aula, que você tem um conhecimento, assim, uma aula que você quer fazer, mas você tem um conhecimento que está além, só que talvez seja um nível um pouco baixo. E aí você tem que estar esperando, né? Chegar de sua vez. E quando chegar, se enxergar, né? Então é difícil, né? Eu tenho dificuldades. Sim.

Entrevistadora: E quantos aparelhos nos aéreos, quantos aéreos você tem? Quantos tecidos você pendura?

Entrevistado: É. Dois tecidos. Dois tecidos.

Entrevistadora: E enquanto esses alunos estão no tecido, tem alguma atividade para os outros alunos? Eles ficam esperando? Como que é realizada a aula?

Entrevistado: Eles esperam. Eu não coloco outras atividades para eles, porque são crianças muito pequenas e elas sozinhas. Difícil que elas consigam conduzir o que elas estão fazendo, sabe? Então eu deixo todo mundo sentadinho em fila, observando o exercício que está sendo proposto e executado pelo coleguinha.

Entrevistadora: E tem momentos que é bem difícil, que eles não prestam atenção? Ou que você tem que ficar muito tempo chamando a atenção?

Entrevistado: Rapaz, as vezes sim. À maioria do tempo eu não preciso chamar tanta atenção, mas às vezes sim, às vezes não.

Entrevistadora: E você, na escola, você tem auxiliar?

Entrevistado: Tenho. Tenho um auxiliar, que é uma coordenadora diária, que ela fica ali observando as crianças entre uma oficina e outra. Ela está me ajudando. Ela que, por exemplo, sai da chamada para as crianças entrarem para a oficina e tal.

Entrevistadora: Mas ela chega a te auxiliar durante a aula também ou não?

Entrevistado: Não. Ela só auxilia ali na contenção das crianças, né? No comportamento e tal.

Entrevistadora: E você acha importante ter um auxiliar durante a aula mesmo? Que vai te ajudar tanto no malabares, no tecido?

Entrevistado: Ajudaria muito, se ajudaria muito. Ajudaria muito.

Entrevistadora: E na escola você consegue abordar um pouquinho da expressividade, da parte de criação, até mesmo da história do circo? Ou às vezes é deixado um pouco de lado?

Entrevistado: Não, não. Eu consigo sim. Por exemplo, teve uma época que a gente estava fazendo encontros sobre a história do circo. Eu contava para eles a história do circo, conversava com eles sobre. Porque a oficina de circo nessa escola, ela é isso. Ela é uma oficina de circo. Então não importa o que for que eu traga. E viver o circo, assim, estiver em relação ao trabalho. Pelo que for. É, isso é muito bom. Porque aí as crianças acabam conhecendo um pouquinho mais, né? E até se apaixonando mais. Levando para casa, então... E aí o circo é tudo para eles também, né?

Entrevistadora: E você realiza apresentações na escola?

Entrevistado: Na escola? É. Sim. Sim, eu já apresentei a perna de pau, já apresentei fogo, tecido.

Entrevistadora: Tem alguma avaliação, algum processo? A direção pede essa avaliação? Como é que funciona? Os pais também querem algum feedback?

Entrevistado: Então, na avaliação, né? Existe um... Um... Ah, esqueci a palavra. Ah, não, não. Ah, é que eu vou pegar ali para lembrar, pera aí. Tá. Um... Acho que só... Ah, é que eu vou pegar ali pra lembrar, pera aí. Ah, sim. Um relatório. Aqui, ó. Um relatório. Nesse relatório aqui eu preencho as datas dos encontros, as horas de aula que foram dadas, as atividades desenvolvidas, e os avanços permitidos.

Entrevistadora: A escola que pediu o relatório?

Entrevistado: A escola pediu. A escola pediu pra que exista um retorno.

Entrevistadora: Existe um retorno para eles e para os pais? Os pais chegam a entrar em contato com você também ou não?

Entrevistado: Às vezes, sim. Raro. Mas um ou outro, sim. Pra perguntar. Vê como é que tá. Meu filho tá indo bem? Tá desenvolvendo? Tô sentindo que ele tá mais corajoso.

Entrevistadora: Ah, que legal. Esse relatório chega para os pais? Ou é de forma mais como um apoio mesmo pra vocês? Para a coordenação e direção?

Entrevistado: É mais um apoio. Então, já é uma parte de segurança também. Não pra escola, mas pros professores também.

Entrevistadora: Esse relatório é feito mensal?

Entrevistado: Mensal. Mensal. Todos os meses eu entrego. Inclusive, tá na hora de entregar o próximo ciclo.

Entrevistadora: E planejamento, você também tem? Planejamento? A escola pede planejamento?

Entrevistado: Todos os meses também. Esse mês eu vou começar com o slackline. Slackline, perna de pau. Tecido. E na última semana, tecido de novo. Eles precisam dar um gás no tecido. Eles gostam muito de ficar de ponta cabeça.

Entrevistadora: Você trabalha com a parte de trapézio, lira também?

Entrevistado: Na escola, na escola eu já levei trapézio, já levei lira. Mas é mais raro, porque a escola não tem o material. Talvez compre uma lira por agora, mas por enquanto não tenho só o tecido, faço tecidos.

Entrevistadora: O tecido você trabalha liso ou você chega a trabalhar com trança, com gota? Qual estratégia que você adota e que acha que facilita o trabalho?

Entrevistado: Ah, com gota, com gota, com as crianças com gota. Nózinho ali embaixo, a gotinha, tudo certo. Todos os movimentos ali. Uma criança ou outra mais avançada, com uma consciência corporal maior, aí ensina a subir sem nó, a criança sobe, eu consigo ensinar algumas outras coisas, umas travas de pé, umas enroladas, e aí vamos embora.

Entrevistadora: E aí você acaba, então, adotando a trança como um meio mesmo de facilitar o processo. E a partir daí a criança consegue evoluir muito mais rápido também, né? Como é que funciona, tem a apresentação das crianças para os pais, tem a apresentação?

Entrevistado :Tem, tem. No final do ano, eles têm duas festas, é a festa da luz e o musical. E o musical, como o próprio nome diz, é um musical feito com matemática, feito pelos educadores e por junto das crianças, onde às vezes elas apresentam o circo, às vezes não, e aí elas, quando não, apresentam na festa da luz, que é uma festa também no final do ano, que é uma festa de celebração. E essa apresentação é feita separada ? Ou, por exemplo, são só os alunos do circo, ou a escola inteira faz? Não, são só os alunos do circo e que querem apresentar. Ah, não são obrigados a participar também. Tipo assim, da festa, da festa, todos os alunos da escola que participam, cada um no seu núcleo, por exemplo, tem aluno que toca na banda, tem aluno pequeno que toca na banda, tem aluno que canta na banda, tem aluno que só vai fazer parte de uma apresentação de dança e tem a galera que quer fazer o circo, e vai fazer esse circo.

Entrevistadora: Quais foram, quais são os seus maiores desafios do ensino do tecido na escola, dos aéreos na escola? E como que você tem lidado com isso?

Entrevistado: O maior desafio na escola, rapaz, pronto. O maior desafio, eu acho, que é o improvisado nas estruturas de montagem dos equipamentos e propriamente dos equipamentos. Porque, como eu te falei, no início, eu levava. Hoje, não levo mais. Quer dizer, levo, ainda levo. Mas as pernas de pau, a escola que comprou, os tecidos são da escola. Mas, por exemplo, eu queria uma lira. Tem uma menina que é super talentosa. Quando eu a levei, ela já fez algumas coisas bem bacanas na lira, mas a escola não tem lira, sabe? Porque a escola, a visão da escola, da direção, é uma visão de escola, não de circo. Então, ela não sabe que poderia, por exemplo, comprar uma lira, que seria super divertido para criança, ou comprar um trapézio, entende? Então, esse é o maior entrave para mim, essa coisa de estrutura com material, apesar de, lá no início, eu te falar que não, com o que eu trabalho hoje. Mas eu sinto falta de excelência, sabe? É, já foi, né? Um pouquinho mais, porque é um pouquinho mais de um colchão a mais, uma lira a mais, a gente já consegue facilitar muito nossos trabalhos, né? Às vezes, a escola não percebe muito isso. E aí, acaba dependendo muito mais do professor, que tem que ficar levando o colchão, um lira, trapézio, né?

Entrevistadora: Você comentou que você trabalha com espectro autista?. Não é dentro da escola?

Entrevistado: Autista, isso, isso. Não na escola, é num outro espaço, que é um espaço específico para crianças autistas. Chama-se Instituto... Peraí, minha memória é horrível, segunda vez que eu esqueço alguma coisa. Peraí que eu vou acertar o nome do Instituto, perai. Instituto Habilidades para a Vida, pronto, lembrei. Falei, Instituto Habilidades para a Vida.

Entrevistadora: E lá você trabalha com atividades circenses em geral também?

Entrevistado: Com atividades circenses em geral também, a mesma coisa. Lá eu trabalho com equilíbrio. Na realidade, o trabalho lá é um trabalho mais de aprimoramento em cima de coordenação motora, grossa, e um pouquinho de fina, sabe? Porque como são crianças que entendem o mundo de uma forma diferente, entendem o movimento de uma forma diferente, tudo de uma forma diferente, então a abordagem é totalmente diferente. É muito de agarrar, de correr, de entender como se corre, de entender como se pendura, o que é que ela pode se pendurar com a criança, sabe? Que dá para subir, dá para estar lá, vai por aí, vai para um outro lugar o trabalho circense com elas.

Entrevistadora: Na escola você chega a ter algum aluno de inclusão, junto com os alunos?

Entrevistado: Tem, tem um, Zano, que também é do espectro artista, só que com ele, porque assim, lá no Instituto eu tenho auxílio, que são as atendentes de cada criança. Cada criança tem uma pessoa que acompanha e que conhece a criança e que dialoga com ela. Na escola existe também isso, mas de uma forma muito mais rasa, sabe? Não tem uma pessoa colada direto e sempre muda essa pessoa. Então, as pessoas que conhecem um pouco a criança, mas não conhecem tão profundamente. Então, elas não conseguem desconectar a criança e, sem a conexão, essa criança não consegue entrar, fazer o trabalho com o nosso circo, entende? Mas no Instituto, conseguem, todas conseguem, por causa disso.

Entrevistadora: Que legal! E faz tempo que você trabalha nesse Instituto?

Entrevistado: Acho que oito meses, sete meses.

Entrevistadora: E eles já tinham esse projeto com crianças autistas? Com o circo, eu digo.

Entrevistado: Não, eles me chamaram para trabalhar lá uma vez, gostaram do tipo de abordagem, e aí sim contrataram.

Entrevistadora: Na escola você trabalha com turmas mistas? E como que é o processo pedagógico dessas turmas, não só de meninas e meninos, mas de ter misturado alunos de 6 anos junto com 10 anos?

Entrevistado: É, o que que acontece? Lembra que eu te falei que eu tento individualizar? Pois então, nesse momento que eu tento individualizar, na minha cabeça é que eu tenho a continuação do processo pedagógico daquele aluno, que tem um nível diferente desse outro aqui. Então eu olho pra isso daqui e falo, ah, essa pessoa aqui, essa criança, ela só sobe na gota, ela só faz esse movimento, e essa criança é um pouco mais fraca e não consegue subir de tal jeito. E essa outra aqui, sabe, eu crio os processos, eu lembro de todos os processos na hora. Como são poucos alunos, entre 6, 7, no máximo 10, eu consigo fazer isso. Acaba facilitando, né, o número de alunos acaba ajudando na qualidade da aula, né, o que às vezes falta em outras escolas também.

Entrevistadora: Vocês chegam a trabalhar com jogos, brincadeiras, com todo mundo junto, ou é mais individualizado mesmo?

Entrevistado: Ah, não, às vezes o aquecimento é uma brincadeira, às vezes o aquecimento é um pega-pega, às vezes o aquecimento é um estátua, sabe, com música. Às vezes o aquecimento é um jogo da velha com corrida, é o X da bolinha, pode ser a clave, a bola pode ser a clave, e o ar ou a bolinha, e o desenho no chão, e as crianças correm pra fazer jogar o jogo da velha. Então, brincadeiras também fazem parte.

Entrevistadora: Na sua opinião, você acha, o que falta pra gente conseguir levar atividades circenses, o tecido, pra outras escolas? O que poderia facilitar todo esse processo ou auxiliar os professores?

Entrevistado: Eu gostaria de saber sobre o que você acha que facilitaria o processo de inserir as atividades de ciências nas escolas. Peraí, Rai, rapidinho. Que realmente eu sou que deu problema. Peraí. Tá. Rai, vou sair e vou entrar de novo, beleza? Peraí. Ó, voltou. Fala de novo, hein? Tá me escutando agora? Agora, pronto. Agora sim. Peraí. Pronto, deixa eu só mudar aqui de lugar e a gente continua.

Entrevistadora: Qualquer coisa você me avisa.

Entrevistado: O que facilitaria o ensino? O que facilitaria o ensino? Ah, tá. O que a gente tava falando. Então, o problema é a ignorância. Eu acho que se as escolas e as pessoas, de forma geral, soubessem o quão incrível é a linguagem do circo para o desenvolvimento físico, nossa, meu Deus! Todas as escolas teriam uma disciplina, de circo. Porque o circo é a mãe de todas as artes, o circo engloba todas as capacidades físicas. Flexibilidade, força, não é? E nós, professores, acabamos, às vezes, deixando de lado por falta de conhecimento. Então, assim, a gente conhece na rua, conhece em uma escola, mas não acabamos passando isso. Então, falta muito, realmente, o incentivo próprio nosso, de nós, professores, a levarmos isso, né? Porque é uma arte que não é nem só físico, mas parte emocional, outros aspectos, né? Acaba colaborando muito. E acho que, como a escola consegue identificar isso, uma vez imposta na escola, eles tendem a permanecer sempre com o projeto. Só que acaba dificultando em encontrar professores. Então, isso ainda falta muito, né?

Entrevistadora: Falta! Com a nossa pesquisa, a gente está verificando outros professores, né? E, realmente, eles falam que não só a falta de infraestrutura, de material, mas também essa troca de experiências, porque, às vezes, a gente não conhece o que a gente está trabalhando. Então, o professor tem medo de colocar o tecido por risco de queda. Mas, talvez, uma pedagogia que você usa, ou que o outro professor usa, pode estar incrementando nas nossas aulas. Então, às vezes, também, eu como professora, agora, sinto falta dessa troca de experiências. Então, é o que eu também tenho buscado na minha pesquisa, verificar para a gente ter essa troca. Quem sabe, juntos, podemos melhorar isso e levar para outras crianças adolescentes. Contribuir na vida pessoal de cada uma. Isso. Tem mais alguma informação que você gostaria de passar? Que a gente não comentou:, que seria interessante?

Entrevistado: Ah, eu acho que você tem uma coisa legal. É o seguinte...a escola que a gente não conversou sobre. Que é a Escola de Circo, o que é que acontece? Essa escola de Circo, ela tem uma modalidade diferente do ensino. Porque ela é uma escola de Circo e ao mesmo tempo não é. Por quê? Ela se utiliza da linguagem do cinema, do circo, para a atividade física. Entendeu? E ela é uma franquia. Ela tem até aí no interior de São Paulo. Ela fica... Você conhece? Eu sou professor e a sede fica em Limeira. Aí tem Limeira, Piracicaba e Campinas. E aí Salvador. Salvador também. E aí a gente aborda dos 2 anos aos 99. E aí a gente tem uma experiência de ensino do Circo totalmente diferente. Porque quando você vai para uma escola de Circo, você vai encontrar pessoas que já são circenses ou que já tem algum tipo de caminhada no Circo. Mas vai ser muito difícil encontrar alguém que está lá no zero. Quando você vai para uma escola de Circo, né? Lá a gente encontra. É tipo uma senhora de 54 anos que nunca viu um trapézio na vida, sabe? Então a diferença é bem bacana. Eu queria deixar isso mostrado. E é muito bom. Isso me torna um professor muito melhor do que eu poderia ser. Porque me faz ter a vontade, por exemplo, de eu consigo ensinar pra uma senhora de 54 anos como subir num trapézio, então eu consigo ensinar pra qualquer pessoa. E se eu consigo ver um problema de biomecânica em um aluno desse tipo, facilmente eu vou conseguir ver num corpo pronto. Sabe? Num corpo que já tá pronto. Às vezes é só uma coisinha ali, um detalhezinho. Mas como você passou pela experiência de ensinar pra um corpo que não era pronto, você vê uma coisa grandona. Então quando você vê lá o pequenininho, você consegue chegar ali o pequeno. Você já viu que ele é grandão. É, isso é muito bom. Acaba ensinando a gente a ensinar mais ainda, né? Então acaba aperfeiçoando, querendo ou não, as nossas abordagens, né?

Entrevistadora: Com certeza! Muito bom. E nessa escola de circo, é só aéreo? É tudo também?

Entrevistado: Tudo. Todas as possibilidades de circo. Ele se matricula na turma dele, por exemplo. Se é um adulto, se ele tem mais de 8 anos, ele entra numa turma de adultos. Aqui tem a número que eu fiz de fitness na escola, justamente pra essa coisa da atividade física. Então ele se matricula nessa turma. E essa turma, existe uma estrutura de aquecimento, pós-aquecimento, objetivo, fortalecimento e alongamento final. Esse objetivo, todas as semanas ele muda. Mas o pós-aquecimento é sempre com

acrobacia de solo, que é o carro-chefe dentro do circo, né? Então sempre tem acrobacia de solo. E esse objetivo aqui, toda semana muda. Pra um aéreo, pra um equilíbrio, pra malabares, vem por aí e vai.

Entrevistadora: Bom, com o tempo eu vou fazer a transcrição, vou estar analisando as outras entrevistas também. Posso entrar em contato com você se surgir alguma dúvida, alguma questão?

Entrevistado: Claro, sim, sim. E se precisar também estou à disposição para fazer coisas, perguntas, questionamentos.

Entrevistadora: Estamos tentando fazer depois, né, espero que eu consiga defender em março. Aí depois eu mando a pesquisa pra vocês, dou um retorno pra vocês. Vou tentar ver com os outros professores da gente se reunir, da gente bater um papo, de fazer essa troca de, ah, na minha aula acontece isso, ou como acontece na sua. Porque acho que isso que vai agregando cada vez mais nas nossas aulas, né, essas bagagens.

Então é isso, eu gostaria de agradecer mais uma vez pela sua disponibilidade. Sei que é complicado a gente estar a cada hora correndo em programas. Então, muito obrigada pela participação. Foi muito rica a conversa, com certeza. Vai me ajudar muito também e pretendo ajudar todos também.

Entrevistado: Ah, que bom, Rai, que bacana. Eu que agradeço, viu, prazer. Tchau

Entrevistadora: Muito obrigada, viu? Estou à disposição.

Entrevista Centro-Oeste

Entrevistadora: Bom, deixe-me apresentar novamente. Meu nome é Raissa. Eu estou fazendo a pesquisa de mestrado junto com o professor Marco Bortoleto. E nós estamos pesquisando atividades circenses nas escolas, principalmente o ensino da modalidade aérea. Como eu já te enviei um termo de consentimento, gostaria de saber se você está de acordo com o termo, se tudo bem estar gravando e participando da entrevista.

Entrevistado: Sim, estou de acordo com o termo, sim.

Entrevistadora: Muito bem. Então, eu vou começar com algumas perguntas, tá? Se você quiser me interromper, fique à vontade. Se quiser acrescentar, a gente vai ter um bate-papo aqui, tá? Então, vamos lá.

Eu queria primeiro saber como é a sua experiência com as atividades circenses na escola. Como começou? Como você teve esse interesse nas atividades circenses e como levou para a escola também?

Entrevistado: Boa tarde, eu sou o professor.... Sou professor temporário aqui do Instituto Federal de Mato Grosso. E a minha trajetória dentro da atividade circense começou em 2011, quando eu entrei na graduação. Onde eu tive o professor que trabalhava a atividade circense na universidade. E, em específico, ele trabalhava o tecido acrobático, né? Aberto. E o duo acrobático, né? Solo, né? Então, ali eu comecei a minha jornada em me aprofundar mais nessa cultura corporal de movimentos aí, do circo, né? E aí eu fui buscar mais conhecimento do tecido, duo acrobático. Fui para a convenção circense, busquei pessoas que trabalhavam o circo dentro da escola também, leituras. A importância do circo dentro da escola, né? Primeiro fui me preparar na graduação para eu poder entrar e levar essa modalidade para a escola, né? Em 2015, foi onde eu tive o primeiro contato com as crianças. Eu dei aula em uma escola de periferia, do pré ao 9º ano, e eu levei um pouco da atividade circense que eu sabia para as crianças. Então, foi mágico. Até então, eles já tinham tido uma experiência com a acrobacia circense, mas não com um professor que efetivamente trabalhasse uma modalidade. Então, eu comecei a desenvolver projetos ali. E ali, trabalhei o tecido em gota e o tecido aberto também, e trabalhei a lira. Então, ali, as crianças abraçaram a ideia, a coordenação, a escola abraçou a ideia, e nós investimos bastante. Foi muito gratificante. Logo após esse tempo que eu fiquei na escola municipal, eu vim para a esfera federal, que é agora onde eu estou trabalhando o tecido acrobático. E aqui foi muito motivador, porque eles não tinham essa modalidade dentro da educação física, porque os outros professores que estão aqui são especialistas em outra área. Tem o professor Sinésio, que trabalha bem a ludicidade, outros esportes, o voleibol. O professor que trabalha a luta. Então, eu vim com essa proposta com a atividade circense. No início, trazer aqui foi uma novidade. Como eu falei, eles não tinham. E aí, eles ficavam perguntando, o que é isso? Um olhar de curiosidade. Aí, eu vim, coloquei, armei o primeiro tecido. Até então, eu achei que não ia funcionar, porque só teve uma procura de uma aluna. E aí, essa aluna está comigo até hoje também. Inclusive, ela me ajuda muito agora no aprendizado das outras crianças que vão chegando aos poucos. E deu muito certo hoje. Hoje, aqui no Instituto, eu trabalho com o tecido em gota, o tecido aberto e a lira. Hoje, eu tenho esses dois instrumentos de trabalho, fora o duo acrobático também. Mas, quando eu cheguei aqui, para colocar essa identificação da atividade circense no ensino médio, foi um pouco dificultoso em alguns pontos de vista. Primeiro, eu tinha que colocar a importância dessa atividade corporal dentro do Instituto Federal. Qual que é a importância? Então, eu ia divulgando para eles porque essa atividade faz parte do contexto escolar. Não é só mais uma atividade solta. Ela não tem que ser uma atividade solta. Ela tem que ter uma contextualização diante da vida dos estudantes. Então,

eu fui, devagarzinho, introduzindo algumas informações. O porquê trabalhar o circo. O que é o circo. O que é essa atividade acrobática. Como eu me vejo dentro desse processo de formação. O circo ligado ao processo de formação. Como eu me sinto com o meu corpo. Tem que ficar em evidência. Porque, onde nós estávamos trabalhando o circo, era na área de convivência. Então, o corpo ficava em evidência pra caramba. E aí, alguns alunos levantaram algumas questões de gênero, com relação a mim, com relação aos outros estudantes. Então, aí a gente vai, ao longo da prática pedagógica, desmistificando alguma coisa. As coisas que estão pontuadas por eles. Que eles trazem para mim. E a gente vai trabalhando de forma significativa dentro da educação.

Entrevistadora: Nossa, muito bom, muito bom escutar isso e estar vendo esse processo. Hoje você atua só com o ensino médio?

Entrevistado: Isso, no momento só ensino médio.

Entrevistadora: E quando você começou também era dentro da educação física ou era uma aula extracurricular?

Entrevistado: Isso, eu comecei dentro da educação física nas séries iniciais. A parte da experimentação, a parte de se perceber de cabeça para baixo, as criancinhas, do equilíbrio. Então eu comecei lá atrás, eu passei por essa experiência de dar aula também para as crianças menores. Até então eu não tinha tido essa experiência de dar aula para o ensino médio. Para mim foi um desafio também, porque a minha prática pedagógica estava voltada totalmente para as séries iniciais. Do primeiro ao quinto e do sexto ao nono. E aí depois eu pedi para a minha diretora ficar só do primeiro ao quinto e eu me especializei ali. A forma de tratar é totalmente diferente. A forma de eles verem o circo também é uma outra forma do que o ensino médio. Porque às vezes eles querem, porém eles ficam com vergonha. A vergonha faz parte. E aí todo o tempo vem experimentar, vem experimentar, vem experimentar. Alguns ficam, alguns não ficam porque falam que machuca demais, não estou preparado e todas essas questões também.

Entrevistadora: Então você conseguiu passar o ensino do tecido desde as séries iniciais até agora o ensino médio. E aí agora só está com o ensino médio? E como foi a escola em relação a quando você levou o circo? A direção, eu falo, eles tiveram algum questionamento em relação à segurança? Eles te apoiaram ou eles ficaram com receio de você estar trabalhando, principalmente os aéreos?

Entrevistado: Isso, no momento só com ensino médio. Então, nessas duas perspectivas, tanto no fundamental, primeiro ao quinto, no fundamental I e no fundamental II, e no ensino médio eu tive total apoio. Inclusive, principalmente quando eu trabalhei do pré ao quinto, eles saíam comigo para apresentar as criancinhas. Então eles faziam toda essa parte de apresentação lá, faziam a lira, faziam o tecido e faziam as apresentações acrobáticas também, no duo acrobático, de montar figura em cima de uma música, toda essa parte do protagonismo, eu procurei desenvolver neles. Assim como eu fiz lá atrás, eu faço aqui também. Eu trabalho com a música, com a finalização das figuras, a importância de dar sentido ao tecido, a coreografia que ele está montando. Então, eu tive total apoio dentro da coordenação, dentro da direção também, e o apoio dos familiares também. E aí, uma das questões que eu faço é a segurança, isso é inevitável, principalmente na escola que nunca teve. E aí eles questionavam: está bem seguro? Está bem seguro, eu já fui, revi, fiz todos os procedimentos lá, está tudo seguro, eles não vão cair. Porém, toda nessa minha trajetória, já houve sim aluno caindo do tecido, caindo da lira, isso é super normal. No início eu ficava um pouco preocupado, hoje em dia eu falo, não, levanta e faz de

novo. E aí eles ficam, mas eu caí, professor, eu estou com vergonha. Não, eu também caí, eu também me machuquei algumas vezes, não grave, mas todo esse processo aí faz parte. Então, eu falo para eles assim, vocês estão com uma grande vantagem, que quando eu aprendi, eu tive somente o básico e eu tive que aprender o resto sozinho. Então, ver, buscar, pesquisar, hoje em dia vocês estão tendo aqui, eu preciso que vocês me ajudem também a desenvolver esse projeto. Então, passo por toda essa questão aí também, é muito prazeroso ter o apoio da coordenação, da direção, dos professores também.

Entrevistadora: E como você citou, os familiares também apoiaram isso ou também ficaram com receio, muitos, ah, não querem que o filho participe, houve alguma questão assim ou não?

Entrevistado: Antes, no Ensino Fundamental I, todos os pais me apoiaram. E aí não houve esse questionamento. Agora aqui no Ensino Médio, eu já tive um pai questionando um aluno. Foi esse aluno que no início eu mostrei pra você. Que é muito ligado ao estereótipo. Ele me contou, falou assim, ah, professor, meu pai ficou chateado comigo porque ele me viu em uma figura circense no tecido, né? E falou que eu não criei o meu filho pra ser “viado”. Foi essa expressão. E isso daí não me chocou, né? Não me chocou. Por quê? Porque eu também passei por isso na minha graduação. No meu processo de formação, como eu venho de uma cidade muito pequena e onde o machismo predomina muito, até mesmo na questão do se trabalhar dança, é uma outra questão, né? Eu queria ser um professor diferenciado, onde eu não abordasse somente os quatro polos. O vôlei, o basquete, o futebol e o handebol. E eu me especializei no Circo. Depois, na dança, eu fui mexendo. Então, na graduação, eu já tive esse questionamento. Já tive colega falando comigo: Para de fazer isso! Isso daí não dá futuro. Vai estudar algo realmente que vai te trazer dinheiro. Isso daí não é ciência. Pelo contrário, isso é uma ciência. Então, quando chegou esse aluno, me ligou um pouco chateado, né? Falando, eu falei assim; hoje você tem que entender que você tem duas opções. Ou você para de fazer, ou você continua fazendo. Mas, uma coisa que você não pode deixar, é bem claro que isso daí, você vai passar para o resto da sua vida. Alguns questionamentos, você vai passar para o resto da sua vida. Por quê? Hoje, você não vai poder dançar. Daqui a um tempo, você não vai poder dançar. Porque está ligado ao homossexual. Você não pode fazer nada, porque está ligado ao homossexualismo. Ah, eu questionei, e depois eu falei assim, na engenharia não tem homossexual? Tem. Na pedagogia tem, em todo lugar tem. E isso não é problema nenhum ser homossexual. Você sabe quem você é? Então, pronto, acabou. Se você sabe quem você é, tudo bem. Então, temos problemas também. Então, uma das questões também que eu enfrentei aqui, foi onde eles me questionavam bastante. Professor, o senhor é homossexual? Aí eu falava assim, sou. Aí eles vinham falando assim, porque para mim não tem problema. Aí eles vinham na outra e falavam, professor, acho que o senhor não é homossexual, o senhor é hetero. Aí eu falava, sou também hetero. Aí deixava tudo isso aí com eles. E eles ficavam, será que ele é “homo”? Não é o princípio pessoal, não tem importância. Não tem cabimento, vocês quererem saber. Não vai me diminuir, não vai... Não vai influenciar. Então, estou aqui para respeitar. Eu respeitar, vocês respeitarem, ponto final. Estou aqui como professor, como educador e tal. Aí eles conseguiram compreender. Hoje em dia eles não me fazem mais essa pergunta. Mas é engraçado. É, sim.

Entrevistadora: E esses questionamentos são feitos durante as aulas? Ou geralmente são pontuais com alguns alunos?

Entrevistado: São questionamentos feitos dentro das aulas. Dentro das aulas. Eles me procuram bastante. Principalmente, quando eu cheguei aqui no ensino médio, os alunos falavam assim, Professor, isso aí é coisa de “viado”, coisa de mocinha. Eu falava assim: Faz cinco minutos de apresentação com toda a sua força. Eu fazia desafio para apresentar. Então, só escala o tecido

aí. Só escala. Não, vem aqui. Isso aqui é coisa de mocinha, então vamos fazer uma escalada aqui. Só isso daí. Aí eu trazia por quê? Porque eu queria que eles experimentassem, na verdade. Não no sentido de provar nada. Mas que eles experimentassem tudinho. Inclusive, teve um menino que subiu uma vez e falou assim, Professor, eu preciso fazer o tecido. Aí ele veio fazer aula. O desafio, diante dos meus olhos, era para ele tocar o tecido, ter esse processo de contato, experimentação. Ver que não é isso. Então ele começou a vir no projeto, desenvolver tudinho. E aí foi muito gratificante também. E eles veem. Eles gostam. É desafiador. Então acaba instigando mais, motivando mais. Então isso é muito bom para os alunos e o professor também acaba ficando mais motivado.

Entrevistadora: Hoje existe um projeto, então, só com os aéreos?

Entrevistado: Isso, hoje eu trabalho com projetos, né? Então tenho aí, eu acho que cerca de umas 40 crianças, mais ou menos, entre 30 e 40.

Entrevistadora: Então aí você conseguiu introduzir o Circo tanto na Educação Física Escolar quanto nesse projeto também?

Entrevistado: Isso

Entrevistadora: E na Educação Física Escolar você consegue trabalhar outras modalidades ou seria só os aéreos?

Entrevistado: Consegui trabalhar o duo acrobático, né? Também se desenvolveram mais, principalmente para a questão do medo, né? Tem criança que, às vezes, vão para o tecido e elas choram, porque tem aquela insegurança, né? Com medo de girar, queda primária. Mas eu falo, não, vai tudo no seu tempo. Aí eu desço. Aí, não, professor, agora eu vou fazer. Então faz, aí chora de novo, né? Toda essa questão da atividade circense, para mim, é muito interessante, porque a criança, o adolescente, começa a se perceber no meio, né? Alguns começam a se perceber. Poxa, eu consigo fazer, outros não. Poxa, eu não consigo fazer, mas eu quero tentar. Eu tenho essa minha aluna, né? Quando ela chegou aqui para mim, eu cheguei. Ela foi a minha primeira aluna. E ela era acima do peso, né? E ela tinha umas questões muito particulares com o corpo. E ela chorava para mim. Eu não vou conseguir fazer o tecido. Eu não vou conseguir fazer o tecido. Confia em mim. Ela começou a fazer, começou a desenvolver, desenvolver de uma tal maneira assim, que hoje ela me ajuda a dar aula, né? Então eu fico com as crianças mais que estão entrando, né? Estão conhecendo o tecido, conhecendo a lira, né? E ela já está dando aula junto comigo, né? Então eu ensinei ela a ministrar a aula, né? Falei assim, ó, para ela que vai dar uma boa professora de educação física, né? E aí eu falei assim, ó, você tem que fazer assim, assim, faz assim, tem que respeitar os limites, né? Então toda aquela parte pedagógica que o professor teve com você lá atrás, você tem que ter agora aqui, né? Porque eu sou só um e eu não vou dar conta de ministrar aula no tecido aberto, no tecido em gota, na acrobacia, na lira, né? Eu não dou conta. Aí eu comecei a designar alunos para me ajudarem, né? E eles vão, fazem a pesquisa, buscam o vídeo, trazem e a gente faz a adaptação do movimento, né? Então, o que é isso que eu vejo? Que todo o processo educacional tem uma relevância social, né? Para cada aluno que está ali comigo, a educação circense ali, pedagogicamente, de maneira significativa para cada um, tem uma relevância social. Então, primeiro, uma das coisas que eu vejo ali é o protagonismo de cada um dentro do meu projeto, dentro das aulas, né? Então, eu acho que eu estou conseguindo, sim, atingir os objetivos.

Entrevistadora: Ah, que legal. Parabéns, muito bom saber, muito legal de ver isso, né? E saber que está acontecendo. Que são nós, professores, que levamos isso e que vamos levar para os alunos e esses alunos vão levar para frente, né? Então, nada mais é do que transmitir esses saberes a eles também, né?

O projeto é só para o ensino médio? Não, é oferecido para a escola toda?

Entrevistado: Isso. Aqui só trabalhamos com o ensino médio, mas é para a escola toda aqui. Inclusive para funcionários também. Inclusive aqui dentro do meu projeto tem o professor Ítalo¹⁵, o professor de português, que é ligado ao teatro e está desenvolvendo muito bem também no tecido. Inclusive ele é uma das pessoas que tem me ajudado bastante dentro do projeto de circo aqui no Instituto.

Entrevistadora: E quantos alunos, mais ou menos, tem por turma?

Entrevistado: Por turma? Dentro do projeto? Eu devo ter, de manhã, uns 15, a tarde também uns 15. Varia bastante, né? 15 alunos.

Entrevistadora: E na educação física escolar?

Entrevistado: Puxa, por turma eu tenho de 40 a 45.

Entrevistadora: Nossa, Bastante. E tem alguém para auxiliar? No projeto você contou que os próprios alunos, te auxiliam. Na educação física escolar, você também tem esse auxílio ou não?

Entrevistado: Não, não. Só tenho auxílio com os alunos que têm autismo ou alguma deficiência. Depende também da deficiência, né? Tem alguns alunos que não aceitam. E para mim isso é muito importante também, criar essa autonomia. Eu tenho um auxiliar mais para os alunos autistas, né? Mas fora isso daí, é só eu mesmo e as crianças desenvolvendo a aula

Entrevistadora: Em relação à infraestrutura, qual a infraestrutura que você tem? Como é a montagem, desmontagem dos aparelhos? É você quem faz ou tem alguém específico?

Entrevistado: Então, com relação a isso, eu quem faço, né? Na verdade, faço todo o processo de ancoragem dos aparelhos. Então aí eu faço tudinho e eles me ajudam também, né? Aí eu monto os tecidos. Hoje os tecidos estão fixos dentro da quadra, né? Antes nós não tínhamos quadra coberta e nós ficávamos na área de convivência. E aí quando cobriu a quadra agora, terminaram a quadra, nós colocamos, passamos tudo para a quadra. Eu vejo isso com os olhos também, a quadra, porque o corpo fica muito exposto dentro do tecido, né? Então ali gera muito alvoroço entre os alunos que estão passando por esse processo hormonal. E ali eu consegui, dentro da quadra, conseguir ficar um pouco isolado, né? Minimizar o controle das meninas, né? Então eu tive todo esse cuidado também aí de proteger as meninas, de levantar algumas questões também que elas trazem para mim, né? Com relação a assédio, tem meninos que por elas estarem no tecido na época lá, começaram a mandar mensagens no privado, nas redes sociais. Não, a gente tem que conversar, né? Porque o corpo fica exposto, né? E não tem jeito. E aí nós vamos, como professores, nós vamos pontuando algumas questões também com relação a isso, com relação ao corpo.

¹⁵ Nome Fictício.

Entrevistadora: E os meninos? Eles quiseram participar? Ou, com os próprios desafios, você foi conquistando eles e aí eles, ah não, é bacana, vou participar?

Entrevistado: Isso, foi desse jeito mesmo. No início, ninguém quer participar, né? Tudo que é novo, não quer participar. E aqui eu tenho uma autonomia muito grande dentro do IEF. Eles me dão suporte para eu poder dar minha aula de qualidade. Então, o que eu proponho dentro do meu planejamento escolar, eu tenho que cumprir e os alunos têm que executar. E quando eu fui desenvolver o Circo, sem ser o projeto, nas aulas de Educação Física, eu fui muito bem claro com eles, né? Vocês não vão fazer o que vocês querem. Vocês vão fazer o que está programado para vocês fazerem. Então, vocês não têm escolha. A única escolha que vocês têm é fazer e fazer e pronto. Mesmo que seja da forma básica, mínima, mas vocês vão fazer esse processo. Então, aí eu comecei a me impor também com relação ao professor, né? E até mesmo conseguir atingir os meus objetivos. Não gosto dessa maneira de imposição, mas tem hora que a gente tem que fazer isso. Porque são alunos que estão vindo de uma outra Educação Física, né? A Educação Física do município, do estado, né? Que é uma bola que tem que durar o ano inteiro, o professor não consegue trabalhar. Coitado desse professor, tem essa situação também, né? E aí, o que tem que fazer? A Educação Física é um momento do nada. E não é isso, né? Ela está no currículo escolar e ela tem uma relevância social. E nós, como professor, temos que dar significado a cada aula, a cada planejamento, a cada conteúdo. Os alunos têm que vir de encontro. Inclusive, eu não ficava só nas aulas práticas, né? Desenvolvo estudos também sobre Educação Física, Educação Física e Sociedade, Esporte e Sociedade. Inclusive, eu uso bastante artigos, né? Eles ficam bravos comigo, falam: Ah, não, professor, vamos para a quadra: Não! Hoje nós vamos estudar, né? Hoje eu tive uma aula sobre Educação Bancária. Então, aí eu começo a atingir alguns objetivos de forma bem gradual, processual. Eles vão compreendendo, né? E aí eu vou ensinando eles também da forma como é o meu processo de docência, né? E aí eu apresento para eles. Eu faço eles estudar o... Eu esqueci agora o nome dele. Que fala sobre o conceitual, procedimental e atitudinal. Eu esqueci o nome dele agora. E aí eles estudam, eles discutem quase tudo e já começam a correlacionar com a minha aula, né?

Entrevistadora: E é você quem faz os planejamentos de aula? Como é que funciona? Você tem algum material, algum suporte ?

Entrevistado: Eu me embaseo bastante no Bortoleto. Aqui, dentro do IEF, já tem algumas temáticas estabelecidas. E aí, eu fujo no sentido de adaptação do meu planejamento. Todo semestre, eu tenho que ensinar um conceito de esporte. E aí, como não havia essa atividade circense, eu pedi para o meu coordenador para eu poder abordar. E ele aceitou, super aceitou. E aí, eu fui buscando material para eu poder entender mais e fazer eles entenderem também.

Entrevistadora: Então, você tem um planejamento, né? E, na verdade, como é que funciona? Como estão organizadas as suas aulas? Quais as principais dinâmicas e estratégias que você usa? Você usa jogos? Usa circuitos? Você tem quantos tecidos?

Entrevistado: Eu tenho três tecidos.

Entrevistadora: Então, aí, por exemplo, nas aulas, tem três alunos no tecido, os outros alunos estão fazendo alguma atividade? Ou eles estão auxiliando? Como é que funciona?

Entrevistado: Quando eu pego eles, eu chamo alguns alunos que já estão mais avançados para me auxiliarem. Se os alunos estudam à tarde, eu peço para eles virem pela manhã para eu poder me auxiliar. E aí, eu faço toda a questão das dinâmicas, do toque do corpo, do abraçar, de um

carregar o outro também, para poder entender essa proximidade do corpo. Aí, depois de fazer as atividades, aquecimento tudinho, eu separo eles em grupo para poderem, cada um, ficar em um tecido e na lira também. Aí, eles ficam bem distribuídos, porque até mesmo que eles não têm força, muitos deles não têm força, um minuto para eles é uma eternidade. Então, eles se cansam muito rápido, e aí sentam, fazem toda essa parte e fica muito dinâmico. Então, tudo dividido por etapas, com o auxílio de alguns alunos que conseguem me ajudar também. Enquanto os alunos estão esperando, eles estão observando, estão auxiliando também. Dentro desse processo educacional também, o que eu faço? Eu pego, ensino uma vez, faço eles repetirem depois que eu faço. Ensina agora seu amigo. Aí, eles partem para esse processo da autonomia. Não, é assim, assim, coloca aqui, passa o tecido aqui, vem, segura aqui, escala. Então, eles vão ensinando, eles mesmo. E facilita para mim também, né? Senão, não aguento.

Entrevistadora: E você consegue trabalhar tanto tecido liso, quanto tecido em gota também?

Entrevistado: Isso. A maior parte dos tecidos eu trabalho tecido em gota, né? Porque eu acho bem mais fácil, eles fazerem esse processo de experimentação, né? E aí o tecido liso mesmo eu deixo mais para o projeto, né? Então, para trabalhar onde já tem os alunos bem mais focalizados, né? Ah, eu quero aprender, estou fazendo portagem, estou fazendo figura. Eles têm um pouco mais de autonomia para se envolver, né? Então, mas dentro da educação física, sim, eu trabalho mais com tecido em gota. A gente utiliza bastante tecido em trança, né? Quando a gente não consegue pendurar em gota mesmo, a gente usa muito a trança. Eu trabalho em trança também, principalmente para escalada, né? Para eles poderem ter força, para adquirirem força para poder fazer o tecido também.

Entrevistadora: E você chega a trabalhar a parte de expressividade, historicidade do tecido, dos aéreos?

Entrevistado: Não, eu consigo trabalhar, né? Também, principalmente a forma de expressão, né? Trabalho com música, trabalho no conceito da expressão, né? De dar sentido a essa cultura corporal, né? De dar sentido à vida no tecido, à expressão corporal. O que eles querem com a música? Por que eles estão fazendo o que eles estão fazendo, né? Então, aí eu trabalho em cima disso. Já desenvolvi, sim, estudos. A importância da historicização do circo na escola, né? Inclusive, tem duas alunas minhas que fizeram a IC sobre isso, né? E foram descobrindo, eu fui orientador delas. Elas foram comigo também apresentar esses estudos na Universidade Federal aqui do Mato Grosso. do Campo Grande. Estiveram comigo lá apresentando. Faz toda essa parte, né? Por que? Toda a prática educacional tem que gerar algo significativo para o aluno, né? Tem que gerar uma relevância social. Não podemos só soltar o tecido lá e ficarem pendurados. Isso também não acontece. E aí, de forma do dia a dia, nos treinos, eu vou colocando palavrinhas, né? Você percebe o que é um circo de elite? O que não é um circo de elite? Você percebe? Você consegue valorizar aquele artista de rua que faz malabares? Quantas vezes você já passou por esse artista? Inclusive, eu mesmo, né? Quando não tinha conhecimento, eu achava que era apenas um “vagabundo”. Não tinha esse conhecimento. E eles vão com esse olhar para fora, né? E eles trazem também algumas coisas. Falam, não, vai ler, vai buscar, vai pesquisar. Então, tem que atender a demanda do aluno.

Entrevistadora: Você chega a fazer alguma avaliação? Tem algum processo avaliativo?

Entrevistado: Dentro da educação física, sim, faço processo avaliativo. Principalmente, quando eu trabalho as questões culturais e sociais, com relação ao corpo, vou fazendo trabalhos para eles apresentarem para mim. Agora, dentro do projeto, eu não trabalho com um processo

avaliativo. Não tem porquê também fazer uma avaliação no sentido de uma prova e tal. Mas o que eu avalio dentro do projeto é o quanto eles vão amadurecendo no sentido do conhecimento, do circo, fazendo conexão com a cultura aqui dentro e a cultura lá fora. Por que a cultura circense foi marginalizada? E eles vão entendendo isso na pesquisa. Por que a cultura circense é marginalizada? Por que as pessoas são vistas como “vagabundas?” Por quê? E eu vou colocando alguns questionamentos nele que eles vão lendo e vão trazendo para mim. E eles vão entendendo algumas questões também da cultura elitizada, do circo como contra a cultura hegemônica. Então, eles vão fazendo todos esses questionamentos aí. Esse treinamento aí, né? É bom, porque aí a gente acaba trabalhando diversos temas, temas transversais, que vai levando cada vez mais... aí você vai falar assim, nossa, como que o circo consegue contribuir com tudo isso, né? Então, realmente, é triste de ver que várias escolas não trabalham, né? Essa parte da educação corporal, cultural. O circo ainda é muito novo, né? Ele é muito novo, então, vai ter... Está andando, mas é de forma devagar, né? Mas, assim, até desmistificar o circo dentro da universidade, também, leva tempo, né? Como eu falei, quando eu comecei lá, isso não é coisa de um... Isso daí você não vai conseguir trabalhar na escola. Isso daí você não trabalha na escola. Com o tecido, você não trabalha. Claro que, se a gente for ver de um ponto de vista, talvez, se eu fosse ouvir as pessoas falando que, com o tecido, a gente não trabalha a cultura circense na escola, talvez eu não trabalhasse mesmo, né? Mas não tem só o tecido, né? Tem outras coisas para se experimentar, para fazer o próprio malabarismo, trabalhar com as criancinhas, né? Isso é introduzir também, despertar a curiosidade. Como que uma bolinha... Como que eu faço o malabar com três bolinhas? Como essa bolinha fica flutuando? Como que o meu corpo manipula? Como que eu me equilibro dentro de um slackline, depois, dentro de uma corda lisa, né? Você vai elaborar estratégias de conhecimento para poder chegar em um todo, né? Então, isso é muito gratificante também.

Entrevistadora: E vocês chegam a fazer apresentação, como é que funciona? Na educação física escolar e também no projeto, ou só no projeto?

Entrevistado: Hoje, na educação física escolar, não estou trabalhando com apresentação, mas eles apresentaram para mim montagem de figuras do duo acrobático, figuras em grupo, e isso foi um processo de avaliação minha também. Eu apresentei algumas pirâmides, algumas sequências de movimento e eles foram buscar. Eles apresentaram na medida do possível deles. Então, aí o que eu falei? Quando eu trabalhei atividade circense com eles, eu falei assim, ó, a nota final vai ser uma apresentação em grupo. E eles fizeram a apresentação, foi bem legal. Eles fazendo as pirâmides, eles fazendo o duo acrobático, levantando as crianças num aviãozinho no pé, um aviãozinho na mão, explorando o corpo e vendo eles, principalmente, tratar o corpo do outro com respeito. E é engraçado que, diante disso, eles trouxeram bastante questionamento. E eles vão criando uma liberdade entre eles também para poder tocar o corpo um do outro, porque até mesmo o toque tem que ser com respeito, e o corpo sente quando não é com respeito. Essa percepção deles foi muito gratificante também.

Entrevistadora: E na educação física escolar, você trabalha o ano todo com atividade circense?

Entrevistado: Não, cada época... Cada época eu tenho que conciliar uma atividade diferente, porque senão fica muito repetitivo também. Eles cansam também, aí acabam desistindo. Mas no projeto eu trabalho com bastante apresentações. Aqui eu trabalho com bastante apresentações, principalmente quando... E eles já têm essa autonomia. Ah, tem a Semana da Ciência e Tecnologia. Professor, eu quero apresentar. Então, eles já... Não, eu quero apresentar. Eu quero montar um duo acrobático. Eu quero apresentar na Semana da Arte e Cultura. Então, eu tenho que desenvolver essa autonomia. Essa autonomia de protagonismo.

Então, e já vão fazendo, vão montando, quer apresentar um solo, vai apresentar um solo. Já vão pensando, já vão elaborando, né?

Entrevistadora: E quais são os seus maiores desafios no ensino do tecido na escola? Como você tem lidado com esses desafios?

Entrevistado: Um dos maiores desafios que foi até então no início foi a falta de material, né? Na instituição. Aí depois nós começamos, como a instituição abraçou a ideia, fizemos uma... fizemos dentro da... da... de uns... como chama? De uns eventos programados, fizemos uma promoção, conseguimos outro tecido, depois logo mais conseguimos outros dois tecidos, né? E as liras, duas liras também. Então aí acabou um pouco essa defasagem de material. Aí aqui tem colchão também, quando o professor Paulo trabalha com saltos, né? E já que tinha um colchão aqui, um colchão gordo, então facilitou a minha vida muito, né? Então aqui eu consegui trabalhar, não tive muito essa dificuldade do material, né? Ao longo do tempo. Mas na escola... na escola municipal eu tinha muita dificuldade de trabalhar, porque não tinha colchão gordo, não tinha tecido, aí eu tinha que tirar do bolso, tive que mandar fazer lira, né? Para eles poderem experimentar tudinho, porque não vem verba, né? Aqui no Instituto Federal vem verba para os projetos, né? Se inscrever. Aí vem a verba destinada ou já vem o material também. Então aqui, eu consigo dar aula e não tenho dificuldade alguma, né?

Entrevistadora: E em relação às aulas, o que você acha que poderia facilitar o ensino das modalidades? Não só na sua escola, mas nas outras escolas. O que falta ou o que poderia auxiliar mais?

Entrevistado: Eu acho que o que poderia me auxiliar dentro da escola, primeiramente, é o material, né? É o material, porque isso daí, você tendo os materiais, aí o professor parte pelo processo de aprender, de buscar, de pesquisar, né? E o professor é o pesquisador para o resto da vida. Não tem jeito. Ele vai buscar, vai pesquisar e vai se especializar. Não tem como. Então fica para trás. Então eu acho que o que tem que ter é um investimento dentro da educação física, do professor que quer ensinar atividade circense, é o mínimo, né? Um colchão, os tatames, né? Alguns outros materiais que é essencial para poder ensinar atividade circense nas escolas. Viabilizar, né? Estamos correndo atrás, né? Aos poucos vamos chegando lá, né? Não podemos reclamar, porque realmente agora o circo está começando a ser talvez mais divulgado, até os próprios alunos sabem que existem, que perguntam, que questionam, e aí o professor tem que ir buscando isso. Essas alternativas, né? Aqui dentro do IEF, porque o meu contrato encerra agora no final do ano, eu estou saindo, né? E isso eu achei muito gratificante, né? Por parte da direção, o diretor chamava e falava assim, Josué, quem que vai ficar responsável por essa modalidade aqui no IEF? Porque dentro aqui do IEF, eu sou pioneiro, né? Graças a Deus, deixei o legado, né? E quem vai ficar? Você tem que treinar alguém, né? E aí o professor Isaías veio de encontro com as minhas necessidades também. E aí ele está fazendo, está praticando, até comprou um tecido, e isso é muito gratificante, porque eu vejo que o circo vai permanecer aqui por um bom tempo, né? E aí cabe aos professores de educação física fomentar isso daí depois, né? Para não se perder.

Entrevistadora: Bom, a entrevista é isso. Com o tempo, eu vou fazer a transcrição e tudo. Você tem alguma coisa a acrescentar que gostaria de falar? Que acha interessante que a gente não comentou? Que faltou?

Entrevistado: Não, acho que foi tranquilo, né? Conseguimos bater um papo bom.

Entrevistadora: Sim, muito bom. Foi muito valioso. Com certeza, eu vou usar bastante as informações, né? Estou fazendo essa entrevista com outros professores de outras regiões. Então, a gente está tentando verificar como realmente está sendo o ensino. O que falta, o que não falta. Como que está sendo numa escola, numa outra escola. E depois reunir essas informações. E, quem sabe, a gente conseguir ter uma troca de experiência legal entre os professores. Até oportunizar um encontro com todo mundo. Para a gente estar fazendo essa troca. Porque, às vezes, você trabalha de um jeito. Outro professor trabalha de um outro jeito. E acaba facilitando, né? Então, pretendemos fazer essas trocas de experiência também. Que vai ser bem legal. Fica o convite para participar. E qualquer coisa também estou disponível. Qualquer dúvida, qualquer sugestão. Se quiser e precisar de alguma coisa, estou à disposição.

Entrevistado: Olha, professor, vou deixar gravado. Professor Bortoleto, eu sou seu discípulo, tá?

Muito bom, muito legal mesmo.

Entrevistadora: Muito obrigada. Obrigada por disponibilizar esse tempo. Eu sei que professor é uma vida bem corrida, que a gente às vezes não consegue parar. Muito obrigada. Com certeza, você está agregando muito. Não só no meu estudo, mas quem sabe futuramente a gente consiga viabilizar mesmo o ensino dos aéreos. Do circo em geral, em várias escolas. E oportunizar que as crianças, que os adolescentes vivem essa cultura corporal. Que vai trazer vários benefícios.

Entrevistado: Sim, com certeza. E está viabilizando a cultura circense, faz parte do processo da educação física. Ela está ali, está ali na BNCC. E já tem que ser trabalhada. Então, isso fica muito vago. Porque, às vezes, o professor também quer trabalhar algumas coisas, mas não consegue por falta de recurso. Então, aí fica muito multado também. A nossa área é muito defasada de material. Então, é difícil. Mas, aos poucos, vamos andando. Vamos andando.

Entrevistadora: Então, muito obrigada mesmo. E qualquer coisa, estou à disposição. Se precisar de alguma coisa, pode contar comigo. Pode entrar em contato, tá bom? Tchou, tchau. Muito obrigado. E depois eu volto com os resultados, com a dissertação.

Entrevistado: Ok, muito obrigado.

Entrevista Sul

Entrevistadora: Boa tarde novamente.

Entrevistada: Boa tarde.

Entrevistadora: Nós vamos começar a entrevista para o meu mestrado. E antes, como eu havia já enviado para você o termo de consentimento, eu gostaria de saber se você está de acordo e se tem alguma dúvida em relação ao termo.

Entrevistada: Não ficou dúvidas, estou de acordo. Tudo certo.

Entrevistadora: Então vamos lá. Eu vou fazer algumas perguntas e durante o questionário eu vou confirmar com a cabeça que eu estou te escutando. Conforme for, até vou... às vezes eu posso interromper um pouquinho. Tudo certo. Está me escutando bem?

Entrevistada: Estou, estou escutando. Aqui também é meio barulhento porque eu estou na oficina. Ah, eu estou em casa e também está...

Entrevistadora: Então, mas é o que é normal, né? Estamos quase acostumando com isso já, né? Bom, eu vou começar aqui.

E pra começar, eu gostaria que você me contasse um pouco sobre a sua experiência com atividades circenses. Se você já fez curso, como surgiu o circo nas suas aulas também.

Entrevistada: Então, é uma longa história, mas rapidinho vou explicar. Tá. Eu comecei a ter interesse pelo circo com 16 anos, né? Então, isso sempre me chamou atenção. E o meu primeiro contato foi lá em Morretes, que foi o primeiro malabares que eu comprei lá. Tava andando por lá e vi o moço fazendo o flower stick e daí ele veio me ensinar, me deu umas dicas e eu comprei. Foi o meu primeiro malabares. E daí foi. Quem vê o circo é meio suspeito, né? E não para mais. Trabalhei um tempo com crianças pequenas em escola particular, mas esse tempo ficou parado, sabe? Na época da faculdade a gente utilizou o circo, a gente apresentou um circo e aí eu tive um pouco mais a fundo, participei mais. Depois eu me formei e fiquei um tempo sem praticar, até por causa das escolas. Aí quando eu entrei na prefeitura, aí eu me senti mais livre para poder fazer o que eu realmente queria fazer.

Quando eu entrei na prefeitura de Curitiba, tinha as práticas de movimento, que era a nossa educação física que a gente fazia com as turmas integral. Então era uma... a gente tinha mais liberdade, não precisava seguir o currículo. Na educação física, você ia seguir o currículo. Então eu comecei a trabalhar no circo com as crianças em 2013. Aí fiz alguns cursos.

Entrevistadora: E cada vez mais foi introduzindo o circo nas suas aulas?

Entrevistada: Sim, e foi, e foi. Daí todas as aulas que eu entrei, eu adicionava o projeto circo. Então fui fazendo, fui fazendo, finalizava com apresentações. E desde aí nunca mais deixei de ter o circo. Então faz 11 anos que eu estou na prefeitura e é 11 anos que eu trabalho com o circo com as crianças. Alguns anos eu consigo trabalhar o ano todo, quando eu pego tempo de movimento, né? E algumas vezes é só durante um período, que é durante a... O conteúdo ginástico. A gente trabalha o conteúdo ginástico, e aí entra o quinto ano de atividade circense, né? E daí, nesse conteúdo, eu aprofundo o circo.

Entrevistadora: E no quinto ano, é obrigatório a atividade circense?

Entrevistada: É. É conteúdo.

Entrevistadora: E aí o conteúdo é um pouquinho de cada modalidade? Ou é dependendo do professor mesmo?

Entrevistada: Depende do professor. Tem professor que pega mais a parte de ginástica, então pega parte de pirâmide, acrobacia, né? Eu já pego de maneira ampla. Eu pego desde o malabarismo, vou passando por todas as modalidades, né? Às vezes, o que acaba deixando por último, muitas vezes eu acabo deixando de fazer, é a parte do palhaço, né? Do clown. Que eu acabo não fazendo muitas vezes. Mas alguma atividade ou outra sempre tem. Mas quando eu pego turma de quinto ano, eu pego tudo. Eu deixo específico para o quinto ano. Quando eu tenho turma, esse ano eu estou com todas as turmas regulares. Eu tenho uma turma de movimento, né? Para fechar a carga horária. Então, com essa turma de movimento, desde o primeiro dia de aula até o último dia de aula é circo. O ano todo é circo comigo.

Uma vez na semana tem aula comigo, e eu falo para eles. A prof aqui é a prof de circo. Então eles não vão pedir futebol, não vão pedir nada, porque aqui é circo. Então a gente trabalha mais a fundo, daí eu mostro tudo para eles. Vai indo e no final do ano, agora a gente está ensaiando para uma apresentação no final do ano.

Entrevistadora: Ah, legal! Essa turma de movimento seria uma turma extracurricular ou não?

Entrevistada: Não, eles são uma turma do integral. Só que o período da manhã que eu fico na escola, eles têm um conteúdo no integral de manhã. Então são práticos, né? E a tarde é o regular deles. Como sobrou uma carga horária, eu acabei pegando eles para dar o circo.

Entrevistadora: Ah, que bacana! Muito bom, muito legal saber.

Entrevistada: Porque acaba sendo de nós mesmos, professores, que acaba começando a introduzir o circo nas escolas, nas atividades. Isso vem muito dos professores que estão em contato com o circo, né? De alguma forma, a gente vai levando para as escolas também, né? Na verdade, os outros professores, eles acham que não. Aí, quando eles começam a ver que nem no passado, nessa escola que eu estou, é nova. Depois eu vou fazer uma apresentação, porque eles não davam muita moral, né? Aí, na verdade, depois que eu terminei a apresentação, eu ganhei um pouco de moral do circo ali, assim. Ah, então vai ter ano que vem de volta, ano que vem vai ter de novo. Aí é um conteúdo que eles adoram, né? As crianças, principalmente.

Entrevistadora: E como é trabalhar na escola municipal? Como é a relação de coordenação, da direção, eles te apoiam? Você tem material? Como funciona?

Entrevistada: Então, assim, depende muito da direção da escola e depende dos professores que estavam nessa escola antes de você entrar, né? Nessa escola que estou, quatro anos, o professor que estava antes de mim, ele tinha contato com o circo. E quando surgiu a oportunidade de um projeto de comprar material, ele comprou todo o material do circo. Ah, então nessa escola, quando eu abri o armário, eu quase chorei. Porque realmente é difícil, né? Mas eu tenho tudo lá. Eu tenho a perna de pau, aquela de ferro, né? De alumínio. Eu tenho a... nossa, a bicicleta lá, o monociclo, eu tenho a clave, eu tenho a argola, eu tenho as bolinhas, eu tenho o diabolô. Então, eu tenho tudo, eu tenho tecido em si, tenho tecido, né? Nas outras escolas que eu trabalhei, foi tudo com a minha entrada. Então, assim, eu quando tinha lá meus 16, comprei meu primeiro malabares. E depois, com o tempo, eu fui adquirindo meus próprios malabares,

né? Então, eu tenho uma coleção de cada um. E daí, eu levava para as escolas, mostrando os meus materiais e fazia muito alternativo. Então, eu aprendia nos cursos. Então, nas outras escolas, era tudo material alternativo. Nessa que eu estou, eu estou no céu. E a escola, então, apoia, a direção super apoia mesmo a parte de movimento, né? De projetos. Então, a escola gosta da ideia também. Agora, eu tenho muita sorte, na verdade, porque o meu diretor, ele é professor de educação física. Então, ajuda mais ainda, né? O lado dele, eu tenho o pezinho, né? E ele gosta também dessas coisas. Então, assim, quando eu faço, ele fica feliz, ele gosta.

Entrevistadora: E falando um pouquinho da estrutura, como que é a estrutura para o tecido? Você tem alguma estrutura? Você utiliza sempre? Não utiliza?

Entrevistada: Eu monto ele assim. Na minha escola tem uma sacada na quadra, na minha quadra interna, e tem uma sacada. Então eu amarro na sacada, que é bem resistente, né? Eu amarro o tecido na sacada e ele fica baixinho, pequeno, não dá. Aí, ano passado, eu tive a ideia de prender no meio da quadra uma corda, até pra apresentação, né? Então a gente passou um fio lá por cima da estrutura da quadra, aquele que não sei o como fala o nome, e passamos o fio e esse fio fica pendurado. Nunca mais tira. Depois a gente colocou, nunca mais sai. E daí tem mosquetão, daí eu prendo com mosquetão o tecido quando eu uso.

Entrevistadora: Agora o tecido tá fixo?

Entrevistada: Não, só tá a corda. É quando eu uso, porque pendurado eu tenho medo que estrague, né? Então eu tiro, eu uso, toda vez que eu vou usar.

Entrevistadora: Ah, você que coloca e você que desmonta também. Isso, tudo. E houve alguma intervenção da escola, da direção? Houve algum questionamento em relação à segurança?

Entrevistada: Eu sempre fui cuidadosa, né? Porque eu fico pensando, né? Eu tenho filhos, né? Eu fico pensando, Deus me livra que a criança cai e se machuca, né? Então até os cursos ajudam muito, né? Que nem o prof do curso sempre falava assim. “A certeza do circo é o risco. Então você sabe que isso vai se machucar, a única certeza que você tem, né? Que uma hora vai cair.” Então assim, eu faço uma cama, tenho um colchão embaixo, pra não ter problema, né? Toda vez que eu vou subir, eu sou meio doidinha, eu subo e testo. O diretor fica mais doido comigo, acho que ele tem mais medo de eu me machucar do que as crianças. É, uma vez eu fui testar e caiu, realmente caiu. Eu não dava o nó muito certo, eu subi no trapézio, o trapézio caiu. Tinha colchão, tinha tudo, mas foi comigo, né? Aí até as crianças, nossa, a prof caiu, viu? Então eu levo muito isso a sério, porque é uma questão de não deixar falhar a segurança, né?

Entrevistadora: E você tem contato com os pais? Os pais chegam a falar alguma coisa em relação à segurança também? A questionar você ou a direção?

Entrevistada: Nunca aconteceu, nunca. Nessa apresentação, no ano passado, foi específica, foi aberta para os pais. Os pais entraram e assistiram, mas... Ah, lindo, lindo, lindo. Nunca chegaram a mim. Nossa, mas tem certeza? Será que não vai cair esse negócio? Será que não vai, né? Porque a gente fica preocupado. Eu vou tentar tirar uma foto e mandar para você. Para ver onde eu prenda, para ver onde eu prenda o tecido. Eu só fico de olho para ver como fica a corda, se a corda não está desfiando, até mais que ela fica fixa em cima. Às vezes, a gente que está dentro, a gente talvez perceba que malabares com clave seja mais perigoso do que o próprio tecido, né? E aí, a gente acaba deixando um pouquinho os aéreos de lado por essa questão de risco, mas que a gente consegue até tentar controlar um pouquinho, né?. Fazer mais baixo, né?

Eu falo assim... Eu tento, sempre tento, né? Estou tentando, porque a única coisa que eu não fiz com eles ainda foi a lira. Ah, sim. Foi a única coisa... Eu não tenho lira. Mas, assim, o trapézio, o tecido, eu não deixo de fazer.

Entrevistadora: E é você quem organiza e planeja as aulas? E você tem algum recurso, algum material que você utiliza, ou não?

Entrevistada: É eu. Os meus primeiros materiais foram do Bortoleto. Então, assim, quando eu comecei a estudar mais, eu comprei pela internet, comprei os dois livros, né, dele, aquele que é a capinha alaranjada e o azul. E os jogos... Jogando com o Circo. Eu tenho esses três. E foram minha base, assim, né. E depois, com os cursos que eu fiz, foram me abrindo a minha mente e pesquisando. E aí, hoje em dia, com a experiência que a gente vai tendo durante as aulas, a gente vai conseguindo montar jogos, montar essas estratégias, né? É, a gente vai vendo o que cabe na aula. Porque a gente tenta fazer um jogo, não dá certo, né? Ah, então essa turma não deu certo. Aí vai tentar um outro ano, ou dá pra tentar, e vai indo. Às vezes temos muito assim, ah, não deu certo. Vou refazer, né? Pra não cair, tipo, ano que vem, olhar e falar assim, não deu certo, mas vou tentar novamente.

Entrevistadora: E, como você relatou no questionário, quando tem os aéreos, o tecido, você trabalha com um tecido só? Ou tem mais tecidos? E quantos alunos tem nessa turma?

Entrevistada: Tem um tecido só. Turma de 32, 33.

Entrevistadora: E aí, como é que você consegue trabalhar? Enquanto um aluno tá fazendo, os outros alunos estão esperando. Como é que funciona? Ou tá fazendo uma outra modalidade?

Entrevistada: É, geralmente é assim, eu divido meninas e meninos, né? Aí as meninas fazem uma roda em volta do tecido, e nisso os meninos estão trabalhando malabares. Estão trabalhando uma outra modalidade, que já viram, né? Então, o tecido lá, eu explico pra cada uma, mostro um modelinho só, simples, da primeira aula, todas fazem, troca. Então, tem aula que às vezes dá pra fazer, tem aulas que não dá para trocar. A primeira vez que eu fiz, foi aula inteira mostrando só pras meninas. Aí os meninos ficaram pra próxima aula pra fazer. Daí, quando eu passo assim, no finalzinho, mais pra frente, eu coloco os circuitos, né? Circuito de trapézio, circuito do tecido, das pirâmides, né? E daí, os malabares, a gente tá fazendo um rodízio, daí cada um fica com um.

Entrevistadora: Geralmente, você fica na parte dos aéreos, ou você também fica circulando? E tem algum professor auxiliar? E os alunos acabam auxiliando também?

Entrevistada: Eu fico mais nos aéreos. Não, eu sozinha. É complicado, né? Tem aqueles que têm facilidade. Você pega pela primeira vez, mostra como sobe em um trapézio. Sobe de uma maneira totalmente muito melhor do que eu. Ah, então já pego este aluno para me ajudar. Eu sempre levo muito em questão do risco de cuidado. Então, eu falo assim, tem que cuidar de você e do seu colega. Então, se o seu colega se machuca, a culpa é sua. Então, eles ficam observando. Eles são muito espertos quando tem isso. Então, eles, não sobe, fique devagar, presta atenção. Porém no malabares já acaba dando uma bagunça. Quando chega na parte dos aéreos, eles já ficam um pouco mais tenso, que é mais difícil, né? Então, eles têm aquele medo, aquele medo de cair e tal. Então, eles já ficam fazendo com mais cuidado.

Entrevistadora: Elas conseguem observar, parar para observar, mesmo distante, ajudando os colegas? Ou não acontece isso, essa interação?

Entrevistada: Depende. Depende do dia. Depende de como eles estão, né? Tem dias que dá tudo certo. Né? O negócio lá que, nossa, que legal, né? Tipo, eles estão bem envolvidos, tá tudo beleza. E tem dias que... Que não dá nada, né? Principalmente quando pega as últimas aulas, assim. Dia de calor, eles estão cansados e tal. Mas, no geral, assim, eu fico bem feliz com as aulas.

Entrevistadora: Você atende infantil e fundamental. E consegue passar para as duas turmas? Tecido, trapézio?

Entrevistada: Sim. Quando eu trabalho no quinto ano, no primeiro trimestre, a ginástica geral, eu passo para a educação infantil. Para outras turmas, eu não passo, para deixar aquela expectativa para o quinto ano. Então, eu trabalho com algumas expectativas, né? Tem conteúdo que só tem no quarto. Coisas especiais que acontecem só no quarto ano. Coisas especiais que acontecem só no quinto ano. E coisas especiais que acontecem só na aula de movimento no segundo ano, que é a apresentação. Se a criança chegar a turma no segundo ano, eles vão apresentar o circo, sabe? Eles já querem ir porque eles sabem que vão fazer determinada coisa. Se eu trabalhar circo, eu vou trabalhar assim com todo mundo. Porque daqui a pouco eu perco um pouco, sei lá, né? Então, com o pré eu trabalho, quando eu trabalhei trapézio, eu fiz trapézio com pequenos, fiz o tecido acrobático com pequenininhos, e eles voltam a fazer lá na frente.

Entrevistadora: Mas aí você também chega a trabalhar as outras modalidades, não só o tecido acrobático?

Entrevistada: Com o público infantil, basicamente, esse ano eu fiz só o trapézio e o tecido. Eu uso mais com os pequenos, mas de uma forma diferente nas aulas. Eu utilizo eles bastante, mas não mostrando, né, que é do circo. O que eu faço, às vezes, é eu fazer o malabarismo para eles. E aí, eles percebem que os mais velhos estão fazendo, então já esperam um pouquinho que daqui a um tempo eles que vão estar fazendo. Dá para você fazer lá, quando tiver no quinto ano.

Entrevistadora: E quais os conteúdos que você consegue abordar na parte mais de aéreos mesmo? Você conta a história, parte de criação, eles chegam a criar alguma coisa, como que é realizado?

Entrevistada: Eu vou dizer que na parte de aérea é bem mais superficial assim. Eu mostro pra eles vídeos, né? Antes de começar o conteúdo, eu mostro um vídeo. Eu mostro um vídeo de uma apresentação de circo, de um circo mesmo. Porque como eu trabalho em uma área mais carente assim, eles não têm muito acesso à cultura. Então, eles não têm... Ah, quem já foi no circo? Levanta a mão um, dois. Então, a gente traz aquela cultura, que daí fala do malabarismo é mais fácil, porque dá para ver na rua, né? Mas aí, quando eu mostro vídeos... Então, a gente vai fazer isso hoje. As crianças fala: Nossa! Mas eu não entro muito na questão da história. Isso me falha um pouco, entrar um pouco mais aprofundado nisso eu não tô entrando. É mais a questão do movimento, dos movimentos básicos, né?

Entrevistadora: E no tecido você chega a usar bastante a trança ou tecido liso? Como é que você aborda?

Entrevistada: Eu só faço o calcinho embaixo, o nó, pra ele subir. Quando a gente vai pra apresentação, eu não toco no tecido. Então, eles sabem subir sozinhos. Eu faço aquele

degrauzinho, né? Eles sabem a subida tudo sozinhos, que eles têm que fazer. Aí, eu mostro geralmente três movimentos. Eu faço, é a cruz... Eu não sei os nomes... O ninho, né? Mula, a gente chama aqui e pega a cruz... E eu ligo a outra cabeça. Travo a perninha e ligo pra trás. Então, os três básicos, assim, eles podem escolher qual dos três eles podem apresentar. Daí, eles escolhem, ah, eu quero apresentar esse movimento. Então, você vai treinar esse movimento. Daí, eles treinam pra apresentação. Vai treinar um, eles sabem subir sozinhos. Eu fico ali auxiliando, né? Mas, assim, eles têm que subir sozinhos.

Entrevistadora: E essas apresentações são realizadas no final do ano? Só com o pessoal do quinto ano? E os alunos gostam dessa apresentação?

Entrevistada: Isso, e o segundo ano e o quinto ano eu convido quem quiser participar para a apresentação. No conteúdo deles, no começo do trimestre, os segundos anos fazem uma apresentação para o Pré. Bem simples. Eles nem precisam de fantasia, nada. Eles fazem a apresentação. Ah, a gente precisa apresentar malabares e trapézio. Então eu monto lá, a gente chama a turma do Pré e o Pré fica assistindo. A gente faz. Ah, vamos apresentar. Eles assistem. No final do ano, que é uma coisa maior, que eu faço decoração, a gente faz todo um esquema de roupa, tal, tudo. Daí, quem quer participar do quinto ano, eu convido. Quer participar, então pode vir.

Gostam. Ah, eles estão ficando todos animados, né? Bom, é bonitinho de ver, porque muitos alunos que participam são crianças, que nem, tem uma menina que ela faz trapézio super bem. Ela tem dificuldade de socialização, ela não quer fazer nada, sabe? E ela se encontra no trapézio, não tem quem segura ela.

Entrevistadora: E a escola também ajuda nessa parte da apresentação?

Entrevistada: Eu faço sozinha. Tudo sozinha. Eu não tenho outro parceiro de educação física, é só eu. Mas se eu peço material, tem que ter TNT pra fazer a cortina. Eles me arrumam, me ajeitam.

Entrevistadora: E você chega a fazer alguma avaliação dessas aulas? Como é que funciona?

Entrevistada: Não, não faço avaliação. Tem avaliação no trimestre, que é do quinto ano que tem ali, né? Se o aluno atingiu ou não atingiu. Tem poucas coisas assim, sabe? Que fala da parte social, se a criança interage, se ela realiza de acordo, né? Mas nada assim muito específico.

Entrevistadora: E quais os seus maiores desafios no ensino do circo, do tecido, do trapézio? Como que você tem lidado com esses desafios?

Entrevistada: Eu acho que o maior mesmo é a quantidade de criança para uma pessoa só. Quando a gente vai trabalhar o circo, teria que ter mais uma pessoa junto. Até pela qualidade, porque você tem que passar por todas as crianças, o que é aquele movimento. Aqueles que tem facilidade vão embora. Daí aqueles que tem um pouquinho mais de dificuldade, a gente acaba deixando passar porque não tem tempo hábil para você parar com ele e mostrar tudo certinho. Não acaba sendo muito individualizado. Então, vamos fazer ele, e vamos tentar dar o que dá para fazer. O que eu tento é não desmotivar. Tem aqueles que estão acima do peso, que tem uma dificuldade motora. Então, eu faço subir. Nem que eu segure e vai. Você vai subir, eu quero nem saber. Você vai subir. Então, para incentivar, você tem que ver. Isso não é problema, você consegue. E ele também tem que tentar, ver que não consegue. Tem certeza que não consegue? Tem. Tá bom. Depois a gente tenta de novo.

Entrevistadora: E aí, você tem muitos alunos que tem muito medo de fazer ou que realmente nem querem participar da aula? Ou não tem?

Entrevistada: No começo tem. No começo tem, mas depois vai mostrando. Eu respeito no começo. Não quero, mas por quê? Tenho medo. Mas vejo meus colegas fazendo. Eles vão vendo os colegas fazerem e daí vai passando o medo. Eu até tinha um menino que não queria participar.

Entrevistadora: Esses alunos que você sente que tem mais dificuldade, com o tempo eles conseguem ir lidando com as aulas e conseguem ir se desenvolvendo? Ou tem criança que chega no último dia de aula e já fala assim, não, não quero mais fazer e fica sentado?

Entrevistada: Esses alunos que têm dificuldade, muitos não conseguem fazer, eles ficam estressados, ficam bravos que não conseguem fazer,

Entrevistadora: E aí chegam até a se comparar com os outros alunos ou isso não acontece?

Entrevistada: Comparação não, mas eles acabam começando a arranjar encrenca, né? Então, ah, não quero fazer. A gente tem lá uma criança, em específico ele é gordinho, tá acima do peso, e ele não quis fazer. Daí eu falei, não vai tentar, não vai tentar, não, não quero, não quero fazer. Ele falou, então espere que eu já vou te mostrar uma outra atividade. Nesse meio tempo ele fez, provocou, brigou, daí tem que parar o que tá fazendo, né, conversar com ele, né, achar uma outra solução. Então você vai fazer isso pra mim? Daí começa a pegar uma bolinha e tacar no outro, tipo, na revolta. É, porque tá vendo que os outros tão conseguindo, mas ele não quis fazer. Então eu sempre deixo aberto assim, vamos tentar, vamos fazer, você vai, né, se não conseguir, tudo bem, a prof também não consegue, né? Eu falo pra eles várias histórias, né? Eu falo assim, não é assim, tem que tentar, mas tem uns ali que é complicado. É, é, é difícil, né? Estamos em uma época mais complicada agora, principalmente com as crianças, né? Cansadas, não querem fazer muitas coisas. Como tão cansadas? Meu Deus, a primeira aula do dia, às vezes é oito horas da manhã e eles já tão cansados.

Entrevistadora: Como que é a estrutura de aula? Você chega a fazer algum aquecimento, alguma brincadeira? Você trabalha em cima de jogos, de circuitos?

Entrevistada: É, eu faço, toda aula eu faço alongamento, né? Não é todas. Geralmente, quando eu vou trabalhar tecido e trapézio, eu alongo, né? Nas outras, eu já acabo pulando o alongamento. Mas aquecimento eu faço todas as aulas. Então a gente faz brincadeira, mãe pega, às vezes conteúdo de circo, às vezes não. Mas sempre tem um aquecimento antes.

Entrevistadora: E na sua opinião, o que poderia melhorar ou facilitar o ensino das modalidades aéreas na escola? O que você acha que ajudaria?

Entrevistada: Eu acho que podia ter mais cursos na área, porque a gente teve muito... Eu fiz um curso aqui em Curitiba, do Guido, e ele faz aula de aéreos. É poucas horas, mas ele oferta. Então, eu só fiz essa aula várias vezes, a mesma aula. Esse ano eu ainda não fiz, mas tem vezes que eu repito a aula várias vezes.

Entrevistadora: E a Prefeitura, como ela tem as atividades circenses na Grade Curricular, a Prefeitura acaba oferecendo algum suporte para vocês? Algum curso?

Entrevistada: A gente tem muito curso, de várias áreas. Já tivemos curso de circo, mas os cursos de circo são mais voltados para a parte de malabarismo, a função mais pedagógica de brincadeiras. Não pega muito a parte de aéreos... Se eu não me engano, da Prefeitura mesmo, eu nunca fui em nenhum curso de aéreo. Os cursos que a Prefeitura ofertou de circo foi mais baseado nessa parte de malabarismo.

Entrevistadora: Com a nossa pesquisa, nosso projeto, é futuramente reunir principalmente os que participaram mais a fundo e tentar fazer uma troca de experiência, porque às vezes um professor trabalha de um jeito, a gente não conhece, outro trabalha de um outro jeito. E essa troca de experiência entre professores que realmente estão na prática, estão vendo o que está acontecendo, acaba auxiliando todo mundo. Então, é um projeto nosso também estar desenvolvendo essa troca.

Entrevistada; Eu trabalho com criança pequena. Falta material, como o professor que dava a aula de circo, ele é da parte de Ensino Fundamental II, dos maiores. A outra didática é um pouco diferente. Eu acho que falta um pouco. Eu quero trabalhar com o pré. Os professores de Educação física, eu sinto que têm bastante restrição com a Educação infantil. Eu gosto. Então eu montei um Instagram para pôr algumas atividades, para dar algumas ideias. Porque eu tenho facilidade e eu gosto de trabalhar com educação infantil. Eu trabalho porque eu gosto. Mas aquele professor que tem vontade, mas tem medo, ele não vai trabalhar com educação infantil. Não. Principalmente pequenos, aí já deixa realmente de lado melhor nem tentar fazer nada. Eu não vou colocar a criança aí de ponta cabeça de jeito nenhum. Vou tentar os mais velhos um pouquinho, que já entende um pouquinho, agora, os pequenos? E os pequenos adoram também ficar de ponta da cabeça. Eu acho que falta bastante isso. Falta essa parte.

Entrevistadora: Tem alguma informação que você gostaria de adicionar, de acrescentar? Que você acha interessante, que faltou alguma coisa?

Entrevistada: Não, acho que não. Se faltar alguma coisa, pode me contatar também que a gente conversa de novo.

Entrevistadora. Eu vou anotando aqui, eu vou fazer a transcrição, vou analisar. Se faltar alguma coisa, eu volto a entrar em contato com você, vou perguntando e eu estou à disposição também. Então, estou fazendo entrevista com os outros professores. A gente tenta defender em março, fevereiro, março, aí eu já vou dar um retorno para vocês também. Agradeço a vocês que estão junto na prática, disponibilizando isso, ajudando a pesquisar mais a fundo como é que está sendo o desenvolvimento do tecido. Muito obrigada e para qualquer coisa, estou à disposição. Obrigada por disponibilizar o seu tempo também

Entrevistada: Obrigada, imagina. E qualquer coisa, estamos aí, pode chamar, tá bom? Então, tá bom. Beijo, tchau.

Entrevista - Sudeste

Entrevistadora: Bom, gostaria de saber se você autoriza a gente gravar essa entrevista, se você leu o termo de consentimento e se você aceita ele.

Entrevistada: Sim, sim, pode continuar. Eu li, aceito e concordo, sim.

Entrevistadora: Muito obrigada. Pra gente começar, a gente vai falar um pouquinho da sua experiência profissional. Então, você poderia me contar um pouco da sua história, com a sua experiência com o tecido na escola? Como começou, como você está seguindo até agora?

Entrevistada: Tá, na escola eu comecei fazer 11 para 12 anos. Comecei em maio de 2011. Então, estamos indo para 12 anos, né? Uma aula teste, daí a gente começou a trabalhar dentro da escola. Já trabalhei em outra escola também, mas hoje não trabalho mais.

Entrevistadora: E você... Como que você teve essa ideia, essa iniciativa de estar levando esse projeto pra escola?

Entrevistada: Eu conheci um rapaz que era estagiário nessa escola. Ele veio ser estagiário na academia, que eu trabalho também com tecido. E aí ele comentou que lá nessa escola tinha atividades extracurriculares. E daí eu perguntei, ah, tem tecido lá? Ele falou não. Falei, ah, então me passa o contato da pessoa pra eu mandar um projeto. E aí eu mandei o projeto e a gente começou a conversar.

Entrevistadora: Ah, que bacana, que bom. Que bom que permanece até hoje também, né? Você poderia me relatar um pouquinho sobre a escola? É uma escola particular, né? Através do questionário a gente identificou isso. Como que está sendo desenvolvido? Como que é a relação da coordenação com a direção? Algumas características da escola, do espaço?

Entrevistada: A gente trabalha numa escola particular. A gente tem turmas com aulas de 90 minutos. E aí os pais fazem a opção por fazer uma vez por semana, duas. A gente tem alunos que fazem até três vezes por semana. Então eles pegam os horários que nós disponibilizamos, escolhem o melhor horário pra eles estarem fazendo as aulas e eles se matriculam. Hoje a gente atende em torno de 150 alunos no tecido. Temos seis tecidos presos a sete metros. Quando eles fizeram uma reforma na escola e eles fizeram mais uma cobertura de quadra, né? A gente fez um projeto junto com o engenheiro da obra e fizemos uma viga específica pra estar prendendo esses tecidos. Então lá a gente já sabia quantos tecidos a gente queria colocar, como que a gente queria estar trabalhando. Então a gente tem hoje na aula seis tecidos. As turmas são de 12 alunos por aula. E a gente atende desde o infantil 5 até o ensino médio.

Entrevistadora: E essas turmas são misturadas ou você consegue separar? Só infantil, só ensino médio?

Entrevistada: O infantil e o primeiro ano a gente separa. A partir do segundo ano a gente deixa junto com as mais velhas e a gente tem uma turma separada que é uma turma mais avançada que a gente chama de turma de treinamento.

Entrevistadora: Entendi. E em relação a gênero, vocês trabalham com turmas mistas? Ou só a maioria é menina?

Entrevistada: A gente deixa aberto para meninos e meninas, mas o público de lá é só feminino. Mas a gente deixa aberto.

Entrevistadora: E em questão de infraestrutura ainda, como é feita a montagem, a ancoragem e a manutenção?

Entrevistada: Esses aparelhos a gente troca todos os aparelhos de segurança a cada dois anos. Mosquetão, fita, os tecidos eles são lavados a cada seis meses, nas férias ou se há uma necessidade antes a gente também faz essas trocas. E a escola tem uma equipe de manutenção com treinamento na NR35 e eles que fazem todas as ancoragens para a gente. Ou eles mexem com andaime ou com a girafinha, né? Aquela automática, né? Pelo menos a escola está ajudando, auxiliando toda essa parte da equipe para nós. Porque é um pouco mais complicado.

Entrevistadora: A gente pode dizer que houve uma preocupação da escola em relação à segurança?

Entrevistada: Sim, sim. Mesmo no início do projeto e até hoje permanece. Cada tecido tem um colchão de dois por três por trinta, né? Que é o maior que existe para ginástica

Entrevistadora: Falando um pouquinho agora sobre as aulas mesmo de tecido, como ela é de forma extracurricular? Então, ela é organizada, por exemplo, um horário só para o infantil e um horário só para o fundamental, durante toda a semana?

Entrevistada: Isso. Lá eu dou aula de segunda a quinta-feira, das duas às oito horas da noite.

Entrevistadora: Realmente a procura é alta então, né? E tem outras aulas extras que acontecem no mesmo horário que as aulas de tecido?

Entrevistada: Tem aula de música, de futebol, de badminton, beach tennis, vôlei, basquete, handball, ginástica geral, balé, aula de música de bateria, de violão, mangá... São mais de trinta cursos. Teatro, jazz. A modalidade do tecido, ela só não tem mais alunos na escola do que o futebol. A gente só perde pro futebol.

Entrevistadora: E você acha que o que pode chamar mais a atenção dos alunos? O que faz com que eles procuram bastante a aula de tecido?

Entrevistada: Eu acho que é uma aluna chamar a outra, sabe? Porque a gente não fica num lugar estrategicamente visível na escola. A gente fica na quinta quadra, só antes da quadra de futebol, que tem pista de atletismo. Então, é um pouco afastado do núcleo geral de ensino. Mas as alunas, uma chama a outra e isso vai levando... E elas veem as apresentações, as mídias da escola, quando eles colocam que a gente tem apresentação, então eu acho que é um pouco do trabalho desenvolvido mesmo que chama mais alunos.

Entrevistadora: Em relação às aulas, você tem algum planejamento, você utiliza algum recurso, algum material que pode te auxiliar?

Entrevistada: Eu tenho um planejamento anual, ele é desenvolvido semanalmente com os conteúdos. Eu tenho um planejamento de iniciação, que são os alunos que estão aprendendo as travas básicas. Eu tenho um planejamento intermediário, que é quem já sabe as travas e está aprendendo algumas figuras dentro daquela trava daquela semana. E eu tenho um planejamento

do pessoal mais avançado, onde a gente trabalha muito mais técnica e outros desafios técnicos. Então dentro da mesma aula eu tenho quatro planejamentos. E aí eu vou dando a mesma aula em grupo, o ensino é individualizado.

Entrevistadora: Então você tem essas turmas mistas, tem adaptação e intermediário juntos? Alguém te auxilia nesse planejamento? Você tem auxiliar? Como que ele pode te ajudar? Há alguma capacitação? Há alguma preparação?

Entrevistada: A gente tem mais um professor na escola, que ele foi meu estagiário. Já tive outros auxiliares, e aí a gente vai dando treinamento pra eles, mas como é uma modalidade em altura, a gente não trabalha tanto com o treinamento de estagiários. A gente prefere já ter um professor. Como a gente tem essa opção de ter o professor treinado, a gente prefere estar trabalhando com ele. Que, inclusive, é um homem. Você perguntou aí da questão de gênero.

Entrevistadora: E você acha que, tendo ele, acaba sendo facilitado ou, vamos dizer... E você acha que, por ser professor homem, existe alguma dificuldade em relação a estar trabalhando com as meninas?

Entrevistada: Não. Não, as meninas amam ele.

Entrevistadora: Também gostaria de saber, como você comentou, você trabalha, por exemplo, a adaptação. Você trabalha com exercícios mais simples e acaba introduzindo alguns movimentos, por exemplo, de trava, coisas assim, ou não? A adaptação é mais trança? Como é que é desenvolvida a parte de adaptação?

Entrevistada: A parte de adaptação, eu trabalho muito a força que é necessária para subir. Então, eu faço exercícios de força, seja eles no nó, seja sem o nó. Então, por exemplo, às vezes eu faço um nozinho mais baixinho, faço segurar uma mão em cada tecido e eu faço pular de um lado para outro do tecido. Então, o tecido tá aqui, a pessoa tá aqui, ela tem que pular por cima do nó. Aí, eu vou subindo a altura do nó. Quer, queira, quer não, é o principal movimento para a pessoa subir. Ela tem que se sustentar com os braços, flexionar o cotovelo, flexionar os joelhos, flexionar o quadril. Então, ela vai estar trabalhando o que eu preciso para ela fazer a subida. Às vezes, eu faço o virar de ponta cabeça na trança. É um jeito de fazer a força para virar de ponta cabeça depois. No próprio nó um pouco mais alto, posso ficar em cima do nó e sentar no nó, trabalhando a força de se puxar para cima, de subir, de quadríceps. Então, eu vou dando exercícios que vão capacitar essa pessoa a chegar nos exercícios fundamentais da modalidade. Mas ficar dando um ano, seis meses, dois anos de trança para o aluno? Não, não faço isso. O objetivo é ele ganhar força para ganhar independência no tempo.

Entrevistadora: E aí você... como que eles passam de nível? Então assim, eles começam com a parte de força, de adaptação, e aí a iniciação você tem mais ou menos um prazo, vai de acordo com o aluno, ou a escola pede isso também, de estar promovendo esse aluno, ou não?

Entrevistada: Não, a gente faz uma avaliação. Eu desenvolvi uma avaliação onde eu coloco os critérios que eles precisam estar passando pra que eles possam ir pra essa outra avaliação. Isso interfere no aprendizado? Não, não interfere. Se eu achar que o aluno tem condições de aprender um exercício do intermediário, digamos, mesmo ele não tendo ainda passado pro intermediário, se eu vejo que ele tem essa condição, eu dou o exercício pra ele, eu não fico presa numa caixa, sabe? Mas é importante pra elas saberem por que eu faço essa avaliação. Na verdade, é um

processo, né? Eu coloco nessa avaliação exatamente o que faltou. Ó, faltou força pra virar de ponta cabeça, precisa melhorar o jeito de pisar pra não ficar escorregando na subida, precisa começar na adaptação, precisa aprender a subir sem o auxílio do professor. Então eu vou mostrando pra elas aonde exatamente elas precisam prestar atenção pra conseguirem se desenvolver mais. E aí quando aquela avaliação está fácil pra elas, elas vão ganhar um novo desafio, que é a avaliação nova. Então é assim que a gente trabalha esse processo pedagógico com elas.

Entrevistadora: É muito interessante saber. E essa parte de avaliação, ela ocorre, por exemplo, um dia de avaliação ou a avaliação durante todas as aulas, você vai fazendo um pouquinho da avaliação? E elas têm esse feedback da avaliação?

Entrevistada: Geralmente eu faço em duas semanas a avaliação, porque são dez itens com cinco sub-itens, cada uma. Então eu demoro um tempo para estar fazendo, e depois que eu faço essa avaliação, eu tenho uma ficha branca, que é essa ficha que eu chamo, que é a minha, e daí as alunas todas recebem por e-mail ou impresso, ultimamente eu tenho mandado por e-mail individualmente, a avaliação delas com tudo que é pontuado de pontos positivos e pontos a melhorar para elas entenderem exatamente onde elas têm que focar para conseguir se desenvolver melhor no tecido. Então elas têm esse feedback sim, elas recebem, e elas podem ir acompanhando e ir trabalhando aqueles pontos durante o próximo semestre.

Entrevistadora: Você disse que vocês têm seis tecidos, né? Em turma de 12? Como que é a dinâmica, as estratégias? Então, assim, tem os seis tecidos e aí cada aluno tá em um tecido, um tecido é só para adaptação, outro tecido intermediário ou não?

Entrevistada: Depende da estratégia daquele dia de aula. Ah, tá. Então, por exemplo, lá eu vou ensinar uma queda, essa semana eu tô dando uma queda na chave, eu não abro os seis tecidos, entendeu? Então, que nem, vou te dar o exemplo da minha última aula de ontem, vai. Eu fechei dois tecidos, eu deixei um tecido para uma aluna nova que chegou ontem, que era adaptação. Eu tenho hoje uma turma que tá treinando para uma apresentação no teatro, junto com outras modalidades da escola. Então, essas duas ficaram em um tecido e dois tecidos ficaram para eu dar essa queda. Então, quando eu vou dar algo que eu percebo que eu preciso ter um olhar muito mais próximo pela segurança da aula, eu fecho alguns tecidos e eu foco aonde eu quero.

Entrevistadora: E qual estratégia você mais utiliza? Assim, se fosse, ah não, eu geralmente trabalho só com três tecidos ou trabalho em circuito?

Entrevistada: Não, eu não trabalho em circuito. Eu só trabalho em circuito se eu quero condicionamento físico. Vou te falar. Eu dou um alongamento, aí eu faço o aquecimento articular. Geralmente, eu dou duas subidas normais e depois uma subida diferente. Ontem, por exemplo, não sei se você já trabalhou unindo dois tecidos para eles subirem fazendo o que a gente chama de M maluco na escola. Então, aí elas já têm que ter um pouco mais de força para passar por todo o M sem cair antes, sem desistir antes. Aí, depois, por exemplo, eu vou trabalhar a chave de cintura. Então, eu tenho alunas que estão aprendendo a chave no chão, alunas que estão aprendendo a fazer a chave fora do chão, mas ainda abaixo e alunas que já fazem movimentos na chave. Então, eu vou falando, olha, está se sentindo confortável para tentar a chave fora do chão? Tenta fora do chão. Eu deixo elas também experimentarem esse limite delas e entenderem aonde elas estão. Quer ainda treinar no chão? Está mais confortável no chão? Sente mais segura no chão? Faz no chão. Vamos experimentar esse movimento? A gente

primeiro monta no chão, depois a gente sobe um pouquinho, depois a gente realmente pega altura para fazer os outros movimentos.

Então, elas já sabem desse processo que acontece, assim, para elas é uma coisa muito natural, muito normal, e elas vão experimentando também, entendendo as limitações delas e aonde elas têm as dificuldades para que elas possam entender aonde elas vão estar. Então, é assim que a gente trabalha.

Entrevistadora: E quando você fala em chão? É chão mesmo?.

Entrevistada: É, é chão mesmo e depois o tecido mais baixo. Por exemplo, a bota, eu ensino sentada no colchão. Depois, fica em pé e faz a bota com o pé no chão, faz a movimentação do tecido com a outra mão. Entendeu? Aonde o tecido aperta, onde é mais confortável, onde dói menos, entendeu tudo isso? Agora sobe e faz na força. Então, realmente é um processo gradual, né? Que aos poucos vão aumentando a dificuldade para chegar em determinado movimento.

Entrevistadora: Esses movimentos do chão, eles são feitos durante as aulas também, ou por exemplo, enquanto o pessoal está no tecido, tem alguma coisa acontecendo além do tecido?

Entrevistada: Eu faço elas ficarem olhando e uma entender o processo que a outra está. Eu costumo falar na minha aula que a gente tem três jeitos de aprender tecido. Vendo, fazendo e ouvindo. Porque, às vezes, a dica que eu vou dar para uma aluna é a mesma dica que ela está precisando. Então, o que é importante é estar vendo para estar visualizando o que ela também faz, que a gente tem os alunos auditivos, sinestésicos e visuais. É importante ela estar fazendo para experimentar e ver o que a outra sentiu, e estar prestando atenção no que eu estou falando com outras alunas, para que elas também, às vezes, nossa, essa dica que ela deu também serve para mim. Então, eu peço e elas ficam prestando atenção. Então, às vezes, eu faço duplas e uma tem que ajudar a outra, uma tem que explicar para a outra. Está com dúvida, volta para o chão, faz no chão, vê onde está indo lá em cima. E elas sabem e se ajudam.

Entrevistadora: Elas conseguem, uma, auxiliar a outra também?

Entrevistada: Sim, e até as mais velhas, por já terem esse hábito, elas também já vem e já ajudam as mais novas também.

Entrevistadora: Em relação às apresentações, como elas são realizadas? É uma vez por ano? Todos apresentam?

Entrevistada: A gente deixa livre. A gente tem alunos na escola que eles gostam de fazer aula, mas eles não gostam de se expor em apresentação. E a gente respeita. A gente tem alunos que gostam de se apresentar. E a gente tem os alunos que gostam de se apresentar e de competir, nessas competições que tem por aí de tecido. Então, a gente respeita e a gente trabalha com os três públicos. Então, quando a gente chega no final do semestre, a gente tem os alunos que se apresentam e tem os que não se apresentam. A maioria se apresenta. E quando tem uma competição ou outra, não são todas, a gente faz o convite para quem gostaria de estar indo para a competição. E aí a gente leva. Mas mesmo não apresentando, como a gente tem o objetivo também de ganhar força e condicionamento no tecido, mesmo você não se apresentando, uma sequência no tecido é trabalhada. Então, o objetivo principal de ganhar força, condicionamento e conseguir fazer mais coisas no tecido, a gente não perde porque senão eles param de se desenvolver.

Entrevistadora: E essa sequência que é trabalhada, por exemplo, tem algum momento em que é apresentada para todos os alunos ou não, é só realmente durante as aulas?

Entrevistada: Não, todo final de semestre a gente faz a apresentação para as famílias. E aí também é a critério da criança. Se ela quiser apresentar, apresenta. Isso, para você ter ideia, em junho nós fizemos 5 dias de apresentação de 1h45.

Entrevistadora: E a escola, a direção, chega a interferir em alguma coisa em relação à apresentação? Ou até mesmo em relação às aulas?

Entrevistada: Não, a interferência que eu tenho, na verdade, é de apoio no processo. Então, que nem eu falei que eu queria fazer uma apresentação e eu queria um fundo de tema, eles vão, eles correm atrás, eles fazem o investimento. Esse ano eu queria fazer, a gente tem uma árvore lá na escola, que ela é amarela, o tronco dela a gente não consegue abraçar em duas pessoas, e ela é muito alta, uma árvore que veio, assim, na fundação da escola. E eu falei que eu tinha um sonho de fazer uma apresentação lá. E aí eles falaram, não, então vamos lá, vamos fazer. A gente colocou o tecido primeiro, fez todos os testes para ver se a árvore tinha saúde, tudo isso. Depois a gente pôs os tecidos lá e fizemos uma iluminação de baixo para cima. A gente manda uma foto, se quiser, para você ter ideia. Fizemos uma iluminação de baixo para cima, fizemos com colchões em volta para as famílias ficarem, tipo se fosse um piquenique, assistindo. Cadeiras para as pessoas mais idosas, mais ao redor. E ficou uma coisa, assim, bem aconchegante, com bastante flores. Então, assim, a escola compra as ideias do que a gente está querendo fazer e eles ajudam a gente nesse processo. Mas interferência disso vai ser feito, isso não. Não, a gente tem toda a autonomia que a gente gostaria de ter para fazer as coisas. É uma escola parceira, então, que realmente está lá para ajudar também.

Entrevistadora: E você tem, em relação aos pais, você tem algum problema? Tem um diálogo bom com os pais? Como é essa dinâmica?

Entrevistada: Sim, quando os pais têm alguma dúvida, eles levam para a Secretaria de Esportes, e aí a Secretaria de Esportes entra em contato com a gente, ou a gente responde escrito, a gente liga, conversa com os pais, ou os pais também, eles têm acesso à nossa aula, eles vão lá, podem assistir à aula, quando quiserem, e depois, no final da aula, eles podem estar tirando as dúvidas deles. Então, assim, não, não tenho problemas.

Entrevistadora: E, na sua opinião, tem alguma coisa que poderia melhorar ou facilitar o ensino da modalidade no ambiente escolar?

Entrevistada: No ambiente escolar ou no meu ambiente escolar?

Entrevistadora: No seu, e também em outros ambientes. O que você diria para outros professores que estão começando agora?

Entrevistada: No meu ambiente escolar, eu não vejo dificuldades, se eu tenho alguma sugestão, eu chego na minha coordenação, eu converso, total apoio, porque todos também têm a formação de educação física, todos são cientes de processos pedagógicos, então, se eu preciso de alguma coisa, eles me arrumam que nem, ah, quero um colchonete preto, daqueles de abdominal, para fazer exercício de abdômen com elas, de forcinha, não sei o quê. Eles vão, eles me arrumam, eles trazem, eles dão muito apoio para tudo isso. Então, no meu ambiente, não, mas o que eu vejo é colegas que eu conheço que trabalham com a modalidade é que faltam processos

pedagógicos de ensino. Então, isso é uma coisa que, lá atrás, você pode até conversar com ele. Eu queria fazer meu mestrado em cima de processos pedagógicos de ensino do tecido, mas a vida acabou me levando para outros caminhos e, hoje, minha vida está uma loucura. Eu não tenho mais condições de tempo mesmo para estar fazendo esse mestrado. Mas, há muito tempo, eu sinto isso de colegas de trabalho. De ver que falta, às vezes, não saber nem como fazer esse processo de ensino. Falta ferramentas. Então, é uma coisa que eu comento bastante. A gente tem bastante o olhar para o ensino do circo social. A gente fala do circo social, do circo, do circo, do ensino em circo, mas eu acredito que a gente tenha que dar ferramentas para esse pessoal que trabalha. Não só no tecido, no aéreo, mas falta ferramentas, falta a galera entender processo pedagógico mesmo para poder ter um ensino mais rápido e mais fácil. Então, o que eu vejo de colegas é isso.

Entrevistadora: E você acha que tem alguma coisa que poderia facilitar isso? Poderia ajudar os professores mesmo? Precisamos dessa parte pedagógica, esse processo. Você acha que teria alguma coisa a fazer que possa vir e contribuir com isso?

Entrevistada: Eu acho que a gente poderia, por exemplo, dentro da universidade que tem um bom network mesmo, com bastante gente de circo, estar oferecendo esses cursos mesmo de processos pedagógicos para que as pessoas se ferramentem para poder trabalhar. Eu acho que já que a gente tem essa oportunidade de ter esse conhecimento, de estar expandindo ele. Um ajudando o outro, essa troca de experiência. Acho que é o que mais, hoje em dia, mais vale, que vale a pena estar junto e estar vendo o que está acontecendo no cotidiano.

Entrevistadora: E, por fim, você tem alguma coisa que você acha que acrescentaria, que faltou alguma coisa, alguma coisa que você gostaria de falar?

Entrevistada: Não, acho que é isso.

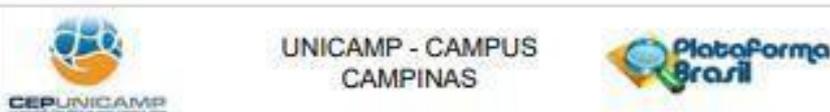
Entrevistadora: Se depois você tiver alguma pergunta, fica à vontade também. Muito obrigada pela entrevista, foi um prazer conversar com você.

Entrevistada: Obrigada.

ANEXO

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Aprovado

	UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS					
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP						
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA						
Título da Pesquisa: ATIVIDADES CIRCENSES: O ENSINO DO TECIDO NO ÂMBITO ESCOLAR.						
Pesquisador: Raissa Cruz Falcoade						
Área Temática:						
Versão: 3						
CAAE: 59535422.2.0000.5404						
Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física						
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio						
DADOS DO PARECER						
Número do Parecer: 5.656.371						
Apresentação do Projeto:						
As informações contidas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas dos documentos apresentados para apreciação ética e das informações inseridas pelo Pesquisador Responsável do estudo na Plataforma Brasil.						
Introdução:						
Atualmente o circo está presente nos mais diversos e variados lugares, em todas as classes sociais, é praticado por pessoas de diferentes formações econômicas, culturais e com objetivos distintos.						
"O circo só se perpetuou graças a dois aspectos: a transmissão do saber de pai para filho e o ensino proporcionado por uma escola".						
Antigamente a prática do circo era somente para os filhos de circenses, repassado de geração para geração, ou para aqueles que fugiam com o circo.						
Silva e Abreu (2009) ressaltam que no decorrer do tempo as famílias tradicionais passaram por muitas transformações e com o seu progresso, houve a necessidade de ensinar circo para fora da lona, surgindo, então, as escolas de circo.						
<table border="0"> <tr> <td>Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I de Faculdade de Ciências Médicas</td> </tr> <tr> <td>Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887</td> </tr> <tr> <td>UF: SP Município: CAMPINAS</td> </tr> <tr> <td>Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@unicamp.br</td> </tr> </table>			Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I de Faculdade de Ciências Médicas	Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887	UF: SP Município: CAMPINAS	Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@unicamp.br
Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I de Faculdade de Ciências Médicas						
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887						
UF: SP Município: CAMPINAS						
Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@unicamp.br						
Página 01 de 17						



Contribuição do Parecer: 5.656,371

Outros	Convite_Entrevista.pdf	11:58:03	Raissa Cruz Falcade	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	07/09/2022 11:56:18	Raissa Cruz Falcade	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_5526301.pdf	07/09/2022 11:55:44	Raissa Cruz Falcade	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investidor	PROJETOCEP_DETALHADO.pdf	07/09/2022 11:52:06	Raissa Cruz Falcade	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista.pdf	08/08/2022 11:39:32	Raissa Cruz Falcade	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_5520208.pdf	08/08/2022 11:36:58	Raissa Cruz Falcade	Aceito
Outros	Carta_convite.pdf	08/08/2022 11:31:46	Raissa Cruz Falcade	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	09/06/2022 17:40:26	Raissa Cruz Falcade	Aceito
Declaração de Pesquisadores	AtestadoMatricula.pdf	07/06/2022 22:15:24	Raissa	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	07/06/2022 22:14:21	Raissa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 21 de Setembro de 2022

Assinado por:

Renata Maria dos Santos Coleghini
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8930 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@unicamp.br

ANEXO B: Carta convite**CARTA DE SOLICITAÇÃO À INSTITUIÇÃO**

Prezado (a) Diretor (a),

Esta carta tem como objetivo solicitar junto a esta prestigiada instituição a autorização para realizar parte da pesquisa intitulada "Atividades circenses: o ensino do tecido no âmbito escolar" nas dependências da mesma.

Pesquisadora responsável: Raissa Cruz Falcade

Orientação da pesquisa: Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto – FEF/UNICAMP

OBJETIVO DA PESQUISA: O presente estudo tem como objetivo descrever de maneira aprofundada como vem sendo realizado o ensino do tecido no contexto escolar a partir da experiência de professores/as especialistas, em combinação com a experiência da pesquisadora.

JUSTIFICATIVA: Embora o circo tenha raízes seculares, é notório que a partir da década de 1980 esse fenômeno vem transformando-se e ganhando espaço no contexto educacional, incluindo nas atividades escolares. De modo mais específico, vem ampliando sua presença nas aulas de Educação Física. Não obstante, diferentes obstáculos são relatados pelos docentes quanto ao ensino das diferentes modalidades circenses, principalmente com respeito às denominadas "aéreas". Logo, a experiência produzida por professores/as em escolas é um dos caminhos para ampliar os conhecimentos, aumentar o intercâmbio e assim adensar nossa compreensão das distintas estratégias que podemos empregar para ensinar o tecido na escola com segurança e em harmonia com os objetivos e as condições escolares, gerando não somente a prevenção ou a promoção da saúde, mas facilitando o acesso a essa cultura.

METODOLOGIA: O procedimento de coleta de informações será realizado por meio de uma pesquisa qualitativa do tipo etnografia, descrevendo a experiência da pesquisadora nesta escola, destacando todos os procedimentos, desde a implementação do projeto, estruturas das aulas e os processos pedagógicos adotados. Posteriormente, pretendemos realizar um estudo de campo com docentes de outras escolas que incluirá a aplicação de um questionário e entrevistas semiestruturadas. Ambos procedimentos serão realizados de forma on-line. Em seguida discutiremos os resultados apresentados pelos professores entrevistados além de apontar possíveis soluções e ferramentas pedagógicas que possam ser utilizadas em outros espaços educacionais.

TERMOS DA PARTICIPAÇÃO: Ao participar a instituição permitirá o uso das informações obtidas nestas atividades para uso único e exclusivamente acadêmico-científico, o sigilo enquanto a identidade da escola será mantida em todo momento. No final da pesquisa, será encaminhada uma cópia do relatório final.

